



RIO

PUC

Dissertação de Mestrado

Articulações digitais de (in)segurança:

Uma análise da expansão digital da extrema
direita a partir da Conservative Political Action
Conference (CPAC)

Luiza Arruda Ferreira Comstante

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Relações Internacionais

Rio de Janeiro 26 de setembro de 2025



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Dissertação de Mestrado

Articulações digitais de (in)segurança:

Uma análise da expansão digital da extrema
direita a partir da Conservative Political
Action Conference (CPAC)

Luiza Arruda Ferreira Constante

Orientação: Professor(a) Monica Herz

Coorientação: Professor(a) Luisa Cruz Lobato

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais pelo programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, no Instituto de Relações Internacionais da PUC- Rio.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2025



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Articulações digitais de (in)segurança: Uma análise da expansão digital da extrema direita a partir da Conservative Political Action Conference (CPAC)

Luiza Arruda Ferreira Constante

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Relações Internacionais Aprovada pela Comissão
examinadora abaixo:**

Professor (a) Monica Herz

Orientador (a)

Instituto de Relações Internacionais

Professor (a) Luisa Cruz Lobato

Co-Orientador(a)

Instituto de Relações Internacionais

Professor (a) Andrea Ribeiro Hoffmann

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professor (a) Isa Lima Mendes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Rio de Janeiro, 26 de setembro 2025



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Luiza Arruda Ferreira Constante

Graduou-se em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi pesquisadora bolsista do Laboratório de Estudos de Segurança e Defesa (LESD) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de pesquisa de Gênero e Direitos Humanos. Atuou como pesquisadora assistente do projeto Mudral (Multilateralismo e a Direita Radical na América Latina), voltado ao estudo da atuação da direita radical latino-americana e suas repercussões para o multilateralismo. Interesses de pesquisa: Estudos Críticos de Segurança, Extrema direita, Espaço digital, Estudos de Ciência e Tecnologia.

Ficha Catalográfica

Constante, Luiza Arruda Ferreira

Articulações digitais de (in)segurança : uma análise da expansão digital da extrema direita a partir da Conservative Political Action Conference (CPAC) / Luiza Arruda Ferreira Constante ; orientadora: Monica Herz ; co-orientadora: Luisa Lobato. – 2025.

131 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2025.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Espaço digital. 3. Extrema direita. 4. CPAC.
5. Expansão internacional. I. Herz, Monica. II. Lobato, Luisa Cruz. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. IV. Título.

Resumo

Arruda, Luiza Ferreira Constante. Herz, Monica. (orientadora). **Articulações digitais de (in)segurança: uma análise da expansão digital da extrema direita a partir da Conservative Political Action Conference (CPAC)**. Rio de Janeiro, 2025. 131p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa busca analisar de que modo o espaço digital contribui para o processo de internacionalização da extrema direita global. Tal premissa será explorada a partir da Conservative Political Action Conference (CPAC), conferência atualmente associada à extrema direita que passou por um processo de expansão tanto internacional (a partir da implementação de edições transnacionais) quanto digital. A presença indissociável do espaço digital na formação de novos fenômenos políticos da contemporaneidade denota a importância de compreender seu papel para uma conferência que se demonstra com alto poder de patrocínio e financiamento. Através de uma análise desta dupla expansão, associado ao discurso de cunho “anti-globalista” da extrema direita, argumenta-se que o espaço digital, ao ser associado com múltiplos componentes e instituições que formam a CPAC, constroem uma articulação de (in)segurança que incentiva a circulação do discurso de (in)segurança da extrema direita contemporânea.

Palavras-chave

Espaço digital, extrema direita, CPAC, expansão internacional

Abstract

Arruda, Luiza Ferreira Constante. Herz, Monica (Advisor). **Digital (in)security compositions: Far right's digital expansion through Conservative Political Action Conference (CPAC) process of internationalization.** Rio de Janeiro, 2025. 131p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation seeks to address the importance of digital spatialities to global far right's process of internationalization. This proposal will be further developed through the Conservative Political Action Conference (CPAC). Although CPAC's origins from a deep historical process of conservative and Republican coalitions in the United States, the conference is currently mostly associated to the far right spectrum. Recently, the conference went on an expansion process through two main categories: its internationalization by executing transnational CPAC editions across the globe, and in the digital space (mainly through their website and also engaging on social media platforms). The indivisible presence of digital spatialities in shaping new politics of contemporary society denotes the importance of understanding its role for a conference that demonstrates high sponsorship and funding potential. This research aims to analyze the dual expansion of CPAC, associated with the "anti-globalist" discourse of the far right in order to identify far right's main characteristics, it will be argued that digital space, when associated with the multiple artefacts and institutions that constitute CPAC, constructs an articulation of (in)security that encourages the circulation of the (in)security discourse of the contemporary global far right.

Keys Words:

Digital space; cyberspace; far right; CPAC; internationalization

Agradecimentos

Agradeço ao Instituto de Relações Internacionais (IRI/PUC-Rio), que me possibilitou auxílio e incentivo para desenvolver esta pesquisa. À todo corpo docente, discente e funcionários aos quais dividi meus dias no departamento, obrigada pelos anos de aprendizado que me motivaram a continuidade deste trabalho.

Ao projeto MUDRAL - Multilateralismo e a Direita Radical na América Latina, pelo auxílio concedido que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa e a conclusão do mestrado. Muito além disso, agradeço imensamente pela equipe incrível que dividi meus dias em prol do esforço coletivo em pesquisar a extrema direita latino-americana e o sistema multilateral. Aos coordenadores Monica e Giancarlo; seu time de pesquisadores – Andrea, Flavia, Paulo, Isa e Luisa; e seus assistentes de pesquisa – Mylena, Victor e Gaio. Muito obrigada pela oportunidade de compartilhar suas vivências comigo ao longo desses anos de trabalho.

Às minhas orientadoras: Monica Herz, muito obrigada pelo apoio e estímulo e inúmeros ensinamentos que me motivaram a seguir pelo projeto desta dissertação. Luisa Lobato, agradeço imensamente pela troca e parceria que construímos, sem sua orientação esta dissertação não seria possível.

Para minha família: Meus pais Andrea e José Luiz, minha irmã Livia (poshi), vó Vera, tio Fred, tia Aline, tia Erika, Miguel e Clara. Vocês sempre serão minha base e meu grande incentivo para seguir. Obrigada pelo apoio diário que possibilitaram a escrita dessa dissertação.

À Ana Flávia, minha amiga mais próxima que, mesmo de longe, me motivou a seguir e sobreviver mesmo nos piores momentos. E, claro, aos grandes amigos que fiz graças à vivência no IRI: Duda, Christian, Thiago e Mylena. Sem vocês, todo o mestrado não seria o mesmo, carregarei vocês comigo para sempre. Muito obrigada.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. DE CONFERÊNCIA REPUBLICANO À PONTO DE ENCONTRO DA EXTREMA DIREITA: A “RADICALIZAÇÃO” DA CPAC SOB O DISCURSO DO INIMIGO GLOBALISTA.....	11
2.1 Sobre a CPAC: da direita tradicional conservadora para a extrema direita	11
2.1.2 “Trumpificação” da CPAC	15
2.2 Extrema direita	19
2.2.2 Relações Internacionais e estudos de extrema direita: vínculo interdisciplinar gradual	21
2.2.3 O “internacionalismo reacionário” da extrema direita: anti- globalismo	23
2.3.1 Sobre o amplo espectro de inimigos: a antítese amigo/inimigo ...	28
2.3.2 A construção do inimigo e a extrema direita	30
2.3.3 Inimigo anti globalista na CPAC.....	32
2.4 Extrema direita como movimento social.....	37
2.5 Plataformas digitais e extrema direita	41
3. A DUPLA EXPANSÃO DA CPAC: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EXTREMA DIREITA EM JUSTAPOSIÇÃO A PRESENÇA DIGITAL VIA REDES DE DESINFORMAÇÃO	44
3.1 Introdução	44
3.2 Sobre a expansão Internacional da CPAC.....	47
3.2.2 Japão	48
3.2.3 Brasil.....	50
3.2.4 Hungria	53

Sumário

3.2.5 México e Argentina	57
3.3 Discurso de (in) segurança na CPAC: pensar a segurança no contexto de reconstrução permanente do globalismo cotidiano	58
3.4 Expansão digital: espaço digital e o consumo da informação por meios alternativos	61
3.4.2 Sobre o espaço digital	61
3.4.3 O espaço digital da CPAC	63
subversão da narrativa.....	68
3.5.2 O uso do espaço digital como propagação discursiva por parte dos movimentos sociais de extrema direita	72
3.5.3 Sobre a desinformação da extrema direita	73
3.5.4 Desinformação e extrema direita no sistema híbrido de mídia	76
4. ARTICULAÇÕES DIGITAIS NA ERA DAS <i>AFFORDANCES</i>: A EXTREMA DIREITA ENTRE A INFRAESTRUTURA DIGITAL E SEUS FLUXOS DA INFORMAÇÃO	81
4.1 Introdução	81
4.2 Sobre as transformações do espaço digital: uma infraestrutura de <i>affordances</i> e a centralidade das plataformas	83
4.2.2 Sobre o conceito de <i>affordances</i> : uma proposta para um olhar colaborativo de ressonância	87
4.4. Análise: a presença da CPAC no espaço digital em suas redes sociais	93
4.4.2 Influencers extrema direita.....	96
4.5 O “arquivo incompleto” dos movimentos sociais no espaço digital: vantagens para o discurso da extrema direita?	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

1. INTRODUÇÃO

O espaço digital transformou o modo como movimentos de extrema direita atuam e se articulam na contemporaneidade. Desde 1996, a partir da criação de um website próprio do grupo supremacista branco estadunidense *Stormfront*, importância desse ambiente digital ficou cada vez mais clara devido a formação de comunidades virtuais de mobilização extremistas (Fielitz; Thurston, 2018, p.

8). Desde então, nota-se o crescente acesso da sociedade civil aos aparatos tecnológicos, em conjunto com as transformações da internet para o modelo Web 2.0, que priorizam a cultura participativa e a produção de conteúdo ativo do usuário (*user-generated content*) (Gehl, 2011, p. 1229).

Desse modo, as tecnologias que proporcionam o imediatismo do acesso à informação e na formação de conexões virtuais (Gehl, 2011, p. 1230) são protagonistas em impulsionar processos de mobilização através de vias de comunicações instantâneas e cada vez mais acessíveis entre uma ampla variedade de indivíduos simultaneamente (Caiani; Kröll, 2015, p. 2). Essas mudanças foram essenciais para articulações contemporâneas de extrema direita por intermédio de redes digitais. Estudos nesta temática destacam as particularidades oferecidas por esse ambiente, como uma certa sensação de “segurança” em promover pautas extremistas sem repressão política (Caiani; Kröll, 2015, p. 2), a possibilidade de recrutamento e radicalização de novos membros (Liang, 2022, p. 1021), a disseminação de desinformação e teorias da conspiração (Whittaker et al., 2021) e na aplicação de recursos multimídia (vídeos, memes...) para circulação de ideologias extremistas virtualmente (Fielitz; Thurston, 2018, p. 12).

A presente pesquisa possui como ponto de partida a percepção da extrema direita como movimento em processo de internacionalização, consolidado e moderado via redes digitais. Por meio de mecanismos presentes na arquitetura do espaço digital, assim como as dinâmicas de funcionamento das plataformas, nota-se sua contribuição para a continuidade da expansão de narrativa conspiracionistas de extrema direita. A identificação entre o espaço digital e sua relevância para uma cooperação da extrema direita a escala global, nesse sentido, é o primeiro ponto de partida para análise desta articulação que ultrapassa fronteiras domésticas convencionais. Entende-se que a extrema direita contemporânea se

consolida via a percepção de um inimigo que é comum e global (Musharbash, 2021, p. 39), o que justificaria a cooperação e mobilização política transfronteiriça. Enquanto líderes políticos de extrema direita da política global estabelecem redes transnacionais que colaboram para o estabelecimento de uma agenda comum e financiamento de seus partidos políticos (Forti, 2024, p. 25), como também marcam presença em fóruns multilaterais próprios como a *Conservative Political Action Conference* (CPAC) (Ferreira, 2019), outro espectro de atores desse movimento social age na disseminação do discurso nas redes digitais.

Mas o processo de delimitação do que vem a ser tratado desta dissertação parte de, após breve revisão acerca das conexões entre a extrema direita e as plataformas digitais, vem justamente de questionamentos levantados a partir do exemplo citado parágrafo acima. Fundada em 1974, a *Conservative Political Action Conference* (CPAC) surge com o propósito de integrar figuras políticas do conservadorismo estadunidense sob associação da *American Conservative Union* (ACU), buscaram principalmente integrar a direita conservadora em uma agenda política centralizada. Após décadas de articulação e crescimento gradual, a conferência se tornou fundamental para o conservadorismo e a construção ideológica a ser representada no Partido Republicano.

A transformação deste panorama se consolida através da infiltração da extrema direita à conferência, transformando um espaço que, se antes possuía a proposta de unir diferentes vertentes do conservadorismo e fomentar o debate, perde então esta característica. A partir de 2014, a chegada de Matt Schlapp à liderança da ACU trouxe transformações significativas à CPAC. Aliado de Donald Trump e membro de seu círculo de influência, sua gestão reestruturou a agenda da CPAC do tradicionalismo Republicano à “Trumpficação” de extrema direita (Sanders; Jenkins, 2023, p. 7). Desde então, a conferência anual se transformou em um espaço de apoio ao presidente americano e na elaboração de estratégias a fim de manter o poder e influência de suas pautas (Nussbaum, 2018). Para além dos fóruns anuais em Washington D.C, surgiram novas ramificações em edições especiais, tais como a CPAC Florida e CPAC Texas (Sanders; Jenkins, 2023 p. 8).

Mas a CPAC adquiriu sua força de modo ainda mais elevado a partir da inauguração de edições especiais em outros países, interligando a agenda da

extrema direita estadunidense com outras partes do globo. Recentemente, além de expandir suas conferências anuais de Washington D.C para outras regiões dos EUA; adquiriu uma dimensão transnacional ao sediar seus eventos em países tais como: Brasil; México; Japão; Austrália; Japão; Coreia do Sul; Hungria; Israel (Sanders; Jenkins, 2023, p. 7-8); Argentina e Polônia. A chegada da CPAC ao cenário internacional representa um processo de articulação e mobilização transnacional à extrema direita em que a rejeição ao ‘globalismo’ e ‘elites liberais transnacionais’ se une ao apelo por uma união transnacional contra um inimigo em comum (p. 9-10).

O processo de expansão da CPAC a partir de suas edições transnacionais consolidou sua relevância de um evento que antes era restrito aos Republicanos dos EUA para um símbolo da cooperação e diálogo da extrema direita internacional. Trata-se de um projeto que busca expandir de forma sólida a relevância da conferência para a extrema direita. Em 2024, a primeira edição da CPAC Argentina, além da continuidade das edições do México, Hungria, Brasil, Austrália e Japão nos anos seguintes reforçam um esforço pela cooperação conservadora que atingiu consistência em escala transnacional.

Para além de um espaço voltado a conexões interpessoais, as novas ramificações da CPAC que ganharam força nestes últimos anos apontam uma extrema direita que é interligada por interesses comuns. Este seria um indicativo que, apesar das particularidades intrínsecas de cada movimento, o fortalecimento da extrema direita refere-se a um processo que atingiu uma escala transnacional (Forti, 2024, p. 23). Mais especificamente, o reconhecimento de uma agenda comum contra um “inimigo global” (Musharbash, 2021) seria fator mobilizador de estratégias políticas compartilhadas entre si (Forti, 2024, p. 25).

Para além da captação por parte da extrema direita de um evento já consolidado os auxilia a partir da possibilidade de um ponto de encontro que fortaleça sua imagem como bloco coletivo. A conferência antes associada à direita tradicional que levou décadas para se firmar e integrar o conservadorismo republicano, se transformou em um ponto de encontro para a extrema direita global. Inúmeros representantes comparecem à CPAC para firmarem seu posicionamento como membros de uma aliança ‘anti-globalista’, em prol de um objetivo que lhes é comum.

Considerando a CPAC como um objeto com suas particularidades ao ser cooptado pela direita radical, somado à expressividade da sua internacionalização, de que modo a conferência tornaria visível com o aspecto das plataformas digitais? A CPAC possui forte presença no espaço digital. Sua filiação principal possui *website* próprio que, para além de se apresentar como um portal de notícias (Top News by CPAC) e fornece informações sobre os próximos eventos, se diferencia por seus recursos de *broadcasting*. O *website* possui uma seção intitulada “CPAC+”, que opera como uma espécie de canal televisivo online dividido nas categorias “*From the Stage*”, que exhibe transmissões ao vivo das edições dos EUA, além de disponibilizar determinadas edições internacionais, além de outros trechos e palestras selecionadas. Já as sessões “*CPAC Live*”, “*CPAC Now*” e “*On the Road*” se assemelham à programas televisivos convencionais, variando entre programas de entrevista e de debate que “seguem uma perspectiva conservadora”. Seus recursos também incluem a produção de conteúdos documentais originais (*CPAC Originals*), incluindo os documentários “*CPAC: The World Is Watching*” e “*The Culture Killers: The Woke Wars*”.

Seus perfis oficiais em redes sociais são outro destaque, visto que seguem sendo a forma de presença digital mais identificável nas suas edições transnacionais. Nota-se como cada edição possui atuação própria em perfis oficiais em plataformas digitais como o X (antigo Twitter) e Instagram. Apesar de determinadas edições manterem seus perfis inativos até a chegada de novos eventos locais (tais como México e Japão), os perfis dos EUA, Brasil e o patrocinador e financiador da CPAC Hungria se destacam por produzirem conteúdo em maior frequência. O engajamento das publicações dos perfis destas edições também se demonstra consideravelmente alto. A publicação do perfil do X da edição brasileira, por exemplo, alcançou quase 70.000 visualizações ao confirmar a presença de Javier Milei na edição de 2024, sediada em Balneário Camboriú (SC).

Vale ressaltar que a presença da CPAC no espaço digital ultrapassa seus perfis oficiais. Desde a divulgação massiva do evento por figuras políticas influentes que compareceram às suas edições, como o presidente de El Salvador, Nayib Bukele, que realizou uma cobertura assídua da CPAC EUA 2024 em seu perfil no X. Conhecido pelo uso do X para se conectar com seu eleitorado via discursos de caráter direto e jovial que incentivam a polarização (Reyes; Trejo, 2024), Bukele obteve a marca de 1,5 milhão de visualizações em publicação que

divulga seu discurso na íntegra durante a CPAC EUA 2024. Outro exemplo influente neste cenário digital é Santiago Abascal, presidente do partido espanhol Vox e figura líder na extrema direita espanhola. Abascal compareceu e discursou nas edições dos Estados Unidos, Hungria e Brasil no ano de 2024, realizando também uma cobertura de cada uma destas edições e divulgando o discurso ali propagado para sua audiência nas redes. Já Eduardo Bolsonaro realizou transmissões ao vivo do evento gratuitamente em seu canal oficial no Youtube, durante a CPAC Brasil 2019.

O panorama descrito acima demonstra que o fortalecimento da CPAC perpassa por um processo de dupla expansão: edições transnacionais e expansão de suas ramificações digitais. Enquanto a primeira etapa demanda patrocínio e financiamento advindos de figuras e organizações políticas já consolidadas, a digitalização cumpre outro objetivo intrínseco à lógica da extrema direita, isto é, seu diálogo com a audiência.

Apesar das divergências quanto a seus objetivos, esta dupla expansão não pode ser analisada de maneira separada, mas como parte de um processo que busca atingir um objetivo comum: a internacionalização da extrema direita usufruindo da CPAC como ponto de encontro. Embora a conferência seja aberta ao público (mediante disponibilidade), sua relevância perante seu público-alvo se faz através da circulação do discurso ali proferido nas plataformas digitais.

A presença indissociável do espaço digital na formação de novos fenômenos políticos da contemporaneidade denota a importância de compreender seu papel para uma conferência que se demonstra com alto poder de patrocínio e financiamento. É possível observar que os articuladores da conferência compreendem que, a fim de utilizá-la como palco da articulação internacional da extrema direita, urge então a necessidade de diversificar seu público e diálogo com a audiência via duas etapas: diversificação de suas edições e o posterior aumento da circulação e presença do evento nas redes digitais.

A presente pesquisa parte do histórico da CPAC e seu respectivo processo de dupla expansão para discorrer acerca da internacionalização da extrema direita a circulação de seus discursos na contemporaneidade. O espaço digital, especialmente as plataformas digitais, consta como uma variável de importante destaque e relevância para captar de que modo suas redes contribuem para o crescimento da articulação da extrema direita na política internacional. Dito isso,

a pergunta de pesquisa a nortear esta dissertação consiste na busca de compreender de que modo o espaço digital, em especial as plataformas digitais, contribuem para a expansão internacional da extrema direita. Utilizando da CPAC como objeto que tornará visível este debate, tem-se como objetivo compreender a relevância das plataformas digitais para o fortalecimento da extrema direita como um movimento social global.

A propagação do discurso de (in)segurança da CPAC perpassa diretamente por aparatos tecnológicos e suas respectivas plataformas digitais. Esta aproxima e torna possível discursos antes restritos a determinados contextos e articulações sociais. Como se constrói, então, a intersecção entre o movimento social aqui explicitado e as redes digitais? Conforme apontado por Sorce e Dumitrica (2022, p. 164-165), a fusão de ambos os elementos trazem novas formas de se difundir discursos e expandir movimentos (seja para a formação de comunidades virtuais ou para o uso de suas *affordances*), neste caso a internacionalização da extrema direita.

Diante dessa perspectiva, Stephanie Baele *et al.* (2020, p. 1600) denota como o ambiente digital consiste em um componente fundamental nesta dinâmica. Suas características sociotécnicas conferem o digital como um ecossistema de extrema direita de caráter dinâmico e multidimensional. Paralelamente, na obra “*Security Compositions*”, Austin (2019) discorre sobre a contemporaneidade é demarcada pela multiplicidade de infraestruturas e aparatos materiais-estéticos para a constituição da percepção dos problemas de segurança. Mais especificamente, a segurança é mediada por aparatos tecnológicos e contribui para uma percepção variável dos discursos de (in)segurança, especialmente se associamos a questões como as cadeias de desinformação promovidas pela extrema direita. Ao unir o raciocínio dos autores, é possível apontar o digital como componente que, em associação com as organizações políticas responsáveis pelas edições transnacionais da CPAC, constrói uma rede de circulação do discurso da extrema direita contemporânea. A junção destes aparatos traz à tona, portanto, a formação de sistemas completamente inéditos de acordo com a percepção variável da audiência (ou seja, usuários).

Diante dessa perspectiva, a CPAC como ponto que torna possível visualizar a interconexão entre a extrema direita e as plataformas digitais perpassa por dois aspectos principais. A conferência possui pouco destaque na literatura atual como

ponto de atenção principal¹. A relevância da conferência conservadora para a extrema direita atual é inegável na literatura, sendo constantemente citada como exemplo na bibliografia. Entretanto, a CPAC ainda é pouco abordada de forma centralizada, sendo utilizada como ponto de partida para uma análise mais aprofundada a partir de um objeto em específico. Tal observação se torna ainda mais aparente quando adicionamos o aspecto do espaço digital na análise. Dito isso, esta pesquisa busca a partir destes questionamentos levantados a partir de revisões de literatura, desvendar de que modo o espaço digital contribui para o processo de expansão internacional da extrema direita. Construir uma análise a partir da CPAC como objeto referencial permite contribuir para a literatura acerca da interconexão entre a extrema direita e o espaço digital a partir de um objeto de forma pouco explorada de forma centralizada.

Paralelamente, utilizar a CPAC como referencial para visualizar a relação entre as plataformas digitais e a extrema direita possibilita pensar na contribuição do digital de forma que não proponha um determinismo tecnológico (tecnologia como agente único de explicação de fenômenos políticos). A conferência conservadora, que já construiu uma base sólida por meio de seus patrocinadores, financiadores e representantes políticos, facilita a relevância para a cooptação pela extrema direita de um evento já estabelecido. Nesse sentido, trazer o digital para o debate permitirá também escapar de uma análise de viés determinismo sociológico (entender a tecnologia unicamente como extensão da política).

O objetivo de unir este debate por intermédio da CPAC busca demonstrar que, ao trazer para a centralidade do debate o aspecto digital para uma ramificação da extrema direita, compreender a relevância do digital como componente de uma articulação de (in)segurança. Mais especificamente, trata-se do movimento de demonstrar que a relevância das plataformas digitais para a internacionalização da extrema direita está inserida em uma composição ainda mais ampla. No caso a ser desenvolvido nesta pesquisa, a extrema direita global está pautada em um contexto de articulação entre a internacionalização do movimento ao usufruírem de uma

¹ Em exceção as obras de Parker (2015): *‘CPAC: The Origins and Role of the Conference in the Expansion and Consolidation of the Conservative Movement, 1974-1980’*; Sanders e Jenkins (2023): *‘Patriarchal populism: The conservative political action coalition (CPAC) and the transnational politics of authoritarian anti-feminism’*; e Barbosa (2024) *‘As relações internacionais dos Bolsonaros e suas articulações com a extrema direita latino-americana através do think tank “Instituto Conservador Liberal–CPAC Brasil”*.

conferência conservadora enquanto se beneficiam do espaço digital a fim de circularem seu discurso para sua audiência.

O marco teórico consiste no incentivo ao diálogo interdisciplinar entre as Relações Internacionais e os Estudos de Ciência e Tecnologia. Com uma ênfase especial aos Estudos de Segurança, o objetivo consiste em aprofundar a forma como o espaço digital é visto neste campo de estudos do internacional. A proposta aqui reside em não apenas em considerar a conexão entre o espaço digital e as dinâmicas políticas aqui descritas, como também entender o digital como uma infraestrutura (Sandvig, 2013) em si mesma. Tal posicionamento permitirá compreender de modo mais assíduo as dinâmicas de entrecruzamento que formulam a articulação entre a internet e sociedade em constante coevolução. Nesse debate, o que seria aparentemente invisível nos estudos do espaço digital na composição do internacional devem assumir maior protagonismo, especialmente na contemporaneidade. Se, por um lado, o espaço digital é uma ferramenta importante a fim de difundir o discurso de (in)segurança da extrema direita, é igualmente um ambiente com suas particularidades que podem complexificar a forma como se analisa esta articulação de atores e processos políticos.

O arcabouço metodológico consiste na análise de discurso da extrema direita, especialmente via seleção de discursos de representantes da extrema direita proferidos na CPAC. Os discursos foram obtidos por transmissões ao vivo dos eventos, especialmente no Youtube e C-SPAN, além de transcrições destes discursos publicadas em coletâneas e arquivos oficiais destes políticos ou instituições que representam. Somada a análise de conteúdo de sua presença no espaço digital. A coleta de dados se restringiu a materiais de fácil acesso na internet, dentre estes: transmissões ao vivo gravadas, reportagens jornalísticas e publicações nas plataformas digitais. Analisar o conteúdo da CPAC no espaço digital envolve também identificar o espaço digital como um arquivo e ambiente de documentação extensa de dados (Lupton, 2016).

No primeiro capítulo, será abordado o processo de desvinculação gradual da *Conservative Political Action Conference* da direita conservadora tradicional, se transformando em um ponto de encontro para a extrema direita. Somado a isso, será discutido as definições e principais características pelas quais esta pesquisa toma como lente analítica. O segundo capítulo engloba o processo de internacionalização da CPAC a partir de suas edições transnacionais. Será discutido de que modo o

discurso proferido na CPAC circula na sociedade civil a partir da sua presença no espaço digital, especialmente em seu próprio *website* e sua atuação como mídia alternativa. O último capítulo abordará aspectos mais específicos do espaço digital no que tange as plataformas digitais, somado ao complexo panorama de articulação do discurso em que a conferência atua e se beneficia através das plataformas digitais.

2. DE CONFERÊNCIA REPUBLICANO À PONTO DE ENCONTRO DA EXTREMA DIREITA: A “RADICALIZAÇÃO” DA CPAC SOB O DISCURSO DO INIMIGO GLOBALISTA

2.1 Sobre a CPAC: da direita tradicional conservadora para a extrema direita

A fim de entender a relação da *Conservative Political Action Conference* (CPAC) com a extrema direita na conjuntura contemporânea, será preciso traçar um panorama de suas origens até sua gradual transformação em um ‘ponto de encontro’ de forças extremistas. Fundada em 1974, a conferência passou por um longo percurso até a execução de sua edição inaugural. Em um contexto marcado pela iminente fragmentação do conservadorismo nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 à 1970, o nascimento da CPAC está conectado aos esforços desta época que buscavam mudar este panorama (Parker, 2015, p. 55-57).

Destaque será dado ao movimento intelectual de cunho conservador deste período em questão. Sob a forma de editoriais de opinião e plataformas de difusão próprias, determinadas revistas adquiriram poder de influência e capacidade de articulação política local (Parker, 2015, p. 56). Criada por William F. Buckley em 1955, a revista *National Review* buscava integrar diversas correntes intelectuais do meio conservador sob forma de um editorial de jornal. Segundo Sivek (2008, p. 250), o conceito de ‘ser conservador’ possuía um aspecto generalista e sem fronteiras claramente definidas. Era evidente a dificuldade de estabelecer uma identidade coletiva conservadora, se dividindo em três vertentes principais: tradicionalismo², libertarianismo³ e anticomunismo⁴.

O corpo editorial do *National Review* era composto por escritores destas três vertentes, com uma nítida dificuldade de debater entre si e chegar a um consenso explícito acerca das diretrizes comuns da revista (Sivek, 2008, p. 253). Unir estas

² Ideologia que se opõe ao relativismo moral, buscam o reestabelecimento da supremacia divina, hierarquia social e dogmas religiosos no meio social (Sivek, 2008, p. 250)

³ Crença na mínima regulação estatal (Estado Mínimo) nas atividades de mercado (Sivek, 2008, p. 250).

⁴ Oposição ao comunismo, doutrina que segundo o anticomunismo restringiria liberdades individuais.

perspectivas e demonstrar seus pontos em comum se tornou objetivo primordial de Buckley, visando tornar o discurso do editorial coerente e com uma identidade clara (Sivek, 2008, p. 254). O editorial inaugural de 1955 atingiu seus objetivos ao traçar uma doutrina política abrangente acerca do conservadorismo, além de trazer maior riqueza de detalhes através de dois aspectos principais: o princípio de liberdade como norteador do conservadorismo (Parker, 2015, p. 56), além da construção do inimigo liberal (Sivek, 2008, p. 256). Desse modo, o editorial não somente foi capaz de construir uma identidade coletiva, mas também uma mobilização política através de um alvo comum. O *National Review* será fundamental para a formação da CPAC futuramente. Considerando que o esforço intelectual da década de 1950 em unificar e promover o diálogo entre correntes conservadoras aparentemente divergentes, este será o primeiro passo que demonstrará uma linha de raciocínio em que, além de incentivar o diálogo e o pensamento comum, seria preciso também a formação de uma coalisão política a fim de expandir seus interesses.

Posteriormente, o consumo por revistas e editoriais conservadores se tornam um pilar fundamental para organizar as primeiras reuniões e conferências do âmbito conservador. De 1960 a 1963, o periódico de notícias *Human Events* viabilizou reuniões que agregavam o movimento conservador para dialogarem entre si em eixos temáticos previamente delimitados. Intituladas na época como “*Human Events Conferences*” (Parker, 2015, p. 58), serviriam de inspiração para o modelo de eventos da CPAC já reconhecidos atualmente. Foi a partir dessas reuniões organizadas pela *Human Events* que surgiu a mobilização política em prol da campanha de Barry Goldwater à presidência dos EUA, que perdeu às forças no resultado desfavorável posteriormente (Parker, 2015, p. 60).

Nesse contexto, em busca de recuperar a articulação política detectada neste período, surge então a *American Conservative Union* (ACU), também reconhecida como *ACU Foundation*. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos que, inicialmente, não incentivou a integração conservadora da forma que almejava. Suas sucessivas falhas em unir os conservadores se deve à ‘perda de ânimos’ em prol da causa comum desde a derrota das eleições por Goldwater. Além disso, este cenário é somado à crise no partido Republicano associada a figura de Richard Nixon e a perspectiva conflituosa que gerava tanto dentro quanto fora do meio conservador (Parker, 2015, p. 70). A partir de 1969, o movimento *Young Americans for Freedom* (YAF) idealizou uma conferência voltada para a ação conservadora, a

ser patrocinada juntamente com a *National Review*; *Human Events* e ACU (Parker, 2015, p. 61). De 1969 até 1974, os esforços destas quatro organizações estavam direcionados à inauguração da conferência conservadora.

No ano de 1974, a conferência inaugural foi então realizada com sucesso, patrocinada especialmente pela ACU. O evento foi marcado por Ronald Reagan como palestrante principal, evento este que sucedeu sua candidatura à presidência dos EUA via partido Republicano (Parker, 2015, p. 84). Com o objetivo de restaurar a integração conservadora e retornar ao poder via partido Republicano em mente, a edição de 1974 é vista como um marco crucial da trajetória de Reagan até a presidência dos Estados Unidos⁵ (Parker, 87). Tendo em vista o sucesso de sua primeira edição, a CPAC se consagrou de imediato como um fórum anual no qual ativistas, políticos, intelectuais e demais apoiadores se reuniam a fim de debater eixos temáticos previamente estabelecidos pelos organizadores (Parker, 81).

Nas edições seguintes, foi identificado a necessidade de fomentar o diálogo entre perspectivas distintas dentro do próprio conservadorismo a fim de manter estável a coalisão política. Desse modo, as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pela adição gradual de membros da Nova Direita à CPAC (Parker, 2015, p. 68). Segundo Jean-François Drolet e Michael C. Williams (2022, p. 26), apesar da multiplicidade de variantes da corrente dispersas pelo eixo Europa-Estados Unidos, uma característica comum principal que as unifica consiste na crença da hegemonia da esquerda liberal nas instituições e mecanismos sociais ocidentais. Tinham como objetivo a reconstrução do debate ideológico que assumiu o “poder cultural”, providenciando as ferramentas analíticas e intelectuais capazes de desafiar o sistema político-social vigente, desarticulando gradualmente o que se entendia pela ordem liberal internacional⁶.

Diante disso, a CPAC foi fundada essencialmente por membros da direita tradicional conservadora. Ainda sim, considerando o contexto de ascensão e início de uma coalizão independente da Nova Direita a partir da década de 1980, as CPAC's futuras presenciaram uma adição gradual desta coalizão em seus planos de ação e conteúdos principais ali discutidos. A inclusão da Nova Direita se

⁵ O comparecimento de Ronald Reagan à CPAC foi o primeiro compromisso de Reagan após assumir a presidência em 1981. Segundo o então presidente, a importância do evento era inestimável, considerando que ali discursou e dialogou com pessoas que o tornaram presidente futuramente (Keene, 2011).

⁶ Este conceito será mais aprofundado em breve ainda neste capítulo.

concretizou não apenas como convidados, mas palestrantes da conferência, incentivando um diálogo amplo e múltiplo (Parker, 2015, p. 67-68). O evento trouxe ainda mais significado para a necessidade de unir o fusionismo enfatizado pela direita conservadora com aspectos voltados à *policy* enfatizados pela Nova Direita (Drolet; Williams, 2022, p. 27). Ali se formava um novo epicentro de conexões, comunicação e integração conservadora, o que permitiu a redução gradual nas linhas que separam as perspectivas ideológicas. Isso faz com que o autor não considere ambas as coalizões de forma separada, mas linhas de pensamento que entraram em justaposição (Parker, 2015, p. 68-69) em prol de um objetivo comum: a chegada do conservadorismo ao poder nos Estados Unidos.

Com o passar dos anos, a CPAC se tornou parte indissociável do partido Republicano. Sua importância em meio ao partido o transformou em um evento de apresentação das figuras políticas conservadoras que pretendiam representar os Republicanos em cargos políticos, uma ação praticamente obrigatória para aqueles que desejavam se associar ao conservadorismo (Altman; Miller, 2014). Durante períodos eleitorais, as edições eram marcadas pela presença de *ballots* que inauguravam as primeiras pesquisas de opinião do período acerca dos candidatos preferidos do público a representar o partido Republicano, que eram consideradas ainda mais relevantes que outras realizadas por perfis midiáticos (Miller, 2015).

Esse cenário começou a se transformar lentamente a partir de 2011. Essa característica do evento passou a ser amplamente criticada por parte de seu público, apontando a falta de possibilidade de construir debates e diálogo com sua audiência e eleitorado. Paralelamente, a gestão de David Keene frente à *American Conservative Union* atingia um índice de rejeição cada vez mais elevado. O teor geral das críticas se referia a gradual associação ao mercado liberal por parte do partido Republicano e seus respectivos movimentos conservadores, visando maior apoio financeiro e político geral (Barr, 2011).

David Keene assumiu importância inestimável à CPAC desde o início de sua gestão na ACU a partir de 1984, aumentando a relevância e popularidade do evento frente a política americana como um todo. O gestor transformou a conferência conservadora de um evento de nicho atendido por algumas centenas de pessoas à popular conferência Republicana que contava com mais de 10.000 pessoas de média de público (Barr, 2011). Somado à desaprovação do escândalo

“pay to play” em troca de apoio no Legislativo à *FedEx Corporation* em 2009⁷, a CPAC de 2011 marcou o estopim de críticas associados ao fim de sua gestão. A 38ª edição anual foi marcada pela revolta ao incluir o grupo *GOProud*, associação da comunidade LGBTQ+ de direita, na lista de patrocinadores principais da conferência⁸. Este fato seria representativo da perda dos valores conservadores rígidos da CPAC conforme adesão política e financeira ao evento aumentava (Diamond, 2015). Em defesa à oposição, Keene publicou um artigo de opinião intitulado “*Keeping CPAC a big tent*” no periódico *The Hill*, no qual argumenta que a CPAC sempre prezou pela união entre conservadores em prol de seus princípios comuns, apesar das divergências em determinadas temáticas. Desse modo, a tentativa de impedir a participação daqueles que não estão de acordo seria um modo de descumprir o objetivo inicial da CPAC referente à integração conservadora no país (Keene, 2011). Apesar disso, a edição finalizou com a saída voluntária de Keene do cargo de gestor da ACU. (Barr, 2011).

Entre 2011 e 2014, a *American Conservative Union* foi comandada por Al Cárdenas, que foi marcada por uma gestão com as mesmas aprovações e críticas já direcionadas anteriormente à David Keene⁹. A 40ª edição de 2024, contudo, marca o início da associação gradual da CPAC à extrema direita, especialmente à figura de Donald Trump.

2.1.2 “Trumpificação” da CPAC

⁷ Expressão “pay to play” (‘pagar para jogar’ em tradução literal) é uma prática comum no meio político e midiático em que a oferta de dinheiro é oferecida em troca de favores e privilégios concedidos ao doador. Neste caso, a empresa de remessas americana FedEx, em meio a um contexto de ameaça de perda de sua parcela de mercado em frente à novas propostas legislativas, recebeu uma solicitação da ACU em que a organização conservadora pagaria 2 milhões de dólares imediatos a empresa em troca de 3 milhões de dólares em retorno através de apoio à empresa no Senado e no patrocínio de suas propostas em eventos sediados pela ACU, como a CPAC.

ALLEN, Mike. Exclusive: Conservative group offers support for \$2M. **Político**. Disponível em <https://www.politico.com/story/2009/07/exclusive-conservative-group-offers-support-for-2m-025072> Acesso em 5 abr. 2025.

⁸ GONYEA, Don. Groups Skip Conservative Gathering Over Gay Sponsor. **NPR: National Public Radio**, 2011. Disponível em <https://www.npr.org/2011/02/03/133472250/groups-skip-conservative-gathering-over-gay-sponsor> Acesso em 5 abr. 2025.

⁹ Mais especificamente, as críticas se referiam a como a CPAC se transformou em um polo de entretenimento para um grupo exclusivo de conservadores associados à ACU.

CPAC 2013: Al Cardenas defends CPAC, challenges critics. **Político**, 2013. Disponível em <https://www.politico.com/video/2013/03/cpac-2013-al-cardenas-defends-cpac-challenges-critics-008733?filterVideo=> Acesso em 5 abr. 2025.

Muito antes de se tornar presidente dos Estados Unidos, Donald Trump não possuía quaisquer relação ou reconhecimento como figura política, sendo mais reconhecido como empresário e figura de programas televisivos¹⁰. Após múltiplas tentativas de associação partidária,¹¹ sua aparição na 38ª edição da CPAC de 2011 se tornou a principal alavanca de sua carreira política. Seu discurso, que deixou os convidados surpresos ao não estar relacionado na programação oficial, simbolizou a primeira vez em que declarava de forma explícita sua associação ao conservadorismo (Hallow, 2011). Trump declarou estar considerando uma nomeação à candidatura presidencial pelo partido Republicano, visto estar incomodado pela forma como os outros países ao redor do globo estavam tratando os EUA, buscando recuperar o poder hegemônico estadunidense¹².

Trump não conquistou o público Republicano e conservador de forma imediata, muito pelo contrário. Embora sua aparição surpresa à CPAC detenha grande repercussão, o então candidato não recebia tanto apoio se comparado à outras figuras políticas já consolidadas. Já em 2016, o então candidato cancelou sua participação já confirmada e antecipada à CPAC, fato este que sustentou o clima de incerteza com sua imagem e sua relação com o conservadorismo. Mais especificamente, representantes da audiência e da ACU declararam que se tratava de um momento crítico da história do movimento conservador nos Estados Unidos, sua ação indicava uma mensagem clara aos conservadores e Republicanos¹³.

O desenrolar dos acontecimentos mais adiante, contudo, demonstram uma clara mudança da percepção do público geral perante a figura de Donald Trump. A partir de sua nomeação à candidatura pelo partido Republicano, seguido de sua eleição ao cargo de presidente dos EUA, torna-se evidente sua popularidade exponencial em curto prazo. Nesse contexto, seu slogan *Make American Great*

¹⁰ . Herdeiro da empresa familiar voltada à obtenção e aluguel de imóveis à classe média (*Elisabeth Trump & Son*), Trump transformou o negócio para projetos luxuosos em Manhattan (rebatizando-a para *Trump Organization*), tais como: casinos, campos de golfe e hotéis de luxo. DONALD Trump's life story: From real estate to politics. **BBC News**, 2024. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-35318432> Acesso em 6 abr. 2025.

¹¹ HALL, Amy. Donald Trump was once a registered Democrat and party donor. So why did he jump ship? **SBS News**, 2024. Disponível em <https://www.sbs.com.au/news/article/donald-trump-was-once-a-registered-democrat-and-party-donor-why-did-he-jump-ship/wj85mj5yq> Acesso em 6 abr. 2025.

¹² DONALD Trump Remarks. **C-SPAN**, 2011. Disponível em <https://www.c-span.org/program/public-affairs-event/donald-trump-remarks/244635> Acesso em 6 abr. 2025.

¹³ BASH; KOPAN. Donald Trump backs out of CPAC. **CNN**, 2016. Disponível em <https://edition.cnn.com/2016/03/04/politics/donald-trump-skipping-cpac/index.html> Acesso em 6 abr. 2025.

Again (Fazer a América Grande Novamente) denotavam uma característica de associação que, antes vista como conservadora, se transformaram em discursos de tom extremista. No caso da CPAC, é fundamental apontar como sua posição anterior de incerteza se transformou em um pilar chave de apoio e até mesmo símbolo do extremismo de direita nos Estados Unidos. Visando entender essa transformação da figura de Trump, será necessário discutir dois aspectos principais: o início da gestão de Matt Schlapp frente à ACU, além do que esta pesquisa se refere ao conceito de extrema direita; respectivamente.

Ao assumir o cargo em 2014, Matt Schlapp se tornou um dos principais responsáveis pela então transformação político-ideológica da *Conservative Political Action Conference*. Já associado ao partido Republicano e então cofundador da emissora televisiva *Fox News*, Schlapp iniciou sua gestão em um contexto de crise financeira na ACU, buscando reverter esse panorama ao revitalizar a CPAC e trazer para o evento mais patrocinadores (Williamson, 2018). A revitalização se obteve via escuta às críticas feitas pelo público-alvo da conferência conservadora. Desse modo, se tornava obrigatório o diálogo dos palestrantes com a audiência e jornalistas (Diamond, 2015), somado a maior atração de patrocinadores e apoiadores aos eventos anuais.

Na edição de 2016, previamente à nomeação dos candidatos à presidência de cada partido, a ACU convidou todos os candidatos à nomeação sob estas novas diretrizes. Nesta ocasião, Trump não apenas recusou a possibilidade de responder aos questionamentos de jornalistas, como também pediu por mais tempo de fala que os outros candidatos. A ACU então não cedeu às imposições e resultou no não comparecimento de Trump ao evento, o que gerou revoltas dentro e fora do meio conservador (Williamson, 2018).

A partir da eleição de Donald Trump, porém, Matt Schlapp muda radicalmente seu posicionamento com relação ao então presidente, o que afeta também o direcionamento da *American Conservative Union* como um todo. O retorno político e financeiro direcionado à ACU cresceu substancialmente a partir do início do mandato de Trump em 2017, ao colocá-lo como atração principal da CPAC de 2017 e recusar a participação de políticos Republicanos contrários à Trump (Williamson, 2018). Este acontecimento denota um contexto ainda mais amplo com relação à crise no meio do Partido Republicano. A figura de Donald Trump, apesar de ser o representante mais popular associado ao partido, não

representava diretamente o conservadorismo tradicional. As múltiplas “fraturas internas” (Barber; Pope, 2019) denotam como o discurso de Trump não estava completamente associado ao conservadorismo de direita convencional que moldou a CPAC e o teor das conferências desde sua criação.

Em síntese, Donald Trump representa um discurso de teor de extrema direita. Em sua concepção clássica, Cas Mudde (2019) define extrema direita como um “termo guarda-chuva”¹⁴ para: a direita ultraradical (*extreme right*) que rejeita os princípios base da democracia liberal, tal como Nazifascismo; e a direita radical que, apesar de aceitar certas noções democráticas, se opõe a muitos de seus princípios chave como separação entre poderes e direitos das minorias. Este segundo subgrupo é comumente associado ao populismo, ampliando-a para “direita populista radical”, na qual há uma articulação entre populismo propriamente dito, autoritarismo e nativismo (conexão entre nacionalismo e xenofobia) (Mudde, 2019).

Com um discurso de teor antidemocrático, anti imigratório e ultranacionalista, as falas de Trump não representam de forma igualitária princípios defendidos no conservadorismo republicano convencional, especialmente sua conexão favorável com a democracia liberal. No âmbito da CPAC, o apoio ao então presidente estadunidense dependia diretamente de fissuras internas com as perspectivas anteriormente defendidas pela ACU, em especial a abertura ao diálogo a perspectivas divergentes. O antigo gestor da ACU, David Keene, em seu artigo de opinião publicado em 2024, faz a seguinte declaração:

A CPAC atraía então conservadores de todos os naipes. Conservadores sociais, anticomunistas e aficionados pelo livre mercado se reuniram para debater, se encontrar e se conectarem. Foi um verdadeiro encontro do movimento e foi copatrocinado por mais de três dúzias de organizações de centro-direita que se reuniram para elaborar a agenda de cada ano, forneceram palestrantes e canalizaram a participação em cerca de 200 estandes e eventos noite adentro. (...) Aquela CPAC não existe mais. Estávamos abertos a conservadores com visões amplamente divergentes, mas mantivemos os excêntricos de fora. (...) A conferência se tornou um espetáculo onde não são permitidos debates ou divergências, e seus organizadores controlam a agenda de cima para baixo, em vez de moldá-la de baixo para cima. Eles redefiniram o

¹⁴ Conforme apontam Monica Herz e Giancarlo Summa (2024), a contribuição de Mudde deve ser utilizada como ponto de partida para o pensamento da extrema direita, e expandido com novas delimitações e características. A partir da identificação dessas variáveis, será traçada a definição de extrema direita a ser abordada nesta pesquisa. Neste momento, se atrelar à definição de Cas Mudde em sua amplitude facilitará a execução da linha de raciocínio desta sessão.

conservadorismo, e muitas das organizações conservadoras tradicionais partiram para outros locais.

A CPAC de hoje é apenas para admiradores do ex-presidente Donald Trump — os descrentes são discretamente, ou não tão discretamente, desconvidados. O treinamento que oferecíamos sobre a definição de conservadorismo com base nos tempos, nos desafios e no debate aberto que fortalece ou enfraquece ideias novas e antigas e ajuda os alunos a encontrarem seu lugar no panorama geral desapareceu. Esse tom decididamente diferente permitiu que os encenqueiros retornassem e invadissem a taverna, e aqueles que chegaram antes deles estão indo embora (Keene, 2011, tradução livre).

Nota-se de forma evidente o processo de “Trumpficação” da CPAC. Conforme argumentam Rebecca Sanders e Laura Jenkins (2023, p. 6-8), a figura de Donald Trump se trata de um elemento analítico fundamental para compreensão não apenas da mudança de eixos da CPAC, como também sua transnacionalização em prol da extrema direita futuramente. A direita tradicional conservadora perdeu seu espaço que antes era central e essencial no meio da conferência conservadora em busca da aliança à Casa Branca. A CPAC, desse modo, se transformou em um evento que torna visível a chegada da extrema direita à nível doméstico e transnacional (Sanders; Jenkins, 2023, p. 26).

2.2 Extrema direita

No âmbito desta dissertação e considerando a amplitude da extrema direita, torna-se fundamental delimitar a definição a ser considerada em sua análise. A seguir, será descrito as principais características identificadas como componentes deste arco conceitual, além de determinarem os pontos focais de análise desta pesquisa.

De modo amplo, definimos a extrema direita como um movimento defensor das bases “tradicionais” da sociedade com relação à raça, gênero em oposição às rupturas e deslocamentos que impactam as hierarquias, causadas pela modernidade liberal. Mais especificamente, trata-se de uma hostilidade com relação aos processos de “universalização” impulsionados pelo capitalismo liberal, que seriam aceleradores da destruição das instituições, valores e hierarquias para eles

considerados “fundamentais” e “naturais”¹⁵. Possuem um discurso fantasioso com relação à proteção e defesa dos modos “tradicionais” de vida que são ancoradas em normas já pré-estabelecidas de raça, gênero e sexualidade, por exemplo (Anievas; and Saull, 2023, p. 715).

Relembrando Cas Mudde (2019), a extrema direita consiste em um “termo guarda-chuva” para outras subcategorias e características associadas ao extremismo, seja o nazifascismo, hostilidade à democracia ou seu aspecto populista. Embora seja uma perspectiva válida¹⁶ e facilitadora da análise de um fenômeno de forma categórica, é importante salientar como a extrema direita não se trata de um fenômeno exclusivamente europeu. O fascismo¹⁷ se trata de uma experiência histórica bem delimitada e circunscrita a realidade europeia (Forti, 2024), fator este que não pode ser aplicado para o entendimento da direita radical em sua esfera latino-americana, por exemplo (Sanahuja, Burian, 2023, p. 22). Ainda sim, ao considerar que a crise da democracia liberal adquiriu uma escala internacional, pode-se afirmar que a direita radical global possui características minimamente comuns em suas respectivas variantes regionais.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa utiliza a visão proposta por Monica Herz e Giancarlo Summa (2024) para dissertar acerca da direita radical. Os autores utilizam a visão de Cas Mudde (2019) como ponto de partida a ser expandido a fim de trazer maior clareza conceitual. Somado a isso, estabelecem características comuns e abrangentes que ampliam a visão apenas associada à hostilidade à democracia liberal. As características são as seguintes: rejeição aos direitos em prol da multiplicidade e pluralidade social, exaltação patriótica que busca (re)constituir uma comunidade homogênea mítica e idealizada, lógica amigo-inimigo, além da glorificação de um passado idílico que imperava as hierarquias sociais e institucionais (Herz, Summa; 2024, p. 34).

Portanto, a visão simultaneamente abrangente e localizada dos autores será aplicada a fim de construir a perspectiva conceitual a ser adotada nesta

¹⁵ Tais como: Deus; família; pátria; *etc.*

¹⁶ Mudde possui uma contribuição fundamental para os estudos de extrema direita ao propor uma análise que é capaz de traçar os antecedentes históricos do fascismo no continente europeu no período pós 2º Guerra Mundial e suas transformações graduais para uma crise fundamentada em características comuns.

¹⁷ Esta pesquisa ainda sim opta por dialogar com autores que utilizam dos termos “fascismo” e “nazifascismo” para abordar a direita radical (Stanley, 2020; Norris, Inglehart, 2019), apesar de não compartilhar de sua definição conceitual.

pesquisa. A visão teórica também confere as características da direita radical que esta pesquisa irá se dedicar mais atentamente. São estas: manejo das plataformas digitais, aspecto amigo-inimigo (Herz, Summa; 2024, p. 34), sua articulação como movimento social (Caiani, Della Porta; 2018) e seu caráter anti-globalista. Esta última característica demandará também uma breve revisão de literatura acerca da correlação direta da temática de extrema direita com a disciplina das Relações Internacionais. A conclusão deste processo tornará possível justificar o foco teórico e conceitual direcionado à extrema direita desta pesquisa: articulação política internacional e interconectada (Abrahamsen *et. al*, 2020, p. 95) de cunho “anti-globalista” que atribui uma função político estratégica ao espaço digital para adquirir seu teor transnacional e difusão da informação.

2.2.2 Relações Internacionais e estudos de extrema direita: vínculo interdisciplinar gradual

“Brasil acima de tudo”. “Fazer a América Grande Novamente”. “Tomar o controle de volta”. Os *slogans* de campanha associados a Jair Bolsonaro, Donald Trump e à campanha do *Brexit*, respectivamente, demonstram a ênfase ao patriotismo e unidade nacional como marcas registradas da extrema direita. Este fator não restringe, contudo, sua característica inerentemente internacional. Esta sessão possui o objetivo de ressaltar uma lógica de pensamento compartilhada pela extrema direita que a vincula diretamente aos acontecimentos da política internacional, não restringindo suas características apenas a fatores domésticos. Será apresentado o processo de vínculo gradual da disciplina das Relações Internacionais à temática de estudos da extrema direita, já bem consolidado em outros campos disciplinares anteriormente.

Campos (2023) destaca que o campo disciplinar das Relações Internacionais vivencia uma “virada internacional dos estudos de extrema direita”. A expressão não busca afirmar um equívoco de que ambas as variáveis se conectaram apenas nesta conjuntura política atual. Já bem consolidada em disciplinas como a Sociologia, Ciência Política e Política Comparada (Anievas, Saull; 2023, p. 719); os estudos de extrema direita conquistaram aos poucos seu espaço de debate e reflexão nas Relações Internacionais.

Embora seja incontestável o aumento gradual de interconexões pessoais e políticas da direita radical a nível transnacional, a literatura anterior é diretamente influenciada pelo caráter nacionalista e rígido da direita radical acerca de suas fronteiras e soberania, por exemplo. Destacar de modo exclusivo o aspecto nacionalista da extrema direita pode acabar por deslegitimar outras dimensões e experiências que não se encaixam neste espectro (Campos, 2023, p. 899). Especialmente na contemporaneidade, marcada pela cooperação transnacional entre articulações de direita radical como um fator indissociável para seu constante crescimento (Orellana, Michelsen; 2019, p. 751). Estudos indicam que a internacionalização e transnacionalização da extrema direita não se trata de um fenômeno recente. Desse modo, autores traçam um panorama histórico e apontam que apesar desse tópico ser comumente atrelado a contemporaneidade, é um acontecimento com origens registradas desde o século XX (Durham; Power, 2016).

No entanto, nota-se a criação de novas dinâmicas de relação entre o ‘global’ e o ‘local’ onde os movimentos deste espectro político divulgam e se comunicam com audiências interconectadas e de alcance global (Fielitz; Thurston, 2018, p. 7). Diante dessa perspectiva, as Relações Internacionais trazem para a extrema direita uma contribuição essencial: romper com o “nacionalismo metodológico”¹⁸ que acaba por separar as conexões da extrema direita à política internacional. O objetivo consiste em não desassociar de que modo a política doméstica e o contexto histórico regional de cada articulação possui suas influências influenciadas também pelo cenário global. Alexander Anievas e Richard Saull (2023, p.719-720) reiteram como o aspecto ideologicamente diversificado da extrema direita não pode explicitar diretamente que não se trata de uma articulação internacionalmente conectada. Com base nisso, é importante conceituar a extrema direita como um fenômeno internacional em si mesmo, possuindo características domésticas particulares com base em cada contexto local. Será fundamental, sobretudo, (re)pensar metodologicamente e ontologicamente como organizamos e pensamos essas duas variáveis, visando demonstrar que a extrema direita se conecta diretamente com a crise do sistema internacional vigente. A próxima sessão visa demonstrar como a extrema direita se

¹⁸ BIGO, Didier; WALKER, Rob BJ. Political Sociology and the Problem of the International. *Millennium*, v. 35, n. 3, p. 725-739, 2007.

entrelaça globalmente devido ao contexto político global que construiu sua perspectiva ideológica, que apelidam de anti-globalismo.

2.2.3 O “internacionalismo reacionário” da extrema direita: anti- globalismo

O desenrolar de acontecimentos das últimas décadas na política internacional mobilizou a direita radical a desenvolver uma construção de pensamento autêntica acerca do cenário global (Abrahamsen *et al.*, 2020, p. 95). Antes de chegar neste ponto, será preciso, retornar às origens deste pensamento no Ocidente, em especial à Nova Direita na Europa e ao paleoconservadorismo nos Estados Unidos, respectivamente.

Conhecida como a “vanguarda intelectual conservadora” (Drolet; Williams, 2022, p. 26) que surgiu no Ocidente desde o fim da Guerra Fria, a Nova Direita adquiriu sua primeira formação ainda antes, originada na *Nouvelle Droite* francesa de 1968. Esta articulação francesa reuniu intelectuais e ativistas de direita conservadora em um grupo de estudos intitulado *Groupement de recherché et d’études pour la civilisation européenne* (GRECE) que reconstituíram o pensamento da direita radical francesa. O grupo de estudos buscou demonstrar como a conduta explicitamente radical e militar seria insuficiente para a transformação política desejada (Drolet; Williams, 2022, p. 25). Argumentavam que o sistema vigente ao qual teciam críticas era fruto de uma série de “imposições” culturais e intelectuais que se enraizaram socialmente (Drolet; Williams, 2018, p. 286), incentivando a importância do debate e construção ideológica própria para transformarem este panorama.

O pensamento político da *Nouvelle Droite* impulsionou a formação de novas escolas de pensamento no continente europeu entre as décadas de 60 e 80, o que transformou a lógica francesa em uma produção intelectual a nível transnacional. Apesar das suas variações internas, a Nova Direita europeia foi definida de modo geral por uma crítica compartilhada acerca das “revoluções culturais” na Europa da década de 60, que ocasionaram pela transformação política profunda de todas as esferas sociais (Drolet; Williams, 2022, p. 26). Sua construção intelectual seria fruto de uma conclusão lógica acerca da importância da formulação de uma ideologia e

corrente de pensamento própria que deve preceder a ação política e a posterior transformação (Drolet; Williams, 2018, p. 287).

A Nova Direita almeja estabelecer uma alternativa nacionalista e antiliberal que ao invés de romper com as transformações liberais modernas, as radicalizaria em prol de seus objetivos (Drolet; Williams, 2018, p. 289). Concentraram suas críticas principalmente nos valores de universalismo (ou cultura humana universal), diversidade e a narrativas europeias de progresso através da integração. Desde a Revolução Industrial no século XVIII, argumentam que houve um esgotamento da capacidade de mobilização através de valores culturais. Mais especificamente, indicam que este foi o primeiro passo para um longo processo de declínio catastrófico da pluralidade cultural e identitária entre nações, através da imigração e transformações tecnológicas que substituem a mão de obra local (Drolet; Williams, 2018, p. 290). Seria a partir desse processo, de acordo com a Nova Direita, que foi criada a norma liberal universalista a fim de manter uma narrativa histórica acerca da conjuntura política vigente.

O paleoconservadorismo estadunidense, por sua vez, surge em meados da década de 1980, na busca por revitalizar o pensamento da direita conservadora tradicional em resposta à ascensão do ‘neoconservadorismo’ constantemente confundido e associado com a Nova Direita (Drolet; Williams, 2020, p. 2). Enquanto o paleoconservadorismo compreende os problemas sociais como “imperfeições da natureza humana”, os neoconservadores acreditam que se trata de problemas sociais que podem ser resolvidos por políticas públicas. De acordo com os paleoconservadores, considerar os neoconservadores como membros da Velha Direita e integrá-los aos movimentos intelectuais traria consequências drásticas para o pensamento conservador (Drolet; Williams, 2020, p. 4-5).

A crítica paleoconservadora, em síntese, foca no esvaziamento dos princípios hierárquicos e institucionais do sistema liberal. A governança liberal e o princípio normativo dos direitos humanos acabam por desvalorizar a importância de aspectos como raça, classe e nacionalidade para a unidade nacional. O sistema liberal, ao eliminar as diferenças hierárquicas e sociais de cunho doméstico e internacional acabam por “massificar” a sociedade e eliminar a soberania, identidade e cultura nacional própria (Drolet; Williams, 2020, p. 9-11).

Percebe-se aqui o evidente descontentamento de ambas as correntes perante a ordem liberal internacional. Em termos gerais clássicos, trata-se do ordenamento

de atividades que sustenta os objetivos fundamentais e pilares almejados pela “sociedade internacional”¹⁹, o que acompanha uma série de instituições, práticas e organizações que auxiliam a manutenção da ordem (Rodriguez, Thornton; 2022, p. 628). Foi formada após o fim da Segunda Guerra Mundial como forma de manutenção da paz e ordem no contexto pós-conflito. É a partir desta crítica construída anteriormente pela Nova Direita e o paleoconservadorismo e influencia diretamente o pensamento intelectual da direita radical atualmente com relação ao cenário global.

Estabelecem uma posição subversiva em relação a este ordenamento, fundamentando-a através da crítica ao processo de globalização e suas consequências. Com um enfoque na relação direta entre a globalização e revoluções tecnológicas no campo trabalhista e sua consequente acentuação das desigualdades e relações centro-periferia (Betz, 2021, p. 19), impulsionando a disparidade socioeconômica a nível mundial. A globalização²⁰ e automatização das relações de trabalho reforçam a polarização de comunidades do interior com menores índices educacionais que não se encaixam nas projeções desse sistema globalizado. Nesse sentido, trata-se de um discurso que direciona seu olhar à problemáticas sociais e de classe contemporâneas, gerando apelo à parcela da sociedade que se sente prejudicada por este cenário (Betz, 2021, p. 20).

O pensamento ideológico da extrema direita busca se colocar como um “contramovimento” do sistema hegemônico vigente. Os múltiplos desafios impostos ao sistema multilateral resultam em certo grau de desconfiança das instituições internacionais e ao sistema globalizado como um todo (Sanahuja, Burian; 2023, p. 24), ocasionando uma crise de legitimidade por parte da extrema direita, que busca ao máximo demonstrar sua insatisfação com este cenário. Como lembra Pablo Stefanoni, conforme a esquerda progressista foi gradualmente se associando às normas liberais ao longo dos anos, a direita radical assumiu a posição de movimento antissistêmico (Stefanoni, 2021).

É nesse contexto que a direita radical formula suas diretrizes ideológicas e intelectuais, fundamentando seu argumento via rejeição às normas liberais e suas

¹⁹ BULL, Hedley. The Grotian conception of international society. **The War System**. Routledge, 2019. p. 613-634.

²⁰ Mais especificamente, processo de transformação do sistema internacional e suas respectivas práticas e instituições, a partir da implementação de valores como integração regional, livre comércio e transversalidade econômica, por exemplo.

“elites”. As elites seriam o surgimento gradual de uma nova categoria política e social (*New Class*) que detém posições de poder tanto em nível doméstico e internacional e equivalem à *expertise* capaz de impor normas universalistas liberais sob o argumento da importância de resolver problemáticas do panorama vigente (Abrahamsen *et al.*, 2020, p. 97). Seguindo esta lógica, estas elites se apropriam das normas liberais acerca da importância do universalismo, igualdade e preservação dos direitos humanos, por exemplo, para centralizar o poder no contexto da globalização.

A consequência deste cenário seria a formação de uma concentração de poder na qual seus representantes, através de suas forças domésticas e instituições internacionais, buscam impedir a expansão do que é visto como “tradicional” e obstáculo para a “diversidade”. O globalismo, portanto, remete ao processo de manutenção da ordem liberal internacional por parte das elites e suas instituições, desconstituindo a pluralidade em prol do universalismo. Seu discurso coloca a direita radical como os principais afetados deste processo. Tendo em vista que centralizam seu pensamento ao apelo à tradição cultural, soberania e unidade nacional, a direita radical compõe o grupo daqueles que não se adaptam às normas globalistas (Abrahamsen *et al.*, 2020, p. 98-99).

Em síntese, a direita radical utiliza do pensamento da Nova Direita e do paleoconservadorismo dos EUA para tecer uma nova posição antissistêmica. Argumentam que a ordem liberal internacional se trata de uma “fachada” que não é dividida por uma ordem geopolítica estatal, mas sim um ordenamento dividido pela disputa entre elites globalistas e nações soberanas que resistem à essa ordem (Abrahamsen *et al.*, 2020, p. 99-100). Neste panorama, a valorização da diversidade social, políticas migratórias e direitos humanos seria uma estratégia das elites globalistas que almejam destruir a unidade cultural e valores que não se adaptam ao universalismo (Anievas, Saull; 2023, p. 720), pregando pelo esvaziamento cultural e identitário em prol de uma ‘sociedade internacional’ universal e unificada na era da globalização.

A crítica aos ‘globalistas’ é reforçada com preceitos de rejeição à diversidade social, racial e cultural. No trecho abaixo, Ernesto Araújo, Ministro das Relações Exteriores do Brasil (2018-2021) durante o mandato de Jair Bolsonaro, formula sua crítica:

A ideia de nação está assim profundamente ligada à autopercepção de uma comunidade de pessoas que compartilham uma origem comum. A nação não é uma escolha, mas um fato indelével e fundacional na vida do indivíduo como o seu próprio nascimento. Não por acaso o marxismo cultural globalista dos dias atuais promove ao mesmo tempo a diluição do gênero e a diluição do sentimento nacional: querem um mundo de pessoas “de gênero fluido” e cosmopolitas sem pátria, negando o fato biológico do nascimento de cada pessoa em determinado gênero e em determinada comunidade histórica. (...) Já hoje o marxismo conclama a destruir o conceito de comunidade histórica, a nação, e não fala mais de liberdade, hoje quer um mundo de fronteiras abertas onde todos são imigrantes e ninguém pode identificar-se com a sua terra nem com a sua gente sem ser chamado de fascista. Nos dois casos, a negação do gênero e a negação da nacionalidade, o marxismo cultural busca o mesmo objetivo: enfraquecer o ser humano, torná-lo uma paçoca maleável incapaz de resistir ao poder do estado, criar pessoas inseguras, desconectadas, incapazes de assumir um papel social próprio ou de ter ideias que não sejam os chavões politicamente corretos veiculados na mídia. (Araújo, 2017, p. 339)

O texto de Ernesto Araújo (2017) coloca em evidência como o aspecto de rejeição à diversidade social associado à liberdade e progresso, característica comum da direita radical (Herz; Summa, 2024, p. 34) é concomitante à construção do pensamento anti-globalista. Ao associarem a pluralidade de gênero, etnias e sexualidades como imposições da ordem liberal internacional, exaltam um discurso de oposição às minorias sociais em defesa da proteção da nação. Além disso, conectam a noção de tradição à unidade “biológica” e perda da identificação com sua comunidade histórica local. Seu argumento é uma manifestação que torna ainda mais visível como a crítica globalista associa a diversidade social ao problema da globalização.

Orellana e Michelsen (2019, p.750-751) intitulam esta perspectiva ideológica como “internacionalismo reacionário”. Muito além de compreender o sistema internacional como uma ameaça direta à sua existência (Anievas; Saull, 2023, p. 720), trata-se de recuperar a produção intelectual da Nova Direita a fim de reconstruir o sistema internacional a partir de sua perspectiva ideológica própria. Ademais, ao compreenderem como as elites globalistas denotam uma questão de impacto global, se torna evidente a necessidade de cooperação transnacional da extrema direita em prol de um objetivo comum. Na edição da CPAC de 2018 nos EUA, Marion Maréchal-Le Pen²¹ exemplifica este fato em seu discurso na

²¹ Deputada francesa e membro suplente do Parlamento Europeu. Sobrinha de Marine Le Pen, uma das principais representantes da extrema direita na França.

conferência. Marion declarou que não se sente ofendida pelo lema “*America First*” de Donald Trump. Muito pelo contrário: “(...) eu quero a América em primeiro lugar para os americanos, assim como o Reino Unido em primeiro lugar para o povo britânico, e a França primeiro para o povo francês”²². Desse modo, compreender o caráter anti-globalista da direita radical como internacionalismo reacionário busca ressaltar que a condução e manutenção da cooperação internacional é um fator essencial e indispensável para o pensamento político e ideológico da direita radical. Estabelecem uma posição de oposição ao sistema vigente que propõe uma nova proposta para o manejo do internacional, no sentido de projetar uma reformulação normativa e substituição das noções liberais de igualdade e direitos humanos, por exemplo, colocando no lugar a reformulação da hierarquia social e “desigualdade entre identidades” (Orellana; Michelsen, 2019, p. 751-752).

Diante desse cenário, torna-se evidente como associar a extrema direita unicamente ao aspecto anti-intelectual pode se tornar reducionista, considerando que possuem uma construção ideológica própria. É importante ressaltar, entretanto, que o aspecto conspiratório associado ao pensamento anti-globalista ainda sim assume uma função importante neste panorama. Sua construção de pensamento se apropria de evidências concretas e conspiratórias para criar uma linha de raciocínio desconexa acerca da problemática das elites globalistas. Como argumenta Felipe Loureiro (2023, p. 12), a junção da lógica anti-globalista à conspiração constrói uma espécie de “sistema anti-pensamento interconectado” que opera conjuntamente de forma tanto prática quanto simbólica. O que as une é justamente a percepção de um inimigo comum e global (Musharbash, 2021). A fim de compreender este aspecto de identificação de inimigos como característica primordial da extrema direita, a próxima sessão irá revisar o conceito e explicar sua aplicabilidade no pensamento da extrema direita.

2.3.1 Sobre o amplo espectro de inimigos: a antítese amigo/inimigo

“Para conceituar o político, é preciso compreender sua distinção” (Schmitt, 2007, p. 26). Esta é a forma em que Carl Schmitt inicia sua análise acerca do

²² CPAC. “I’m not offended when @realDonaldTrump says America first.”[...] 22 fev. 2018. X: @CPAC. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/966727353136070656> Acesso 30 abr. 2025.

conceito do político. Tomando como ponto de partida a noção da formação de uma identidade a partir de sua oposição, Schmitt busca desenvolver a antítese fundamental que direciona a definição e conduta da política (Schmitt, 2007, p. 27). Logo, a distinção pela qual ações políticas podem ser explicadas se baseia no conceito distintivo de amigo/inimigo. A antítese em questão deve ser analisada de modo independente a outros significados pré-estabelecidos, isto é: não se pode explicá-la a partir de outras antíteses já utilizadas socialmente²³. Em outras palavras, o conceito de amigo/inimigo desenvolvido por Schmitt deve ser visualizado em sua forma concreta, não misturada ou fragilizada à noções morais, econômicas ou culturais, por exemplo, a fim de construir seu entendimento (Schmitt, 2007, p. 26-28) e significado próprio.

O que torna justificável e necessário o estabelecimento de uma conduta política em comunidade, de acordo com Carl Schmitt, seria a identificação de um ‘outro’, um ‘estranho’ que seja evidentemente oposto de si, situação esta que transformaria o conflito em uma possibilidade (Schmitt, 2007, p. 27-28). O que torna determinada comunidade ou figura específica em um inimigo, portanto, seria uma associação direta deste com a possibilidade do combate. É importante destacar que a noção de ‘combate’ ultrapassa seus significados de cunho militar, por exemplo. Para Schmitt, o combate é uma representação da negação existencial de um inimigo de acordo com determinada comunidade política, sendo a guerra sua consequência mais extrema. A mínima possibilidade de um conflito entre as partes²⁴, ou seja, entre determinada comunidade e seu antagônico, torna real e válido o conceito de inimigo (Schmitt, 2007, p. 33-34).

O conflito seria diretamente atrelado a formação de uma comunidade política. Os agrupamentos se concretizam a partir de uma percepção coletiva e comum do ‘outro’ que aparenta representar estranhamento e uma possível ameaça (Schmitt, 2007, p. 27). Entende-se por agrupamentos políticos muito além de sua representação mais usual do Estado-nação, como também grupos sociais de cunho religioso, étnicos e culturais, por exemplo. Carl Schmitt é enfático ao afirmar que quaisquer destes aspectos aqui citados podem se transformar em coletividades

²³ Vide exemplos: feio e bonito; lucro e prejuízo; bom e mau...

²⁴ O combate e a guerra, lembra Schmitt, não precisam necessariamente serem desejáveis, ideais ou frequentes, por exemplo. Precisam apenas se manter como uma mera possibilidade para construir o conceito do inimigo (Schmitt, 2007, p. 33).

políticas ao agrupar a sociedade de acordo com a antítese amigo/inimigo (Schmitt, 2007, p. 37). O coletivo social possui uma percepção unificada acerca do ‘outro’ e seria facilmente capaz de executar a distinção entre amigo e inimigo no cotidiano.

2.3.2 A construção do inimigo e a extrema direita

Diante dessa perspectiva, de que modo o conceito do político de Carl Schmitt adquiriu importância significativa para os estudos de extrema direita? Recuperando o argumento de Schmitt, o aspecto antagônico entre comunidades distintas é utilizado como fio condutor da condução política (Schmitt, 2007, p. 28). A partir desta perspectiva, Jason Stanley (2018) aplica a lógica “Schmittiana” para dissertar acerca da formação de governos autoritários e fascistas e suas principais características, fatores estes que se assemelham à conduta de direita radical. O principal sintoma que torna possível identificar um governo autoritário seria a divisão. Entende-se por divisão o aspecto que busca separar a população local entre “nós” e “eles”, construindo esta separação por intermédio de diferenças étnicas, culturais e religiosas (Stanley, 2018, p. 9). Aqui, alimentar o medo, ansiedade e raiva perante o “outro” (eles) é um artifício fundamental para sustentar a divisão e valorizar a comunidade local. O que se constrói como “nós” assume um semblante moral, no sentido de se associar à noções de “valores tradicionais” e “cultura” seriam valorizadas, no detrimento do “outro”, ameaçador desta realidade (Stanley, 2018, p. 10).

Através destes artefatos, se constrói uma versão irreal, um estado de ilusão no qual teorias da conspiração e a reinterpretação da história substituem o debate (Stanley, 2018, p. 10). É de suma importância o revisionismo histórico (Valencia-García, 2020) a fim de sustentar a divisão e naturalizar a divergência e estranhamento ao “outro”. A política fascista e autoritária se coloca no patamar de detentora da “verdade”, ao ser capaz de “destrinchar” a história através da criação de um passado mítico. Este passado mítico se baseia em um período utópico e irreal glorioso do Estado-nação, onde a ideologia hierárquica e a unidade étnica, moral e religiosa era predominante na sociedade (Stanley, 2018, p. 12-13). Trata-se da manipulação e (re)disposição das normas sociais acerca da pluralidade e diversidade social, idealizando ameaças existenciais que sustentam instituições e

ideologias que impõem a divisão a fim de sustentar uma comunidade homogênea (Herz; Summa, 2024, p. 34-35).

Estas características descritas por Stanley (2018) se entrecruzam diretamente com aspectos político-ideológicos da extrema direita. Conforme lembram Summa e Herz (2024, p. 40) o pensamento de Schmitt toma forma de uma maneira crucial para a construção do discurso da extrema direita contemporânea. Seria um recurso político frequentemente utilizado ao longo da história, mas contendo um aspecto crucial para o extremismo de direita ao realçarem sentimentos de desconfiança e medo perante espaços fundamentais para o funcionamento da democracia liberal em nível tanto doméstico quanto internacional. Desde minorias sociais específicas (seja a comunidade LGBTQ+, imigrantes, minorias étnicas religiosas...), defensores de normas associadas ao progressismo e diversidade (direitos humanos, pluralidade social...) e as instituições internacionais que sustentam a diplomacia e espaços de interação política global. A consequência principal deste discurso seria a hipervalorização da comunidade nacional e princípios sociais e morais de cunho “unitário”, além de ressaltar o Estado nação como uma resistência as múltiplas transformações (2024, p. 12-13).

Seguindo esta lógica, é importante ressaltar de que modo a construção do inimigo por parte da extrema direita se trata de um discurso populista, fator este relevante para executar sua conduta política. Apesar do populismo não se restringir à extrema direita, novamente este assume um papel crucial para o discurso de antítese amigo/inimigo. Por populismo entende-se uma ideologia política que busca construir uma visão antissistêmica (*anti establishment*) acerca do que definem como “elites”: aqueles indivíduos ou instituições em posição de autoridade e prestígio. Seriam detentores de alto poder que impõem regras que impactam a manutenção de normas que seriam de cunho moralmente e politicamente correto, Com um aspecto anti-intelectual, questionam saberes e discursos que advenham destes espaços (incluindo a mídia e o meio acadêmico), argumentando que o conhecimento “legítimo” seria aquele advindo exclusivamente do povo (Norris; Inglehart, 2019, p. 4-5).

Norris e Inglehart (2019) dissertam sobre a retórica populista do discurso do inimigo da extrema direita. Os líderes da extrema direita se posicionam como defensores do povo, isto é: refletores dos desejos e demandas da sociedade em ameaça existencial, buscando restaurar os “valores” tradicionais ao assumir o poder

e recuperar as demandas populares (Norris; Inglehart, 2019, p.7). Ao assumir a presidência dos Estados Unidos em 2017, o discurso inaugural de Donald Trump se destacou pelo aspecto populista, afirmando que buscava “transferir o poder de volta ao povo americano”.²⁵

A temática do inimigo demonstra como a construção da identidade coletiva opera sob um raciocínio Schmittiano ao depender da diferença de outrem para valorizar uma posição antagônica e ameaçadora para a comunidade. Thorsten Wojczewski (2020, p. 12-23) expande este pensamento ao argumentar que o discurso populista de extrema direita se caracteriza por um processo de securitização. Considerando-o como uma prática discursiva que não apenas ressalta o medo e urgência perante o outro, além de traçar de forma precisa as delimitações que dividem a comunidade local (eu) do inimigo externo (outro), constroem uma visão própria e particular da realidade a fim de promover a coletividade do povo e seu respectivo apoio.

Além disso, este discurso não possui as mesmas características de um unicamente nacionalista acerca de seu povo. Isso porque o discurso nacionalista se baseia em uma lógica *in/out* de antagonismo que ressalta a proteção contra ameaças unicamente externas, tais como outras nações. Por outro lado, a retórica populista do inimigo se constrói a partir da antítese *down/up*, em que o povo estaria em uma posição marginalizada e desprotegida dentro do próprio território tendo em vista a posição das 'elites' que assumem posições de poder a nível tanto doméstico quanto internacional. O povo seria sem voz, "*underdogs*" e sem quaisquer níveis de poder²⁶ perante o Grande Outro que falha em representar suas convicções e reforçar a soberania nacional (Wojczewski, 2020, p. 14).

2.3.3 Inimigo anti globalista na CPAC

²⁵ REMARKS by President Trump in Joint Address to Congress. **The White House**, 2017. Disponível em <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-joint-address-congress/> Acesso em 20 abr. 2025.

²⁶ Geralmente, a noção 'clássica' de securitização afirma que o processo de securitização somente pode ser efetivado através das 'elites', aqueles que tem tal poder e capacidade de influência para almejar tal ato. No caso do populismo, o líder populista assume a capacidade de efetuar um movimento securitizador na lógica contrária, isto é: sua posição de representante dos marginalizados e '*underdogs*' da sociedade que garantem sua posição de influência perante sua audiência, deslegitimando também o Outro ao questionarem a autoridade da 'elite' em representarem as vontades do povo (Wojczewski, 2020).

Após análise acerca das características que permitem pensar a extrema direita como um movimento influenciado e componente do internacional, o próximo passo consiste em traçar um histórico acerca destes fatores na CPAC ao longo de sua trajetória.

O aspecto do inimigo se mostra presente desde o processo de formação da CPAC, muito antes de sua associação à extrema direita. Isso porque no cerne do seu discurso na década de 70 está uma série de discursos e painéis da conferência que indicavam o liberalismo como uma entidade ameaçadora a liberdade individual; economia e tradições culturais da sociedade como um todo (Parker, 2015, p. 12-13). A Velha Direita que comandou as primeiras conferências da CPAC almejou reestruturar o que se considerava como direita conservadora através do partido Republicano, dominado na época por uma conduta política majoritariamente liberal. É possível afirmar que a CPAC foi palco inicial de um processo de construção de uma identidade conservadora comum através de sua antítese (Parker, 2015, p. 75). Sob a lógica Schmittiana, ao definirem o liberalismo como um inimigo a ser desestruturado dentro do partido Republicano, construíram fronteiras bem delimitadas acerca do pensamento político de direita através de sua oposição.

Conforme a CPAC evidencia o processo de transição da direita conservadora para a extrema direita, o que representa o inimigo a ser combatido pelo movimento assume novas formas. Considerando a escala internacional da extrema direita contemporânea, é importante ressaltar como o que significa “inimigo” para cada variante ganha significados distintos a partir do contexto local. Isso se torna ainda mais evidente ao analisarmos a construção do inimigo na esfera do Sul Global. No caso latino-americano, a construção antagônica ‘eu/outro’ não é tão pautada por concepções de xenofobia e islamofobia tal qual a europeia²⁷. O foco está na rejeição de modo totalizante de tudo que represente e defenda o pluralismo do sistema ou a diversidade sociocultural. Minorias sociais e movimentos de esquerda (homogeneizados pelo título de “comunistas”), desse modo, representam a oposição à uma identidade homogeneizante da comunidade nacional (Sanahuja; Burian, 2023). A luta contra a “ideologia de gênero”, que proporia que as palavras

²⁷ Exceção da extrema direita chilena, mas possui um aspecto nativista mais associado aos povos originários.

“homem” e “mulher” seriam fluidez e intercambiáveis socialmente (Loureiro, 2023, p. 11), torna-se outro alvo de destaque na extrema direita brasileira e húngara, por exemplo.

Apesar destas divergências acerca da lógica do inimigo, as variantes ainda sim se encaixam na narrativa conspiratória do globalismo. O caráter anti-globalista da direita radical almeja apontar seus inimigos como representantes múltiplos das elites globalistas e da ordem liberal internacional. Nessa lógica, representantes célebres da direita radical aplicam abordagem populista para reforçarem seu apoio popular. Ao proclamarem que elites globalistas possuem uma ideologia e código de conduta que seria uma "traição" aos interesses do povo, se colocam na posição de combatê-los em nome da nação (Guimarães; Silva, 2021, p. 350).

É neste contexto que a CPAC se torna reflexo direto deste panorama, no qual os discursos ali proferidos manifestam a lógica do inimigo em múltiplas variações, mas sob uma linha de raciocínio que lhes é comum. Sanders e Jenkins (2023, p. 7-9) argumentam que o processo de transnacionalização da CPAC torna visível um fluxo multidirecional de ideias sob uma mesma unidade narrativa. Ao invés de uma influência unitária da direita radical americana, autoras enfatizam que as edições transnacionais da CPAC adquirem importância ao influenciarem também conduta das conferências regionais estadunidenses.

Com base nesta análise conduzida pelas autoras acerca da transnacionalização do discurso (Sanders; Jenkins, 2023, p. 7), é possível denotar como as diversas edições da conferência ao redor do globo demonstram simultaneamente suas variantes regionais de cada articulação de extrema direita em junção de seu aspecto unitário em prol da narrativa globalista. Vide exemplo do discurso proferido por Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, durante a CPAC Hungria 2023. Orbán se mostra receptivo aos líderes mundiais ali presentes e denota entusiasmo por se manterem como palco da CPAC no continente europeu (Cabinet Office Of The Prime Minister, 2023) fator de grande prestígio para o reconhecimento do país como uma potência no setor da direita radical, “desconhecido” pelo mundo anteriormente:

Parte da verdade, entretanto, é que, embora o sucesso húngaro tenha brilhado intensamente em 2010, como demonstrado por nossa reeleição com uma maioria de dois terços em 2014, ele não interessava a ninguém no mundo até 2015. Como dizem os húngaros, nem mesmo os cães estavam interessados. Isso permaneceu em nosso segredo. Não éramos

famosos de forma alguma. Simplesmente vivíamos melhor e mais felizes do que antes. (...) De fato, o experimento húngaro deve sua fama mundial a George Soros. (...) Se George Soros não tivesse atacado a Hungria, se ele não tivesse anunciado seu programa para reassentar milhões de imigrantes ilegais na Europa com a ajuda de suas ONGs mercenárias, nunca teríamos chegado às primeiras páginas do mundo. Mas o Tio Georgie anunciou seu programa de reassentamento. Ele mobilizou seu exército de ONGs e começou a implementar seu grande plano. Eles inundaram os Bálcãs com imigrantes ilegais e construíram uma rota de contrabando de pessoas que levava ao coração da Europa. Mas então eles se depararam com a Hungria. Nós demos a ordem de parar, assumimos o desafio e nos defendemos: construímos uma cerca e defendemos nosso país. (...) Após certo tempo, percebi que não basta defender nossas fronteiras, não basta lutar em autodefesa física, mas só podemos defender nosso país se também nos envolvermos em batalhas intelectuais e ideológicas. Nós nos encontramos no meio de um campo de batalha intelectual e ideológico, porque a imigração é uma parte importante da filosofia dos progressistas liberais. Não tínhamos outra escolha a não ser chamar a atenção para a ideologia da sociedade aberta e, com ela, para todo o império de George Soros. E foi isso que aconteceu, queridos amigos. Algumas pessoas dedicariam metade de suas vidas para serem mundialmente famosas e, ainda assim, não conseguem. Nós não queríamos ser famosos, mas somos. Desafiamos o cânone liberal e fomos levados à fama mundial. Não sei se nós ou os liberais ficamos mais surpresos, mas talvez isso não importe (Cabinet Office Of The Prime Minister, 2023, tradução minha).

O discurso de Viktor Orbán centraliza o histórico de “fama” da Hungria perante a extrema direita mundial através do seu histórico de combate ao George Soros. Bilionário e filantrópico húngaro-americano, George Soros mobiliza e financia ONG's que compartilham ideais acerca do fortalecimento da democracia na Europa e outras regiões do globo. No contexto de aumento do fluxo migratório na Europa em 2015, Orbán se apoiou na imagem de Soros para justificar suas políticas anti-imigratórias como a construção da cerca na região fronteiriça com a Sérvia. George Soros foi colocado aqui como representante máximo dos ideais globalistas (Newton, 2022). Soros, nessa lógica, seria o financiador dos fluxos migratórios que almejavam substituir a população europeia em prol da pluralidade cultural. É nesse cenário que o discurso político húngaro formulou seu caráter anti imigratório, intitulado sua legislação em oposição à imigração à campanha ‘*Stop Soros*’ que atingiu repercussão global²⁸.

Em desafio à campanha democrática de longo prazo de George Soros e influenciado pela retórica extremista da Hungria, surge um novo projeto de articulação internacional de extrema direita. Steve Bannon, antigo estrategista de

²⁸ HUNGARY outlines 'Stop Soros' legislation against immigration. **Reuters**, 2018. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-hungary-soros-idUSKBN1F62AE/> Acesso em 1 mai. 2025.

campanha de Donald Trump, almejava “contra-atacar Soros” e fundar o chamado *The Movement*, uma espécie de fundação que mobilizaria eleições em massa de representantes populistas de direita radical para o Parlamento Europeu, transformando gradualmente a conduta política e ideológica no continente²⁹. Durante a CPAC Hungria 2024, Bannon cita Viktor Orbán como herói pelo qual as elites globalistas temem e buscam derrubar a qualquer custo, ressaltando a importância do trabalho de Orbán e a plataforma de inspiração para a ascensão de novos líderes ao redor do globo³⁰.

Por outro lado, a construção do inimigo torna a aparece no discurso de Eduardo Bolsonaro durante CPAC Argentina 2024 sob uma nova retórica. Eduardo Bolsonaro sai em defesa de Jair Bolsonaro e as recentes investigações envolvendo uma tentativa de golpe de estado em solo brasileiro, declarando-as como falsas e reflexo de um projeto de perseguição. Em seguida, propõe seu argumento de que não apenas o Brasil como a América Latina como um todo vivencia uma “neoditadura de esquerda”. A partir de novos exemplos de representantes da direita radical sendo devidamente impedidos de participarem do processo de campanha eleitoral ou presos, nações como o Brasil e a Venezuela viveriam uma “falsa democracia” na qual não existe a possibilidade de questionamento do sistema eleitoral sem consequências drásticas, no caso de Bolsonaro, sua inelegibilidade eleitoral³¹. Nesse cenário, o poder judiciário brasileiro, representado especialmente pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e um de seus representantes, Alexandre de Moraes, se apropriam de normas aparentemente democráticas a fim de fazer valer seus interesses³². Alexandre de Moraes ganha ainda mais ênfase ao expor um cartaz com manifestantes presos durante eventos de 8 de janeiro, intitulando-os de “presos políticos” que tiveram suas “vidas destruídas” por Moraes.

²⁹ HINES, Nico. Inside Bannon’s Plan to Hijack Europe for the Far-Right. **The Daily Beast**, 2018. Disponível em <https://www.thedailybeast.com/inside-bannons-plan-to-hijack-europe-for-the-far-right/> Acesso em 1 mai. 2025.

³⁰ Alapjogokért Központ. **Magyarország szerepe kiemelten fontos a globális szintén – CPAC Hungary 2024**. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IAPp6ufIJm4> Acesso em 1 mai. 2025

³¹ POR maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos> Acesso em 1 mai. 2025

³² BOLSONARO, Eduardo. **DISCURSO Eduardo Bolsonaro no CPAC Argentina 2024 - legendado em português**. Youtube, 2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bmX2GTC2oM0> Acesso em 2 mai. 2025.

Torna-se nítido como a retórica do inimigo assume formas distintas de acordo com cada cenário regional. Apesar das diferenças, ainda sim estão inseridas sob uma mesma lógica em que uma conspiração globalista. Neste debate, Felipe Loureiro (2023, p. 12-13) ressalta a importância da fluidez narrativa da conspiração globalista que a permite se encaixar em múltiplos cenários. Considerando que não existiria um representante ou instituição única do globalismo, a questão das “elites globalistas” possui um aspecto fluido pois estariam supostamente espalhadas pelo mundo em prol de um objetivo comum, nas esferas tanto doméstica quanto internacional. O argumento de Loureiro (2023) denota sua validade considerando como a lógica do inimigo globalista se faz presente em uma variedade de discursos proferidos na CPAC, em que as elites globalistas assumem protagonismo a partir de uma variedade de contextos e particularidades locais de cada edição.

A discussão até então permitiu compreender as características discursivas e ideológicas da direita radical. O próximo passo consiste em ressaltar as características de cunho estratégico e de conduta política que a fortalece e que a faz adquirir tamanha expressividade. Além do aspecto narrativo que a faz adquirir repercussão perante sua audiência, a extrema direita precisa de outros dois aspectos fundamentais para continuar sua trajetória, são estas: capacidade de articulação política que a enquadra como um movimento social transnacional, além do manejo das plataformas digitais a seu favor.

2.4 Extrema direita como movimento social

Compreender a extrema direita como movimento social requer uma breve revisão bibliográfica referente a correlação entre ambas as temáticas na literatura. O estudo dos movimentos sociais reflete um esforço de múltiplos campos disciplinares, em especial as Ciências Sociais, de enxergar tal para além de questões relacionadas à classe social e organizações sindicalistas. (Goss; Prudencio, 2004, p. 75). A busca por escapar da exclusividade da visão de classe acerca da ação coletiva, trata-se de um trabalho gradual de consistência e delimitação teórica a partir das décadas de 1960 e 1970 (Goss; Prudencio, 2004, p. 76). Dentre seus pensadores pioneiros, destaca-se Alain Touraine (2004) que enxerga os movimentos sociais como uma mobilização coletiva que impõe um desafio à

determinada dominação social vigente (Touraine, 2004, p. 718). Mario Diani (1992), por outro lado, desdobra o caráter identitário, no qual a identificação compartilhada coletivamente é um fator primordial para a formação de uma mobilização em prol de causas comuns, sejam conflitos de cunho político ou cultural.

Ilse Scherer-Warren (2006) propõe uma revisão conceitual a partir de duas variáveis principais: a globalização e informatização da sociedade, que complexificou o aspecto identitário e trouxe dinamismo para os movimentos sociais, assim como uma perspectiva latino-americana, pautada em uma conjuntura histórica diferenciada à realidade ocidental do século XX. Assim, contribui para o debate ao propor o conceito de ‘redes de movimentos sociais’, capaz de transcender experiências empíricas e concretas acerca da mobilização de sujeitos, no qual requer a “definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia³³, num contínuo processo em construção que resulta das múltiplas articulações” (Scherer- Warren, 2006, p. 113).

Conforme novos campos disciplinares oferecem suas contribuições ao debate, percebe-se o diálogo do campo de estudos dos movimentos sociais com aspectos de economia política (Tilly, 2010), transnacionalização e internacionalização (Tarrow, 2005) e novas tecnologias (Castells, 2015). Apesar da evidente expansão, o exercício de ampliar o que se enquadra como um movimento social não abrangeu inicialmente agrupamentos de extrema direita. Percebe-se como a influência marxista prevaleceu ao manter como consenso a associação direta entre movimentos sociais e pautas de cunho progressista e de esquerda (della Porta; Diani, 2015). A partir de uma breve reflexão acerca da evolução do campo de estudos desde sua fundação, Donatella della Porta e Mario Diani (2015, p. 6-8) almejam dialogar com questões da conjuntura política contemporânea e ponderar de que modo elas se refletem conceitualmente nos movimentos sociais.

Um dos primeiros contatos entre ambas as temáticas na esfera científica ocorreu de modo indireto. Isso porque este partiu de uma das propostas de Caiani e Cisar (2018) em reconhecer partidos políticos como possíveis extensões de determinado movimento social. O aspecto político-partidário não era visto como

³³ Por projeto e utopia entende-se a importância do aspecto narrativo ou de metas de longo prazo ideais “que dão longevidade e significação ao movimento” (Scherer-Warren, 2006, p. 124).

um possível componente de um movimento social. Muito pelo contrário, os autores buscaram refutar a concepção de partidos políticos como uma transição institucional de um movimento social para fazer valer seus interesses de novas maneiras. Assim, buscam argumentar que a fundação de partidos políticos e sua chegada na esfera eleitoral demonstra uma expansão dos meios de atuação dos movimentos sociais (Caiani; Císař, 2018, p. 12-13). A partir deste ponto, a popularidade em evidência de partidos políticos de direita populista radical no continente europeu auxiliou na junção destas literaturas.

Desde então, percebe-se o crescimento de produção bibliográfica acerca da extrema direita como movimento social, considerando as múltiplos questionamentos que essa união entre campos foi capaz de gerar. Nesta época, conceituar a extrema direita como um movimento social pode se tratar de um desafio para sua definição tradicional. Isso porque a extrema direita era analisada sob dois eixos principais: por um lado, reduziam-na a aspectos psicológicos de escala individual, sem considerar sua correlação com a conjuntura política e social local (Caiani, 2017, p. 3) A ‘extrema direita’ por assim dizer, costumava aparecer em estudos acerca de terrorismo e violência política (chamados de ‘lobos solitários’).³⁴

Paralelamente, estes mesmos fatores de escala individual foram também aplicados para estudos de caso acerca do sucesso de partidos políticos de extrema direita, explicando o conceito a partir de motivações individuais do eleitorado³⁵. À grosso modo, a exposição à ideais extremistas era geralmente associada à questões de irracionalidade e distúrbios sociais-psicológicos particulares, especialmente entre a população mais jovem (Caiani, 2017, p. 4).

A partir do reconhecimento da contextualização histórica, política, econômica e social para um estudo mais aprofundado da extrema direita, torna-se possível escapar da esfera exclusivamente individual e partidária, visando alcançar perspectivas que permitem pensá-la como um aspecto de cunho coletivo. É nesse cenário que os estudos de movimentos sociais adquirem sua importância. Partindo da definição que movimentos sociais podem assumir um caráter discursivo tanto

³⁴ KAPLAN, Jeffrey. Leaderless resistance. **Terrorism and Political Violence**, v. 9, n. 3, p. 80-95, 1997.

³⁵ ARZHEIMER, Kai. Working-class parties 2.0?: Competition between centre-left and extreme right parties. **Class politics and the radical right**. Routledge, 2012. p. 75-90.

progressista quanto conservador (Gohn, 1997), pode-se compreender a extrema direita para além da literatura de movimentos partidários da Política Comparada (Caiani; Císař, 2018).

Considerando a proposta de Caiani e Cisar (2018), Castelli Gattinara e Pirro (2019) unem este argumento e consideram a extrema direita passa por um processo de hibridização de suas formas de atuação, demonstrando um certo complemento entre ambas as variáveis. Mais especificamente, buscam refutar a correlação frequente entre a extrema direita e a dificuldade de cooperação, seja por princípios nacionalistas (Mudde, 2019) ou foco na escala de mobilização exclusivamente por motivações individuais (Castelli Gattinara; Pirro, 2019, p. 2). Logo, os autores utilizam os estudos de movimentos sociais para analisar a extrema direita em sua complexidade e contextualização, processo este que demanda notar como trata-se de um ator que se faz presente em múltiplos campos que se entrecruzam e não podem ser pensados separadamente (Castelli Gattinara; Pirro, 2019, p. 4).

A abordagem de Castelli Gattinara e Pirro (2019) se conecta com o argumento levantado por Rita Abrahans *et. al* (2020). Para estes autores, a extrema direita contemporânea atua via conjunto de articulações ‘soltas’ (*loose-networks*) que colaboram por inúmeras formas. Além disso, seu aspecto nacionalista identitário e a ênfase na soberania não impede compreendê-la como uma articulação que possui um discurso comum acerca da globalização. Trata-se de um “movimento social anti-globalização” (2020, p. 92) que se apropria de problemáticas e desigualdades ocasionadas por esse sistema para construir um discurso de apelo populista e conspiratório. Sua participação constante na esfera eleitoral trata-se apenas de uma de suas várias estratégias para defenderem suas pautas que não eram discutidas no âmbito institucional e partidário (Castelli Gattinara; Pirro, 2019, p. 8).

Em síntese, ambos os campos de estudo se beneficiam mutuamente desta colaboração. Entende-se por extrema direita um movimento social com caráter de participação tanto na esfera político-institucional como no âmbito da sociedade civil. Desse modo, amplia-se o escopo tanto conceitual quanto empírico que envolvam estas literaturas. Logo, esta pesquisa parte dessa concepção da extrema direita como uma articulação política híbrida que atua simultaneamente sobre múltiplas esferas. Dentre essas, será fundamental enfatizar o espaço digital, espaço

de atuação primordial para a expansão do discurso e outros aspectos a serem discutidos a seguir.

2.5 Plataformas digitais e extrema direita

A propagação do discurso da CPAC perpassa diretamente por aparatos tecnológicos e suas respectivas plataformas digitais. Esta aproxima e torna possível discursos antes restritos a determinados contextos e articulações sociais. Como se constrói, então, a intersecção entre o movimento social aqui explicitado e as redes digitais? Conforme apontado por Sorce e Dumitrica (2022, p. 164-165), a fusão de ambos os elementos traz novas formas de se difundir discursos e expandir movimentos (seja para a formação de comunidades virtuais ou para o uso de suas *affordances*), neste caso a expansão da extrema direita.

O espaço digital transformou o modo como movimentos de extrema direita atuam e se articulam na contemporaneidade. Desde 1996, a partir da criação de um *website* próprio do grupo supremacista branco estadunidense *Stormfront*, a importância desse ambiente digital ficou cada vez mais clara devido a formação de comunidades virtuais de mobilização extremistas (Fielitz; Thurston, 2018, p. 8). Bowman-Grieve (2009, p. 991) aponta que, apesar de outros websites de conteúdo extremistas já existirem previamente, o de *Stormfront* introduziu uma percepção do incentivo a participação de seus integrantes e seguidores. Neste período, sites de ódio seguiam a linha informacional de divulgação de noticiar seus participantes, o que definia como uma atuação passiva. *Stormfront* foi revolucionário no sentido de permitir o debate e a troca de ideias entre os frequentadores da plataforma. Possuía a estrutura de um fórum, que possibilita o diálogo de forma mais ativa através de salas de conversas com assuntos variados.

Desde então, nota-se o crescente acesso da sociedade civil aos aparatos tecnológicos, em conjunto com as transformações da internet para o modelo *Web 2.0*, que priorizam a cultura participativa e a produção de conteúdo ativa do usuário (*user-generated content*) (Gehl, 2011, p. 1229). A consolidação do modelo *Web 2.0* tornou popular o modo como o espaço digital é utilizado atualmente. Ao revolucionarem a acessibilidade das novas tecnologias ao público comum (antes restritas a atores militares e acadêmicos), este modelo de organização das infraestruturas digitais possui como característica principal o incentivo à produção

ativa de conteúdo por parte dos usuários (Helmond, 2015). É nesse cenário em que as plataformas digitais se consolidam como principal meio de comunicação política e circulação de dados da contemporaneidade, também conhecido como ‘era da plataformização’ (Helmond, 2015, p. 5).

Desse modo, as tecnologias que proporcionam o imediatismo do acesso à informação e na formação de conexões virtuais (Gehl, 2011, p. 1230) são protagonistas em impulsionar processos de mobilização através de vias de comunicações instantâneas e cada vez mais acessíveis entre uma ampla variedade de indivíduos simultaneamente em escala transnacional (Caiani; Kröll, 2015, p. 2). Essas mudanças foram essenciais para articulações contemporâneas de extrema direita por intermédio de redes digitais. Estudos nesta temática destacam as particularidades oferecidas por esse ambiente, como uma certa sensação de “segurança” em promover pautas extremistas sem medo de repressão política (Caiani; Kröll, 2015, p. 2), a possibilidade de recrutamento e radicalização de novos membros (Liang, 2022, p. 1021), a disseminação de desinformação e teorias da conspiração (Whittaker *et al.*, 2021) e na aplicação de recursos multimídia (vídeos, memes...) para circulação de ideologias extremistas virtualmente (Fielitz; Thurston, 2018, p. 12).

As inúmeras correlações entre as plataformas digitais e a extrema direita na contemporaneidade seguem levantando debates no meio acadêmico e científico (Gerbaudo, 2018). Retornando ao questionamento que iniciou esta sessão, colocar ambos os campos em justaposição requerem adicionar a relevância do espaço digital para a mobilização de movimentos sociais. O aspecto que incentiva a conectividade entre usuários em comunidades virtuais, além dos fluxos de circulação dos discursos que assumem novas formas no ambiente virtual, facilitam a organização e mobilização de movimentos sociais (Ilten; McInerney, 2019, p. 201). Nessa lógica, a literatura vigente encontra certa abertura à possibilidade de (re)pensar como o ambiente digital facilita a construção de imaginários coletivos (Sorce; Dumitrica, 2022, p. 161) que possuem pautas internacionais em si mesmas. Processos antes já existentes ficam ainda mais nítidos na era das plataformas digitais e a sua facilitação da circulação do discurso e formação de comunidades virtuais transnacionais.

Conectando a ideia acima com a compreensão teórica e conceitual da extrema direita, o contexto local permanece fundamental para compreensão das

variantes regionais extrema direita. Nesse sentido, o ambiente digital consiste em um dos espaços no qual a extrema direita opera para unir uma multiplicidade de contextos locais em prol de uma pauta comum. A CPAC, ao operar como um ponto de encontro dessas múltiplas variáveis aqui discutidas, denota como trata-se de um objeto que pode tornar evidente a relevância do espaço digital para a expansão da extrema direita contemporânea. O próximo capítulo evidenciará esses aspectos ao detalhar a expansão transnacional da CPAC e sua respectiva popularização mundial como concomitante à sua presença no espaço digital.

3. A DUPLA EXPANSÃO DA CPAC: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EXTREMA DIREITA EM JUSTAPOSIÇÃO A PRESENÇA DIGITAL VIA REDES DE DESINFORMAÇÃO

3.1 Introdução

Durante a 44ª edição da *Conservative Political Action Conference* em 2017, Donald Trump retorna ao evento pela primeira vez após sua eleição à presidência dos Estados Unidos. O então presidente contextualiza e relembra seu primeiro discurso oficial na carreira política, proferido na CPAC em 2011 e a respectiva recepção da imprensa:

(...) a mídia desonesta fez essas pesquisas [para representar o partido Republicano nas eleições presidenciais] que me deixaram enfurecido, e eu sequer estava concorrendo, certo? E isso me deu uma ideia, me deixou um pouco preocupado com o que estava acontecendo no país. (...) Os *experts* não acreditavam que poderíamos ganhar (...), mas eles deslegitimaram o poder do povo – **vocês**. E vocês provaram para eles exatamente o contrário. Nunca – isso é verdade, e é isso o que está acontecendo, subestimem o poder do povo. Nunca. E eu acredito que isso jamais acontecerá novamente. (The White House Archives, 2017, tradução própria, destaque próprio)

Apesar de sequer as pesquisas internas (*ballots*) conduzidas no evento cogitassem positivamente Trump à representação do partido Republicano, assim como a direita conservadora no geral apresentou ressalvas iniciais a ele (Smith, 2016), Trump direciona seu discurso à cobertura midiática em tom crítico durante este período. A crítica se torna ainda mais enfática enquanto prossegue com sua fala:

E eu quero que vocês saibam que estamos combatendo as *fake news*. São falsas, [ênfase] **falsas**. Alguns dias atrás, eu as chamei como “**inimigas do povo**” – e elas são. Elas são as inimigas do povo. Porque eles não têm fontes, eles apenas as inventam quando não existem alguma. (...) Eles são pessoas muito desonestas. Na verdade, ao cobrirem minha fala, a mídia desonesta não explicou que eu chamei as *fake news* de ‘inimigas do povo’ – as notícias **falsas**. Eles retiraram a palavra “falsas”. E de repente, a história [divulgada] é: a mídia como inimigo. Eles tiram a palavra “falsas”, e agora estou percebendo, bem, isso não é bom. Mas é assim que eles são. Então, eu não sou contra a mídia. Eu não sou contra a imprensa. (...). Mas eu sou contra as notícias falsas - **falsas**. Eles têm que deixar essa palavra. Eu sou contra as pessoas que inventam histórias e inventam fontes. (...) Então, só para concluir — quero dizer, é um assunto muito delicado, e

eles ficam chateados quando expomos suas *fake news*. Dizem que não podemos criticar sua cobertura desonesta por causa da Primeira Emenda. Sabe, eles sempre mencionam a Primeira Emenda. (risos.) E eu amo a Primeira Emenda. Ninguém a ama mais do que eu. Ninguém. (...) Mas a Primeira Emenda dá a todos nós — dá a mim, dá a você, dá a todos os americanos — o direito de expressar nossas opiniões livremente. **Dá a você e a mim o direito de criticar as *fake news*, e criticá-las veementemente. E muitos desses grupos fazem parte das grandes corporações de mídia que têm sua própria agenda, e não é a sua agenda, e não é a agenda do país. É a agenda deles. Eles têm a obrigação** profissional, como membros da imprensa, de reportar com honestidade. Mas, como vocês viram durante toda a campanha, e mesmo agora, as notícias falsas não dizem a verdade. Não dizem a verdade. Então, para finalizar, digo que elas não representam o povo. Nunca representarão o povo. E vamos fazer algo a respeito, porque precisamos ir às ruas, expressar nossas opiniões e ser honestos. Nossa vitória foi uma vitória como ninguém jamais viu. E estou aqui lutando por vocês e continuarei lutando por vocês. (The White House Archives, 2017, tradução própria, destaque próprio)

Trump põe ênfase não apenas sua crítica à mídia, mas principalmente sua visão dela como “inimiga do povo”. Tal escolha, além da retórica evidentemente populista que estabelece a sua própria figura, utiliza do aspecto do inimigo para descredibilizar o discurso midiático. Ao somarmos o discurso de Trump acima ao inimigo globalista que aparece frequentemente nos discursos de extrema direita atuais, é possível encontrar a associação da mídia ao globalismo. Se, por um lado, a ampla variedade de representantes do globalismo deste discurso ainda seja aparente, é preciso se atentar ao aspecto das mídias com relação ao globalismo.

Vide como exemplo o comportamento hostil direcionado à cobertura jornalística durante a CPAC Hungria 2023 (Heilbrunn, 2023) e CPAC Brasil 2024 (Vasconcellos, 2024), onde jornalistas foram expulsos à força pelos espectadores do evento por associá-los como “globalistas” e/ou “esquerdistas”, respectivamente. Ainda durante a edição brasileira da CPAC deste mesmo ano, Gustavo Villatoro — ministro da Justiça e Segurança de El Salvador, afirma que o sucesso do ‘modelo Bukele’ depende essencialmente do combate à ameaça globalista, que não estaria presente apenas no sistema judiciário como também na narrativa falsa de cunho globalista difundida pelos veículos de comunicação (Zanini, 2024).

Considerando a mídia e seus veículos de comunicação como um dos principais interlocutores da narrativa vigente e acontecimentos ao redor do globo (Rauch, 2016), a extrema direita possui um olhar particular à mídia como detentora da informação e explicação dos fenômenos políticos, possuindo o desejo de

subverter esta ordem a partir de seus próprios meios de difusão informacional. É nesse contexto que o ambiente digital será um ponto de partida crucial de subversão deste ordenamento a partir da lógica da extrema direita. Tal cenário se concretiza a partir de uma outra forma de expansão a ser analisada: sua expansão digital.

A discussão apresentada acima já aponta um entrecruzamento de acontecimentos: a CPAC passou por um processo de internacionalização a partir de suas edições transnacionais. Sua maior presença no cenário internacional perpassa por edições especiais ao redor do globo que fortalecem a conferência conservadora como um ponto de encontro para a extrema direita internacional. O termo ‘ponto de encontro’ será crucial para analisar a CPAC e seus próximos desdobramentos daqui em diante, especialmente na sua correlação com o espaço digital e o questionamento da narrativa midiática e institucional acerca da política contemporânea.

No capítulo anterior, foi demonstrado de que modo a CPAC, anteriormente pilar fundamental para a integração da direita tradicional estadunidense, se transformou em um encontro para apoiadores de Donald Trump, adquirindo rumos mais associados à extrema direita. Tomar posse da conferência que levou décadas para se estruturar e se consolidar no cenário da direita tradicional facilita o processo de expansão da extrema direita, que obtém controle de uma rede de instituições e apoiadores já bem consolidados no ramo político. É nesse cenário que, em busca de fortalecer os objetivos da extrema direita, a CPAC comanda seu projeto de internacionalização. O combate ao globalismo ganha seu protagonismo a fim de justificar a expansão da CPAC em suas diversas edições transnacionais que surgiram a partir de 2017 e fizeram com que a conferência assuma novos patamares com relação à sua relevância no cenário internacional.

O cenário descrito acima, denota o uso da CPAC como instrumento para fortalecer uma rede de apoiadores da extrema direita no cenário internacional, sob pretexto de combate à ameaça globalista. Tal objetivo, apesar da relevância política e do tamanho apoio financeiro direcionado à conferência, se concretizaria através das edições transnacionais? Isto é, até que medida a expansão da extrema direita em escala internacional se concretizará através da mediação de eventos anuais, geralmente restritos a figuras políticas de alta patente, em determinadas regiões do globo? Paralelamente, considerando como o contexto vigente é marcado pela variedade de infraestruturas tecnológicas, por exemplo, de que modo ela faz parte deste cenário de expansão da extrema direita?

Visando expandir e explicar tais questionamentos, este capítulo tem como objetivo detalhar o processo de internacionalização da CPAC a partir de suas edições transnacionais. Posteriormente, será demonstrado de que modo a extrema direita, por intermédio da CPAC, ultrapassa as barreiras aqui expostas através do espaço digital, demonstrando sua importância inestimável para a circulação do discurso dos movimentos sociais contemporâneos.

3.2 Sobre a expansão Internacional da CPAC

Desde sua edição inaugural de 1974, a conferência se consagrou como um evento anual (Parker, 2015, p. 86). Conforme já detalhado no capítulo anterior, a relevância da *Conservative Political Action Conference* para o partido Republicano assumiu tamanha importância que se popularizou como um evento que apresentava ao público os pretendentes a assumir cargos políticos no partido. A partir de 2014, a chegada de Matt Schlapp à liderança da *American Conservative Union* trouxe transformações significativas à CPAC. Aliado de Donald Trump e membro de seu círculo de influência em parceria com sua esposa - Mercedes Schlapp, sua gestão reestruturou a agenda da CPAC do tradicionalismo Republicano à “Trumpficação” de extrema direita (Sanders; Jenkins, 2023, p. 7). Desde então, a conferência anual se transformou em um espaço de apoio ao presidente americano e na elaboração de estratégias a fim de manter o poder e influência de suas pautas (Nussbaum, 2018). Para além dos fóruns anuais em Washington D.C, surgiram novas ramificações em edições especiais, tais como a CPAC Florida e CPAC Texas (Sanders; Jenkins, 2023 p. 8).

É sob estas novas diretrizes políticas e ideológicas que a CPAC inicia suas operações de expansão internacional. A relevância da conferência internacionalmente se iniciou através da gradual separação intrínseca da CPAC com o partido Republicano e maiores conexões com Trump e, consequentemente, à agenda de extrema direita como um todo. Uma das medidas implementadas a partir da gestão de Matt Schlapp corresponde ao convite e participação ativa de representantes célebres da extrema direita do cenário político global. Destaca-se o discurso do político britânico Nigel Farage na edição americana de 2017. Este foi um dos líderes do *Brexit*, processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Seu discurso foi proferido após a divulgação do referendo favorável ao processo por

parte da população no ano de 2016, processo este considerado uma vitória para a agenda anti imigratória da extrema direita da região. Nigel Farage equiparou a eleição de Donald Trump nos EUA com o contexto político britânico, descrevendo os acontecimentos como os primórdios de uma “revolução política global” que não aceita ser governada por “globalistas” que são “destruidores da nação” e “instituições supranacionais”,³⁶ referenciando a União Europeia e sua governança multilateral.

Desde então, o comparecimento e discursos proferidos por convidados internacionais se transformou em uma tradição explícita do evento. Mas o início concreto da parceria da CPAC com figuras internacionais se concretizou no ano anterior, através da aliança com instituições e figuras políticas do Japão que se conectam com pautas da agenda de extrema direita. Estas informações serão discutidas mais detalhadamente a seguir, assim como a importância destas conexões com a fundação das edições transnacionais da CPAC. É importante ressaltar que, dentre as suas ramificações transnacionais, esta pesquisa opta por evidenciar as edições com materiais relevantes para os objetivos aqui descritos. Dito isso, as edições da CPAC na Austrália, Israel, Coreia do Sul e Polônia não serão ampliadas de modo particular neste momento.

3.2.2 Japão

A edição anual da CPAC nos EUA em 2016 simboliza a primeira vez em que uma figura estrangeira é convidada a discursar no palco principal da conferência. Hiroaki Aeba (mais conhecido como Jay Aeba), *chairman* representativo da *Japanese Conservative Union* (JCU) inaugurou esta nova era do evento em sua remodelação. A JCU reflete a busca de Jay Aeba, em conjunto com outros representantes do conservadorismo japonês, de solidificar o movimento através da formação de conexões transnacionais. Foi fundada em 2015 por influência direta da *American Conservative Union*, buscando uma instituição que pautasse como exemplo o sucesso da agenda de cunho conservador nos Estados Unidos (Hall, 2023, p. 268-270). De acordo com descrição própria, a JCU visa

³⁶ NIGEL Farage at 2017 Conservative Political Action Conference. C-SPAN, 2017. Disponível em <https://www.c-span.org/program/white-house-event/nigel-farage-at-2017-conservative-political-action-conference/471797>. Acesso em 30 jan. 2025.

fomentar a parceria entre Estados Unidos e Japão no fortalecimento de cooperação multilateral em prol do conservadorismo. Compartilham valores também pregados pela ACU, tais com mínima regulação estatal e a busca pela reforma e integração do conservadorismo³⁷.

Do mesmo modo que a *American Conservative Union* não se trata em suas origens como um instituto de extrema direita, a *Japanese Conservative Union* não pode ser caracterizada imediatamente a partir de tal espectro político. Apesar disso, ambas compartilham uma agenda comum que, assim como a reestruturação da CPAC comandada pela ACU, pode ser associada a pautas amplamente defendidas pela extrema direita. A JCU advém de uma busca de reorganizar as frentes de atuação do movimento conservador japonês em busca de maior projeção política (Hall, 2023, p. 270-271).

Segundo Jeffrey J. Hall (2023, p. 268-274), Jay Aeba era um dos principais líderes da *Happy Science*, uma organização que clama pela união entre a religião e a política a fim de solidificar o “propósito de Deus para a Terra”. A ação da *Happy Science* possui alcance e estratégias tanto em nível nacional quanto internacional. Após desempenho abaixo do esperado no cenário eleitoral do Japão através de seu partido político próprio criado em 2009 (*Happiness Realization Party*), a organização compreendeu a necessidade de atuar sobre novas frentes que compartilhem de sua mesma agenda, mas que não estejam oficialmente vinculados a ela. É nesse contexto que Aeba se desvinculou institucionalmente da *Happy Science* a fim de fundar a JCU.

A JCU, desse modo, compartilha com a *Happy Science* pautas como o revisionismo histórico e negação da responsabilidade histórica e de memória do Japão imperial (Hall, 2023), e ultranacionalismo (Togo, 2010). Aeba cumpre seu papel de desvincular a JCU da *Happy Science* ao constantemente negar sua participação ou quaisquer associação prévia com a instituição político-religiosa (Hall, 2023, p. 271). Em seu discurso inaugural proferido na CPAC, o *chairman* da JCU reiterou que compartilha com a ACU o propósito de “espalhar o conservadorismo ao redor do globo” e desintegrar as células socialistas e comunistas que atuam em ambas as nações³⁸.

³⁷ ABOUT the Japanese Conservative Union. **JCU: Japanese Conservative Union**, s.d. Disponível em <https://conservative.or.jp/en/about-jcu/> Acesso em 12 mar. 2025

³⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0BKgTh5VpT4> Acesso em 5 fev. 2025

O vínculo formado entre a *American Conservative Union* e a *Japanese Conservative Union* consolidou também a inauguração da primeira edição transnacional da CPAC. No ano de 2017, a edição intitulada como J-CPAC contou com o discurso de representantes americanos como Steve Bannon, Mike Pompeo e Ted Cruz (Hall, 2023). Dentre as pautas discutidas, destaca-se a busca por solidificar a parceria entre Estados Unidos e Japão, além da busca por criar uma frente de oposição ao comunismo e crescimento da influência da China na região na Ásia³⁹. Trata-se aqui de uma busca pela *Happy Science* de solidificar sua imagem perante o público através do apoio internacional, vide a inicial falta de legitimidade no âmbito doméstico. Logo após o evento, o site de notícias de extrema direita comandado por Bannon, *Breitbart News*, publicou uma matéria que reiterava a narrativa divulgada pela *Happy Science*. Abordando a pauta das ‘mulheres de conforto’, o portal de notícias comandado por Bannon afirma que a busca por responsabilidade histórica direcionada ao Japão se trata de uma narrativa oportunista financiada pela China a fim de deslegitimar o país perante o cenário internacional⁴⁰.

3.2.3 Brasil

Já em 2019, o Brasil ganhou sua primeira edição do evento. A chegada da conferência de extrema direita em território brasileiro perpassa diretamente por Eduardo Bolsonaro. O então deputado federal e aliado do clã de Jair Bolsonaro, pode ser apontado como principal mobilizador de recursos, influência e patrocínio para a edição transnacional brasileira. Em publicação de seu Instagram em 2020, o deputado federal relata que sua presença como convidado na CPAC EUA e o início da CPAC Brasil se trata de uma parceria entre ele e Matt Schlapp firmada em 2018 (Barbosa, 2024, p. 78) “que já tem dado bons frutos”⁴¹. A primeira CPAC Brasil foi palco da assinatura de um termo de cooperação entre a *American Conservative*

³⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IHCX4A7qNFo> Acesso em 15 mar. 2025.

⁴⁰ XENAKIS, John F. WORLD view: China Funds Unauthorized Anti-Japan Comfort Woman Statue in Manila, Philippines. **Breitbart**, 2017. Disponível em <https://www.breitbart.com/national-security/2017/12/28/world-view-china-funds-unauthorized-anti-japan-comfort-woman-statue-manila-philippines/> Acesso em 14 jun. 2025.

⁴¹ Disponível em https://www.instagram.com/bolsonarosp/p/B790cKFFw_U/ Acesso em 26 fev.

Union e a Fundação Índigo. Neste acordo, a ACU autoriza o uso da marca e da CPAC como um todo sem custos diretos ao instituto brasileiro⁴².

Eduardo Bolsonaro deu continuidade a este projeto através da criação do Instituto Conservador Liberal (ICL), *think-tank* com o propósito de difundir a ideologia conservadora no país e “desenvolver políticas públicas pela ótica conservadora-liberal⁴³ desvinculadas de órgãos públicos”⁴⁴ mas defensores de uma agenda que colocou Bolsonaro no poder em 2018. No cenário latino-americano, os *think-tanks* cumpriram a função de estabelecer uma frente de oposição à ascensão de governos de cunho progressista no continente, utilizando da iniciativa privada e influência política e cultural da narrativa americana a fim de produzir um discurso de combate à ascensão do comunismo na América Latina. Nesse contexto, uma variedade de institutos e *think-tanks* estabelecem uma rede transnacional de compartilhamento de ideias e influência sob a mesma estrutura narrativa acerca do inimigo que permeia o continente, reafirmando sua luta contra a ‘guerra cultural’ e liberdade de expressão (Giménez, 2024, p. 89).

Considerando tamanha influência da direita conservadora que se opõe ao progressismo e à democracia liberal no continente latino-americano desde meados da década de 1980, é inegável que a extrema direita presente na América Latina atualmente possui influências diretas deste contexto. Esta “nova geração da direita latino-americana radicalizada” (Giménez, 2024, p. 90) utiliza igualmente da rede transnacional de *think-tanks* a fim de difundir conspirações acerca do inimigo comunista e ‘forças globalistas’ do contexto vigente. O Instituto Conservador Liberal, desse modo, acompanha a estrutura discursiva já bem fundamentada por institutos anteriores a fim de mobilizar recursos para o fortalecimento da agenda de extrema direita tanto em âmbito doméstico quanto regional. Desde sua fundação

⁴² TEIXEIRA, Lucas Borges. Eduardo Bolsonaro assina termo de cooperação com conservadores dos EUA. UOL, 2019. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/12/eduardo-bolsonaro-assina-termo-de-cooperacao-com-conservadores-dos-eua.htm> Acesso em 23 jun. 2025.

⁴³ ZANINI, Fábio. Novo instituto de Eduardo Bolsonaro busca financiadores e se espelha na direita pró-Trump. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/novo-instituto-de-eduardo-bolsonaro-busca-financiadores-e-se-espelha-na-direita-pro-trump.shtml> acesso 23 jun. 2025.

⁴⁴ Tal proposta se demonstra falsa após investigações jornalísticas que apontam financiamento direto advindos do Partido Liberal (PL) direcionados ao Instituto Conservador Liberal no ano de 2024. Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/igor-gadelha/eduardo-bolsonaro-pl> Acesso em 23 jun. 2025.

em 2020, o *think-tank* se tornou o principal gestor das edições da CPAC em território brasileiro.

Nos anos seguintes, as edições da CPAC Brasil expandiram consideravelmente seu nível de patrocinadores de âmbito tanto nacional quanto internacional. Os parceiros do evento vão desde *La Derecha Diálogo*, jornal de notícias argentino associado à divulgação de desinformação; ao *Gettr*, plataforma digital alternativa criada para apoiadores de Trump nos EUA e defensora da “liberdade de expressão sem restrições” (Pew Research Center, 2023). Seu assessor, Jason Miller, foi citado em inquérito publicado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por organização criminosa. Sua plataforma foi utilizada para circulação de narrativas falsas acerca das eleições presidenciais brasileiras de 2022, além de servir de espaço de mobilização para os posteriores ataques de 8 de janeiro (Barbosa, 2024, p. 81).

Além do sucesso gradual do evento em níveis de projeção financeira, a continuidade das edições da CPAC no Brasil demarca também o crescimento da relevância do evento no cenário da extrema direita internacional. Na edição de 2022, destaca-se a realização do painel apresentado por Eduardo Bolsonaro, José Antonio Kast e Javier Milei. O trio discutiu em painel conjunto acerca da luta contra o avanço da esquerda e do comunismo na América Latina.

FIGURA 1: Javier Milei, Eduardo Bolsonaro e José Antonio Kast durante CPAC Brasil 2022



BOLSONARO, Eduardo. **Agora no CPAC, o maior evento conservador do mundo, com os futuros presidentes da Argentina @JMilei e Chile @joseantoniokast.** São Paulo, 12 jun. 2022. X: @BolsonaroSP Disponível em: <https://x.com/BolsonaroSP/status/1535973029318119426> Acesso em: 29 ago. 2025.

3.2.4 Hungria

Tornar a Hungria país sede de uma nova ramificação transnacional da *Conservative Political Action Conference* em 2022 marca também a chegada do evento em território europeu. Sua edição inaugural de 2022 denota também sua primeira conferência na Europa. Organizada principalmente pelo *Center for Fundamental Rights* de Budapeste (*Alapjogokért Központ*, em sua nomenclatura oficial húngara), a Hungria do primeiro-ministro Viktor Orbán é apontada pela extrema direita como “o coração da ressurreição conservadora na Europa”. O evento inaugural contou com cerca de 200 figuras políticas estrangeiras e é lembrado pelo discurso de Orbán sobre os ‘12 passos’ para o sucesso do

conservadorismo cristão a ser seguido pelas outras nações ao redor do globo.⁴⁵ As edições seguintes do evento no país se sucederam de forma a consolidar a Hungria como novo epicentro de encontro e articulação da extrema direita na Europa, reunindo figuras como Santiago Abascal, José Antonio Kast, Giorgia Meloni e Eduardo Bolsonaro ao longo dos anos.

A CPAC Hungria de 2022 demonstra particularidades desta transnacionalização da CPAC. De acordo com análise feita por Rebecca Sanders e Laura Jenkins (2023, p. 7-15), as pautas discutidas na edição húngara se encontram em sinergia com o evento estadunidense de um modo multidirecional. Mais especificamente, ao contrário da evidente busca da J-CPAC em reproduzir o evento fielmente no Japão e se beneficiar do mesmo modo do histórico do evento nos EUA, a Hungria parece determinar papel de maior protagonismo quanto a escolha de seus temas quanto à influência direta às edições americanas. As autoras buscam refutar a hipótese de que o modelo húngaro se assemelha ao Japão, ao demonstrarem como a influência de Orbán na Europa faz com que o evento americano se inspire em sua figura e seu modelo húngaro para compartilharem ideias. Demonstram a nitidez de como a CPAC Hungria 2022 e a CPAC Texas 2022 (que Orbán esteve presente como palestrante principal), que possuem pautas em comum e que se referenciam constantemente como aliadas que possuem autonomia própria.

Outra particularidade da CPAC Hungria identificada é a de publicação de um resumo do evento sob forma de manifesto, que sintetiza as falas do evento, considerações finais e mensagens para edições futuras. A publicação da edição inaugural de 2022 demonstra de forma sintetizada os objetivos que apontam o processo de transnacionalização da CPAC:

O objetivo do CPAC Hungria era **concretizar o pior pesadelo dos liberais globalistas: a cooperação internacional de forças nacionais**. Durante décadas, eles tentaram nos convencer de que a Direita não pode se unir em nível transnacional, alegando que o localismo nos manteria presos demais aos nossos respectivos lugares e geraria conflitos entre nós. Mas ficou claro que essa é uma percepção imposta pela elite midiática internacionalista progressista, e não a realidade. Eles "esqueceram" que sua propaganda agressiva tinha ido longe demais: que, ao tentar nos distanciar de nossa cultura judaico-cristã em todos os lugares, ao tentar erradicar as tradições nacionais com intolerância ao

⁴⁵ KOVÁCS, Zoltán. PM Orbán at CPAC: Here's Hungary's 12-point recipe for Christian conservative success. **About Hungary**, 2022. Disponível em <https://abouthungary.hu/blog/pm-orban-at-cpac-heres-hungarys-12-point-recipe-for-christian-conservative-success> Acesso em 29 jul. 2025.

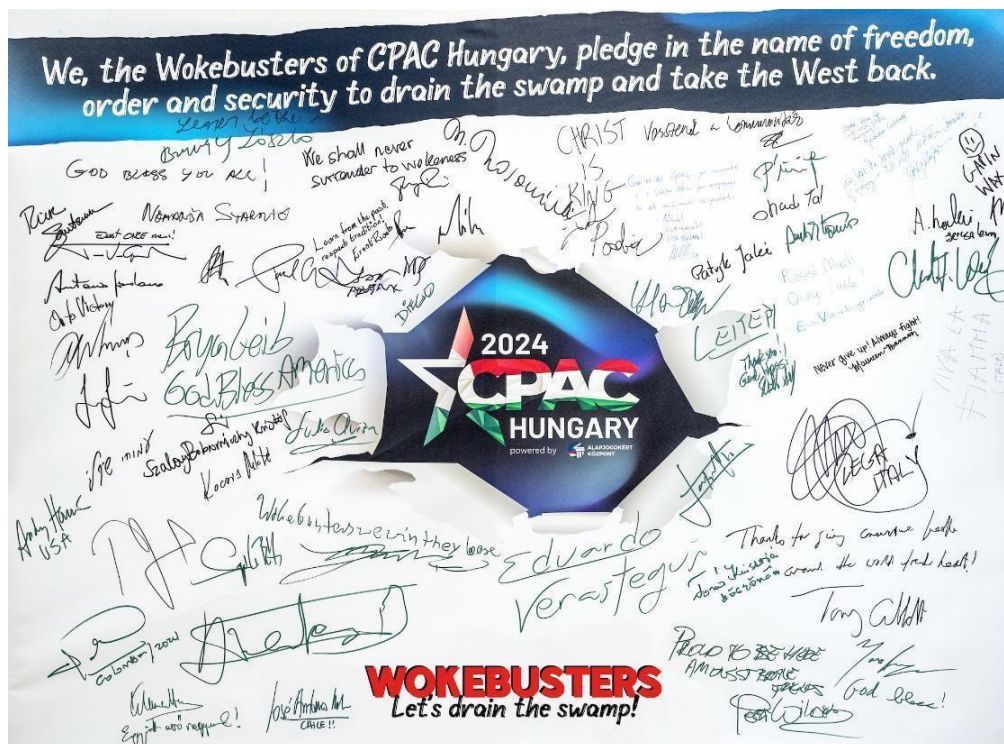
senso comum e ao apresentar o que é dado pela ordem da criação como obsoleto, estavam inadvertidamente nos dando causas comuns pelas quais lutar. Nossa tarefa, portanto, é nada menos do que unir os centros de poder conservadores, nacionais e de direita. O simbolismo político do CPAC, fundado há décadas, talvez seja mais bem resumido nas palavras do Primeiro-Ministro: "Nunca devemos jogar pelas regras dos liberais!" (CPAC Hungary, s.d., tradução própria destaque da fonte)

Nesse sentido, para além de um espaço voltado a conexões interpessoais, as novas ramificações da CPAC que ganharam força nestes últimos anos apontam uma extrema direita que é interligada por interesses comuns. Este seria um indicativo de que, apesar das particularidades intrínsecas de cada movimento, o fortalecimento da extrema direita se refere a um processo que atingiu uma escala transnacional (Forti, 2024, p. 23), conforme detalhado no capítulo anterior. Mais especificamente, o reconhecimento de uma agenda comum contra um “inimigo global” (Musharbash, 2021) seria fator mobilizador de estratégias políticas compartilhadas entre si (Forti, 2024, p. 25). Na atual conjuntura, portanto, ideais de cunho nativista e ultranacionalistas não anulam o reconhecimento de similaridades entre discursos e estratégias políticas pela extrema direita ao redor do globo.

Outro exemplo deste cenário de aliança entre Hungria e Estados Unidos através da conferência se deu através do anúncio do movimento intitulado ‘*Wokebusters*’. Em referência ao filme ‘*Ghostbusters*’ (Caça-Fantasmas, obra de 1984) em que o enredo gira em torno da caça à fantasmas e proteção da sociedade, a CPAC Hungria 2024 foi palco para o anúncio da iniciativa criada pelo *Center for Fundamental Rights* que possui o objetivo de estabelecer uma força-tarefa transnacional contra ‘forças globalistas’, sobretudo aquelas de caráter ‘*woke*’ (GPAHE, 2024). Entende-se por ‘*woke*’ como um termo apropriado pela retórica de extrema direita, anteriormente mais reconhecido como uma referência a adquirir consciência social e lutar pela justiça e direitos civis. No discurso de extrema direita, passou a ser aplicado como uma forma de insulto para uma ampla variação de sujeitos e instituições associadas ao progressismo e diversidade social (Cammaerts, 2022).

De acordo com o diretor do CFR, Miklos Szantho, a iniciativa *Wokebusters* busca atuar principalmente *online*, criando um sistema próprio de alertas entre seus representantes ao redor do globo para detectar atividades ‘*woke*’ e gerar uma

contrarresposta⁴⁶. Esta força tarefa foi o tópico principal da CPAC Hungria 2024, que não apenas a fez lema principal da conferência (*Wokebusters: let's drain the swamp!*) como também resultou na ‘Declaração *Wokebusters*’, que contou com a assinatura de mais de 100 figuras políticas presentes na conferência (GPAHE, 2024). O projeto prosseguiu posteriormente com uma espécie de “turnê internacional”, em que seus organizadores apresentavam a iniciativa em eventos da extrema direita em eventos de cunho conservador. Paralelamente, organizaram acampamentos (*bootcamps*) dedicados ao treinamento de membros de ONG’s, *think-tanks*, empresários e políticos associados à agenda de extrema direita, visando uma criação de uma rede transnacional de profissionais treinados ao combate ao *wokismo*⁴⁷.



⁴⁶ LEVENTE, Tony László. Think Tank Chief: Only Right Wing Has the Potential for Peace. **Magyar Nemzet**, 2024. Disponível em <https://magyarnemzet.hu/english/2024/08/think-tank-chief-only-right-wing-has-the-potential-for-peace> Acesso em 20 jun. 2024.

<https://www.centromachiavelli.com/en/2024/09/24/wokebusters-bootcamp-scuola-internazionale-conservatori> Acesso em 29 jun. 2025.

3.2.5 México e Argentina

Com o lema “Defendendo a liberdade nas Américas” a edição transnacional mexicana da conferência ocorreu pela primeira vez em novembro de 2022 na Cidade do México. O México assume outra particularidade, especialmente se comparado ao cenário latino-americano como um todo, em que a extrema direita ainda busca assumir sua projeção no âmbito doméstico. Seu principal representante é Eduardo Verastegui, que buscou adentrar a carreira política a partir de discursos em oposição à vacinação e a descriminalização do aborto, pautas que reverberam entre apoiadores da extrema direita. Verastegui assumiu o posto de principal organizador da CPAC México a fim de fortalecer seu apoio com figuras internacionais dos EUA, Europa e América Latina.⁴⁸ Destaca-se a presença de figuras como José Antonio Kast, Santiago Abascal, Eduardo Bolsonaro, Javier Milei, Steve Bannon, Donald Trump, Maria Fernanda Cabal e Nayib Bukele. Desse modo, o político mexicano busca fortalecer sua imagem no país através de suas alianças transnacionais oficializadas através das CPAC’s. Eduardo Verastegui foi também o principal palestrante e organizador da primeira CPAC Latino, uma ramificação da CPAC EUA em Miami voltada exclusivamente para latinos que apoiam a agenda de extrema direita no país (Staff, 2025).

Por outro lado, a chegada da CPAC na Argentina, apesar de ocorrer apenas em 2024, já se encontra em um cenário completamente oposto ao mexicano. Em um contexto de eleição recente de Javier Milei à presidência do país, a conferência argentina cumpre a função de formar um novo polo da CPAC na América Latina vide o contexto brasileiro, no qual Jair Bolsonaro é investigado judicialmente. Reiterando este contexto, a fala de apresentação via videoconferência por Steve Bannon por evento declara que “o destino da América do Sul está nas mãos de Milei e patriotas da Argentina” (Phillips; Iglesia, 2024).

A CPAC Argentina, segundo um de seus organizadores, é uma extensão lógica do evento ao país latino-americano e formação de um novo ponto de encontro

⁴⁸ ABBOTT, Jeff. The Other Americans: CPAC Comes to Latin America. **The Progressive Magazine**, 2023. Disponível em <https://progressive.org/latest/other-americans-cpac-comes-to-latin-america-abbott-231122/> Acesso em 28 jul. 2025

(Izquierdo, 2024), um marco fundamental para celebrar uma Argentina em transição vigente para um governo aliado à agenda de extrema direita. Javier Milei foi condecorado com o título de presidente honorário da conferência argentina. Em seu discurso de encerramento, reitera que o evento é uma oportunidade de tornar evidente a necessidade de figuras como ele próprio, Trump e Bukele de se organizarem politicamente em prol de seu objetivo comum: a batalha cultural contra a esquerda⁴⁹.

3.3 Discurso de (in) segurança na CPAC: pensar a segurança no contexto de reconstrução permanente do globalismo cotidiano

Da ‘elite de Bruxelas’ (apelido para o Parlamento Europeu) na Hungria (Isaac, 2025), a ‘esquerda petista’ no Brasil (FUNAG, 2019) ao Partido Democrata nos Estados Unidos (Harbor, [s. d.]). A figura do globalismo está representada de maneira múltipla e diversa nos exemplos aqui mencionados, todos estes proferidos durante conferências da CPAC. Comparando-os somado a análise anterior acerca da expansão transnacional da CPAC, pode-se afirmar que a extrema direita contemporânea tem como base a interconectividade discursiva, apesar da manutenção da exaltação nacionalista ao Estado-nação. Recuperando a discussão já levantada no capítulo anterior, trata-se da instrumentalização da chamada ‘ameaça globalista’, que se encaixa e manuseia de forma ampla uma multiplicidade de contextos regionais. Conforme Alexander Anievas e Richard Saull (2023, p. 715), a extrema direita global consiste em um movimento internacionalmente conectado e ideologicamente variado no âmbito discursivo.

Além disso, os discursos evidenciam como o globalismo possui certo caráter de urgência e excepcionalidade. Thorsten Wojczewski (2020) afirma que discursos de extrema direita consistem em um processo de securitização que utiliza da retórica populista. Ao apontarem uma realidade de urgência associado ao globalismo, neste caso, o ator populista em evidência se coloca na posição de protetor do povo. Desse modo, a securitização de extrema direita aqui explicitada constrói um cenário de

⁴⁹ CPAC Argentina. “Estamos frente una oportunidad histórica en mano de Trump, de Bukele y de nosotros aquí en Argentina para que en el mundo se respiren nuevos vientos de libertad...no alcanza gestionar bien, es necesario dar la batalla cultural y, en eso, CPAC tiene un rol fundamental”. - Milei Buenos Aires, 6 dez. 2024. X: @CPACArg. Disponível em <https://x.com/CPACArg/status/1865176981488202073> Acesso em 28 jul. 2025.

diferenciação entre o “povo” e as “elites corruptas” globalistas, em que o aspecto antagônico reforça o ódio e divisão social em troca de apoio público e social. O aspecto de divisão entre amigo e inimigo, argumentado por Carl Schmitt, assume importância crucial para o entendimento do processo de securitização⁵⁰ através da análise do discurso da extrema direita.

A identificação do caráter de excepcionalidade e mobilização de sensações de medo e urgência propagados pela extrema direita (Kisić-Merino, 2025), entretanto, não podem camuflar outro aspecto crucial deste discurso de (in)segurança. Ao analisarmos mais detalhadamente o que consiste na ameaça globalista constantemente propagada, não é possível identificar um momento exato ou uma figura única e concreta que influenciou esta propagação narrativa. Isso porque há certa fluidez da narrativa para que esta se encaixe em múltiplos cenários. O que seria a representação das elites globalistas adquirem certa espontaneidade e fácil adaptação em que a falta de uma origem única e definitiva permite sua expansão, característica comum das teorias da conspiração (Loureiro, 2023, p. 13). A vista disso, a fluidez narrativa da extrema direita acaba por levantar questionamentos acerca do caráter de excepcionalidade de seu discurso. Seguindo a lógica da securitização, o ato discursivo (*speech act*) busca construir um contexto de excepcionalidade que ultrapassa a vida política comum e, portanto, demandam ações que vão além das ‘regras do jogo’ (Buzan; Waever; Wilde, 1998, p. 24). Considerando a ampla variedade que o globalismo toma forma, além da ausência de um momento definitivo histórico que demarque a excepcionalidade, de que forma se manuseia a constância desta urgência propagada pela extrema direita? É sob a lente de questionamentos similares a estes que Jef Huysmans (2011) propõe um (re)engajamento com discursos de segurança vigentes. A narrativa de extrema direita, muitas vezes, não opera sob uma separação nítida entre a excepcionalidade e o cotidiano, dificultando a identificação de momentos exatos de ruptura entre ambas as fases. Nesse sentido, o autor argumenta que o *speech-act* não necessariamente aponta momentos particulares que “viram as regras do jogo” (Buzan; Waever; Wilde, 1998), mas sim uma pluralidade de decisões e eventos. Isto é: o discurso é constantemente feito e reimaginado de acordo com as demandas de

⁵⁰ WILLIAMS, Michael C. Words, images, enemies: Securitization and international politics. *International studies quarterly*, v. 47, n. 4, p. 511-531, 2003.

cada contexto, sob múltiplas “associações dispersas” de práticas de (in)segurança que apontam uma ameaça constante na realidade cotidiana (Huysmans, 2011, p. 376).

O discurso de (in)segurança da extrema direita proferido através da CPAC, desse modo, opera através de uma variedade de atos, ações e atores responsáveis que não se encontram em um contexto excepcional, mas sim na vida cotidiana. Seria o que Huysmans (2011, p. 376) intitula como “*little security nothings*”. O globalismo é difuso, se apresenta desde atores da política doméstica ou internacional, sociedade civil, filantropia, movimentos sociais, estrangeiros, entre outros (Abrahamsen *et al.*, 2024). Este aspecto reforça um ato discursivo que para além da mera excepcionalidade, traz o contexto para a proximidade da audiência que almeja atingir.

O próximo passo consiste então na garantia de que o discurso de (in)segurança alcance propriamente seus objetivos, o que depende do quão acessível ele é para sua audiência. A *Conservative Political Action Conference* assume uma função de atribuir legitimidade necessária para a validação do discurso da extrema direita. Porém, as críticas prévias acerca da falta de diálogo da conferência com seu público (Diamond, 2015) sinalizam a demanda por transformações do modo como o discurso de extrema direita é majoritariamente difundido atualmente. Apesar da aproximação gradual da sociedade civil ao evento através da permissão de espectadores por compra de ingressos, ainda é um evento de alcance limitado para aqueles em condições de arcarem com seus custos financeiros e disponibilidade. Vale ressaltar que os vínculos institucionais e de patrocínio da *American Conservative Union* seguem sendo os pilares fundamentais para a estruturação e manutenção da CPAC, operando em um sistema de doações e patrocinadores em troca de espaço político e representatividade conservadora no espaço empresarial (InfluenceWatch, [s. d.]).

Diante dessa conjuntura, para além de aproximar a retórica do discurso para seu alvo, é fundamental incentivar sua circulação e difusão social. Essa circulação deve operar sob as mesmas diretrizes que caracterizam o discurso de extrema direita atual, ou seja: precisam assumir um caráter constante quanto à sua acessibilidade ao público.

É neste panorama que o espaço digital demonstra sua importância para a extrema direita contemporânea. O ambiente digital possui particularidades que

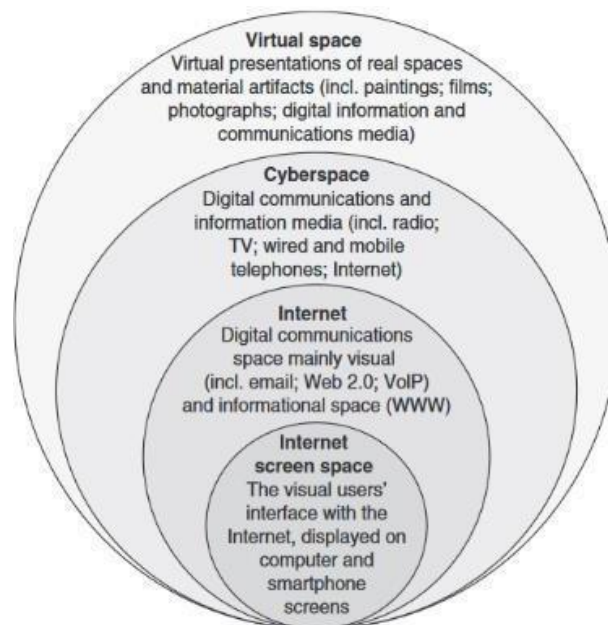
possibilitam que este movimento propague seu discurso de modos que outras fontes de informação ainda não permitiam. Antes de detalhar acerca da expansão digital da extrema direita via CPAC, é importante, primeiramente, se debruçar acerca da relação entre estas variáveis na literatura: espaço digital e uma dita “nova era de difusão da informação.”

3.4 Expansão digital: espaço digital e o consumo da informação por meios alternativos

3.4.2 Sobre o espaço digital

O ambiente digital é composto por múltiplas infraestruturas. Apesar dos termos “internet”, “ciberespaço” serem utilizados como sinônimos (tanto em níveis acadêmicos como de senso comum), estes possuem significados técnicos distintos entre si (Warf, 2018). Estas são múltiplas dimensões que são ‘subsidiárias’ do espaço virtual. Entende-se por espaço virtual “representações virtuais de espaços reais e artefatos materiais”, em que está incluído desde pinturas, fotografias ao espaço digital propriamente dito. Em síntese, o espaço virtual remete ao processo de visualização, isto é, transformação de determinada manifestação em uma entidade virtual (Warf, 2018, p. 157).

FIGURA 3 – “As 4 classes do espaço imagético”



KELLERMAN, Aharon. **Geographic interpretations of the internet**. Springer International Publishing, 2016

Por ciberespaço entende-se uma dimensão diferenciada e descentralizada (Papacharissi, 2008) localizada dentro do espaço virtual, uma espécie de "mundo digitalizado e virtual nos fios". Em outras palavras, seria uma espacialidade tanto virtual quanto conceitual e metafórica (Warf, 2018, p. 157-158), melhor compreendida em sua pluralidade de possibilidades do que de maneira singular. A internet já aborda aspectos mais específicos tanto em níveis de infraestrutura própria (Abbate, 2012) como em sua acessibilidade. Remete à um mecanismo de acesso global às redes ciber espaciais, ocasionado pela fusão dos aparatos tecnológicos e computacionais aos sistemas de rede interconectados. Por fim, o 'espaço de tela da internet' – *internet screen space* se trata da interface visual que torna possível a interconexão da infraestrutura à internet e ao ciberespaço (Warf, 2018, p. 159).

Destacar essas separações entre as dimensões será de suma importância. A definição de espaço digital a ser aplicada remete às três 'subdimensões' do espaço virtual (ciberespaço, internet e 'espaço na tela da internet') evidenciadas na imagem acima. Optar por 'espaço digital' ao invés de ciberespaço ou internet visa abarcar

todas estas sub dimensões que compõem este espaço, inclusive suas interações entre si, que remetem a “espacialização de dados não espaciais” (Warf, 2018, p. 159).

O espaço digital possui suas particularidades quanto aos fluxos de informação. A “mobilidade ciber espacial” da informação (Kellerman, 2016, p. 72) apresenta especificidades devido a dinâmicas características desse ambiente que Aharon Kellerman (2016, p. 78) identifica como: fluxos; velocidade; direcionalidade;⁵¹ circularidade⁵² e co-presença. Particular atenção será direcionada a esta última característica. Ao dissertar acerca das diferenças do que é visto como “espaço real” para o espaço digital, Kellerman (2016, p. 78) entende a co-presença como uma espécie de “dissonância cognitiva” de se tratar de uma espacialidade própria, enquanto agrupa experiências continuadas do “espaço real.” Essa natureza dupla da espacialidade digital denota sua multidimensionalidade e como esta não está separada do ambiente mundano, oferecendo “experiências” aos seus usuários que são, simultaneamente, globais e locais. Logo, a co-presença do espaço digital consiste no fato de que este se trata de um ambiente próprio e particular que agrupa múltiplas realidades e experiências humanas que são componentes indissociáveis do “mundo real” (Kellerman, 2016, p. 83).

3.4.3 O espaço digital da CPAC

O primeiro passo da CPAC a fim de inaugurar sua presença no espaço digital se consolida pela transmissão de suas edições *online*. A C-SPAN (*Cable-Satellite Public Affairs Network*), rede americana de transmissões televisivas via satélite, transmite os principais eventos políticos dos EUA e os publicam em uma espécie de biblioteca digital em seu *website* (Browning, 2016). Surge nos Estados Unidos em 1979, no contexto de monopólio midiático influenciado pelo Estado americano. Em um contexto de aumento da desconfiança perante o discurso das mídias, C-SPAN vinha como contraproposta ao *mainstream*. Mais especificamente, clamavam pela cobertura midiática íntegra dos principais eventos políticos nos

⁵¹ Ao contrário do 'espaço real' em que a direcionalidade envolve um destino que consiste em um espaço físico fixo, na internet, por outro lado, a direcionalidade está para um 'endereço ciber espacial'. Isto é: está em determinada conta ou e-mail, por exemplo, ao invés de um computador físico específico (Kellerman, 2016, p. 76).

⁵² “Circularidade refere-se a movimentos repetitivos, muitas vezes também cíclicos, entre as mesmas origens e destinos” (Kellerman, 2016, p. 77) do espaço digital.

EUA, aproximando a população dos acontecimentos e seu debate político (Frantzich, 1996, p. 2-23).

O projeto da C-SPAN evidencia outra característica que define o espaço digital: sua importância como arquivo. Deborah Lupton (2016, p. 31-32) aponta que os meios pelos quais os dados digitais são criados e distribuídos podem definir a internet como um arquivo vivo e duradouro. Somado a isso, trata-se de um exemplo de hibridização da mídia com a popularização da tecnologia. O espaço digital permitiu novas possibilidades para a circulação do discurso da C-SPAN, aproveitados aqui pela CPAC. Ao se integrarem ao ambiente cibernético para a publicação de eventos na íntegra para sua audiência, a C-SPAN expande as possibilidades de acessibilidade ao discurso político em um contexto de gradual desconfiança das mídias. O cruzamento destas variáveis é o que Chadwick (2013) chama de sistema híbrido de mídia, em que a adaptação das mídias e atores políticos se cruzam com as novas tecnologias para construir um novo cenário de acesso a informação.

A transmissão e publicação de discursos proferidos na CPAC, entretanto, já existia no auge da conferência como um polo de direita tradicional. Com o passar dos anos, a C-SPAN cresceu substancialmente sua biblioteca digital e acessibilidade ao público geral (Browning, 2016), mas representa apenas uma parcela da presença da CPAC no ambiente digital. O processo de expansão digital da conferência conservadora perpassa também pelo manejo de seu *website* próprio (controlado por sua filiação principal americana), que opera sob o endereço <https://www.cpac.org>⁵³. O *website* tem seus primeiros registros em 1996, de acordo com mapeamento do *Wayback Machine*. Em sua primeira década, o endereço operou de maneira extremamente simples, anunciando as informações principais da próxima conferência, destaques e registros de mídia das edições anteriores e links que redirecionavam para doações à ACU. A partir do ano de 2003, passaram a disponibilizar a compra de gravações da conferência sob forma de *áudio tapes*, mediante preenchimento de formulário de seu *website* e orçamento personalizado. Entre os anos 2000 e meados da década de 2010, o *website* passou a disponibilizar discursos na íntegra dos principais palestrantes, além de manter a

⁵³ Desde seu surgimento na web até os dias atuais; o endereço oficial da CPAC alternou entre www.cpac.org ou www.cpac.conservative.org.

possibilidade de compra de transmissões de áudio e fotografias oficiais da conferência. As maiores transformações, deve-se mencionar, são datadas a partir de 2017, momento este que coincide com a chegada de Schlapp à ACU e a vinculação da CPAC ao espectro político de extrema direita. É nesse cenário que o endereço na *web* passa por transformações exponenciais para além de sua infraestrutura, mas especialmente as funções que executa enquanto *website*. Até o ano de 2015, a CPAC publicava em seu endereço próprio informações cruciais do evento, além de destaques pontuais da edição um ano anterior.

Figura 4 – Página principal da CPAC no ano de 2012 – captura de tela feita a partir do Waybackmachine



HOMEPAGE. **CPAC**, 2012. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20120701000000*/https://www.cpac.org/ Acesso em: 17 jul. 2025.

Já a partir de 2019, a CPAC passou a se reconhecer como mídia alternativa. Isso porque para além de divulgar informações relacionadas apenas às conferências, a CPAC se transformou também em um endereço para leitura de notícias por parte de seus espectadores e leitores assíduos. Desde então, a presença da CPAC no espaço digital assume novos objetivos. Sua filiação principal possui *website* próprio

que, para além de se apresentar como um portal de notícias - *Top News by CPAC* - e fornece informações sobre os próximos eventos. Apesar do *slogan* “a sua mais nova fonte para uma cobertura de notícias confiável”⁵⁴ – essa seção do *website* não apresenta uma cobertura jornalística autônoma, mas sim a seleção de matérias midiáticas que ao seu critério constam como confiáveis, gerando *hyperlinks* de redirecionamento à fonte original. Geralmente, as fontes selecionadas são portais associados à extrema direita, fundamentalismo religioso ou ao conservadorismo no geral, por exemplo.

O que pode ser considerado como cobertura autônoma reside, na verdade, apenas na seção intitulada *CPAC Blog*, em que a conferência publica notícias com relação aos eventos, convidados e principais notícias do cenário da extrema direita internacional⁵⁵. Nesses textos, o discurso acerca do ‘inimigo globalista’ é mais aparente, contendo até mesmo manifestos de cada conferência ou discursos dos seus palestrantes disponibilizados na íntegra.

O que fornece suporte institucional e financeiro, por exemplo, também é evidente a partir da análise de seu endereço na web. A conferência torna acessível os vínculos de patrocínio que possibilitam o desenvolvimento contínuo do evento, além de incentivar o apoio a causas de cunho político-social. Dentre elas, destaca-se o projeto *CPAC Foundation*, que apresenta suas iniciativas apoiadas pela American Conservative Union em gestões anteriores à de Matt Schlapp. Centros como Nolan Center for Justice⁵⁶; o *Center for Combating Human Trafficking* – fundação voltada ao combate ao tráfico humano, pauta esta frequente nas CPAC’s atuais⁵⁷; e o *Center for Corporate Accountability* que possui o *slogan* “o objetivo (...) é responsabilizar os líderes corporativos quando eles decidem gastar o dinheiro de outras pessoas em uma agenda *woke*”⁵⁸. Essas três iniciativas demonstram

⁵⁴CPAC – Top News by CPAC, s.d. Disponível em <https://www.cpac.org/us/topnews> Acesso em 17 jul. 2025.

⁵⁵ Disponível em <https://www.cpac.org/blog> Acesso em 17 jul. 2025.

⁵⁶ Instituto criado pela ACU que se concentra na pauta de reforma do sistema judiciário criminalista dos EUA e o fortalecimento da linha conservadora no meio jurídico. Disponível em <https://conservativejusticereform.org/about/> Acesso em 19 jul. 2025.

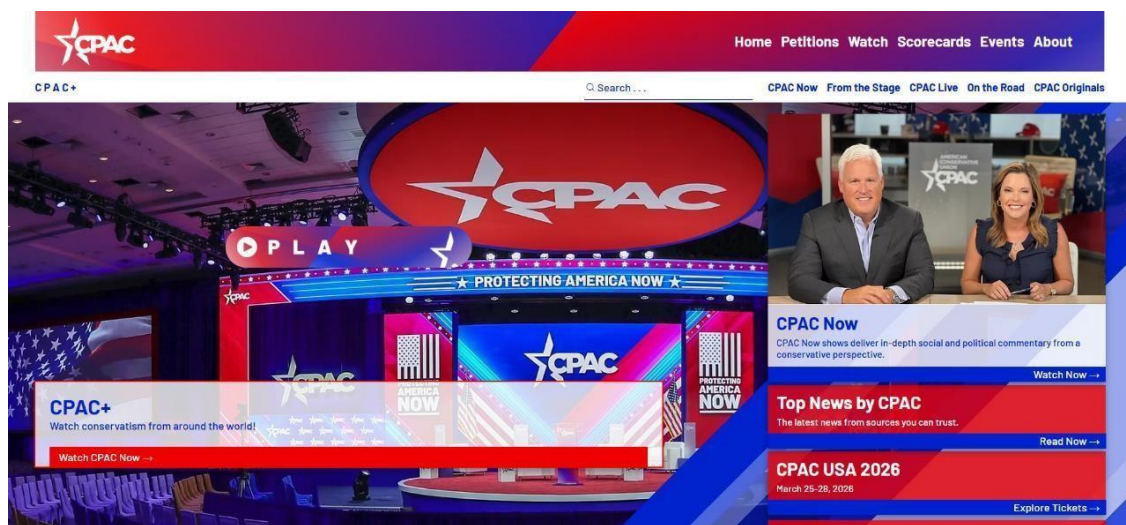
⁵⁷ HUMAN Trafficking is a Pressing Problem “in the Land of the Free”. CPAC, 2024. Disponível em <https://www.cpac.org/post/human-trafficking-is-a-pressing-problem-in-the-land-of-the-free> Acesso em 19 jul. 2025.

⁵⁸ Disponível em <https://www.cpac.org/foundation/centers-corporate-accountability> Acesso em 19 jul. 2025.

claramente o entrecruzamento do aspecto de robustez da CPAC no âmbito institucional que é sutilmente aliado a pautas de extrema direita atualmente.

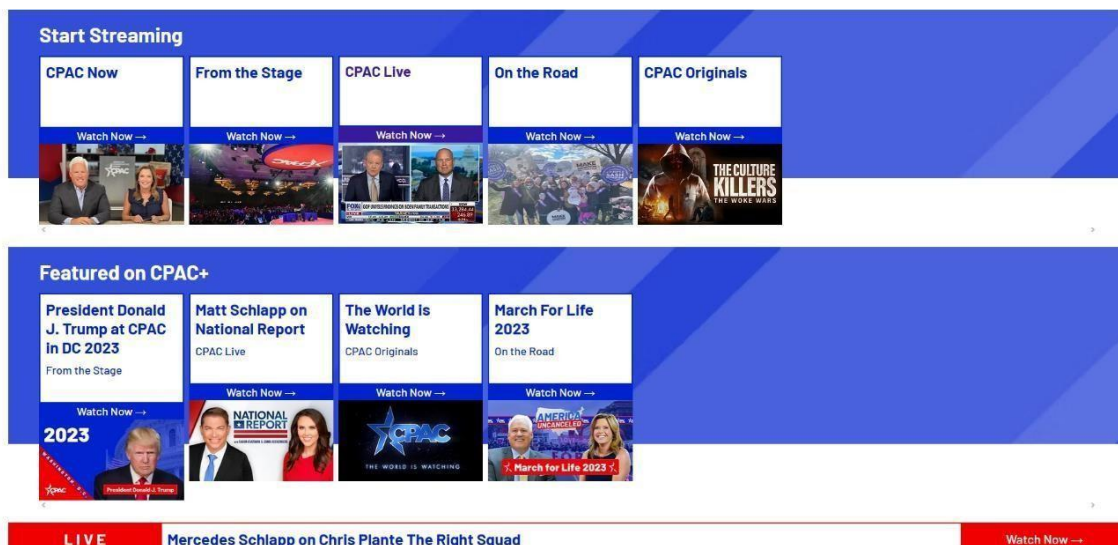
O principal aspecto de diferenciação do *website* da CPAC deve ser direcionado aos seus recursos de *broadcasting*. O *website* possui uma seção intitulada “CPAC+”, que opera como uma espécie de canal televisivo *online* dividido nas categorias “*From the Stage*”, que exhibe transmissões ao vivo das edições dos EUA, além de disponibilizar determinadas edições internacionais, além de outros trechos e palestras selecionadas. Já as sessões “*CPAC Live*”, “*CPAC Now*” e “*On the Road*” se assemelham à programas televisivos convencionais, variando entre programas de entrevista e de debate que “seguem uma perspectiva conservadora”. Seus recursos também incluem a produção de conteúdos documentais originais (*CPAC Originals*), incluindo os documentários “*CPAC: The World Is Watching*” e “*The Culture Killers: The Woke Wars*”.

FIGURA 5 – Seção CPAC+ do website em 2025



CPAC +. **CPAC**, 2025. Disponível em <https://www.cpac.org/us/plus> Acesso em: 17 jul. 2025.

FIGURA 6 – Seção CPAC+ que mostra as subpáginas referente ao seu catálogo original



CPAC +. **CPAC**, 2025. Disponível em <https://www.cpac.org/us/plus> Acesso em: 17 jul. 2025.

Direcionar o foco de análise não apenas para o fortalecimento da presença digital da CPAC, mas principalmente ao seu movimento de criar conteúdo de cunho midiático próprio, denota a abertura de conexão entre a extrema direita à narrativa que permeia o espaço digital e os movimentos sociais. Visando propor uma interpretação alternativa para a vida política a partir da criação das próprias fontes, entender a extrema direita como um movimento social propõe também conectar as literaturas a serem descritas a seguir.

3.5 Espaço digital e movimentos sociais: difusão da informação e a subversão da narrativa

O ciberespaço em sua essência possui suas discussões originárias associadas a perspectivas em prol da democratização do discurso e acesso à informação. Desde suas novas potencialidades (Lessig, 1995) à formação de comunidades virtuais⁵⁹, trata-se de um ambiente que une as evoluções tecnológicas a um discurso que enfatiza o início de uma utopia revolucionária (Papacharissi, 2002). A gradual integração entre sistemas interconectados de comunicação trouxe inovações que

⁵⁹ RHEINGOLD, Howard. **The virtual community, revised edition: Homesteading on the electronic frontier**. MIT press, 2000.

possibilitaram maior acessibilidade destas infraestruturas tecnológicas pela sociedade civil. Em especial a partir da década de 1990, a ascensão do modelo de *Web 2.0* que opera sob as atuais configurações de internet, somada à popularização das redes móveis de internet (Warf, 2018, p. 23-24), o espaço digital assumiu presença na vida política de modo que se torna impossível separá-lo do “ambiente físico”.

Trazendo esta discussão para o debate aqui apresentado, tais associações acabaram por se intermediar diretamente com os estudos de movimentos sociais em sua formação. A literatura acerca dos movimentos sociais se debruçou ativamente em descrever a relação entre o espaço digital e a mobilização coletiva:

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (Castells, 2013, p. 12-13)

O trecho acima foi retirado da obra “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet (2013)”;

publicado em sua primeira edição no ano de 1996. Seu autor, Manuel Castells, foi um dos principais contribuintes deste eixo temático em constante ascensão. Castells analisa sob uma ótica direcionada às possibilidades de transformação social para ações coletivas antissistêmicas e marginalizadas socialmente. Deste modo, percebe-se sua visão otimista perante a ascensão de um espaço que permite a formação de redes de forma autônoma, horizontal e libertas da vigilância midiática ou Estatal (Castells, 2015).

Analisar os aspectos que unem os movimentos sociais ao espaço digital, conforme analisado por Castells, requer também pensar as transformações dos sistemas de mídia a partir da introdução do espaço digital na lógica de comunicação social. Para além da função de noticiar eventos e disseminar informação, a mídia

desempenhou, ao longo da história, um papel de condução e manutenção das narrativas políticas vigentes, estabelecendo mecanismos de coesão social e manipulação da opinião pública (García-Perdomo, 2021, p. 139). As mídias tradicionais (dentre elas: imprensa, telegramas, estações de rádio, canais de televisão...), durante seu auge de influência nos séculos XVIII e XIX, possuíam certo caráter de exclusividade de poderio das informações, controlando de forma mais eficaz as narrativas que eram repassadas ao público (Bennett, Livingston, 2018, p. 128).

Anteriormente, era evidente a concentração das plataformas midiáticas em uma pequena parcela social, fato este que estabelece uma via de comunicação unilateral e *topdown* (Lupton, 2015, p. 22) entre mensageiros e destinatários das notícias. A divisão bem demarcada entre produtores de conteúdo e consumidores estabelece maior controle dos discursos políticos e posterior detenção da opinião pública e, conseqüentemente, do nível de agência da sociedade civil. A partir da ampliação do acesso à comunicação através do espaço digital, as mídias de caráter *mainstream* enfrentam a perda de exclusividade perante o poderio da informação e se deparam com novas formas de disseminação e busca por informações, com uma escala ‘multiplataforma’ (García-Perdomo, 2021, p. 137).

Ao contrário da proposta da internet em seu modelo Web 2.0 (Gehl, 2011), as mídias tradicionais seguem métodos de distribuição da informação que permanece na lógica *top down*, usufruindo da mediação digital de modo a apenas atingir com mais rapidez e facilidade sua audiência (García-Perdomo, 2021, p. 139), sem criar mecanismos de interação e diálogo com a opinião pública.

É a partir deste cenário de fusão dos movimentos sociais com a ascensão do espaço digital na sociedade que ascendem as mídias alternativas. De acordo com Jennifer Rauch (2016, p. 757) elas são entendidas, em teoria, como produtoras de conteúdo que buscam dar voz a perspectivas marginalizadas, com estruturas organizacionais horizontais e foco voltado para a mudança política. São, portanto, instrumentos de questionamento e de mudança do discurso político vigente produzido pelas elites e mídias *mainstream*, isto é, fontes de contra narrativa (Rauch, 2016, p. 762). Sua popularidade no espaço digital se correlaciona com seu modo de funcionamento, conectado a normas e valores propostos pelas plataformas no que tange ao diálogo e interatividade entre usuários. Isso porque elas buscam engajar seus leitores para além da mera distribuição de conteúdo e

manter seu engajamento com seus leitores através da mediação virtual, atribuindo maior agência à sua audiência e mantendo a interatividade ativa.

Os movimentos sociais usufruem do ambiente virtual pois se deparam com um dispositivo capaz de subverter a lógica do poderio da informação, se transformando em agentes do próprio discurso e seus respectivos meios de circulação. Através de redes autônomas que operam de modo horizontal e que incentivam o aspecto multimídia da comunicação (Castells, 2005), trata-se de um cenário capaz de compor um contrapoder que desafiaria estruturas vigentes. Esta “sociedade em rede” (Castells, 2005), entretanto, reflete uma linha de raciocínio que incentiva certo imaginário do digital como solução única e central para problemas políticos. Sebastian Berg e Jeanette Hofmann (2021, p. 3-4) intitulam tal aspecto como “democracia virtual” em que o ciberespaço seria interligado a concepções de liberdade neoliberal dos anos 90 ao discurso revolucionário democrático de participação e cidadania.

Diante disso, torna-se fundamental separar tais concepções do espaço digital a fim de compreender sua importância para o movimento social de extrema direita. O digital pode ser compreendido como um espaço de possibilidades que não possui conexões com a justiça social já pré-estabelecidos. Trata-se, portanto, de uma espacialidade que, a partir de suas características e potencialidades próprias, se tornam componentes do cenário contemporâneo (Berg; Hofmann, 2021, p. 7), podendo assumir posições adversas e distintas com cada contexto político. Construir uma análise desassociada destas predefinições possibilita apontar que o espaço digital pode fomentar espaços que auxiliam movimentos sociais de cunho progressista em prol da democracia (Bennett; Segerberg, 2012), assim como se tornar ferramenta para a extrema direita sob estas mesmas diretrizes, vide sua atuação por intermédio da CPAC abordado nesta pesquisa.

Esta discussão busca traçar uma conexão acerca da relação da extrema direita com as então novas possibilidades de difusão de conteúdo a partir das novas mídias do espaço digital. Unir esta temática trará questionamentos referente a perspectivas de movimentos sociais de cunho não progressista. Isto é: considerando a extrema direita como uma mobilização coletiva antissistêmica (Herz; Summa, 2024; Stefanoni, 2021), é de imaginar que ela se beneficiará do ambiente digital para ampliar sua narrativa. A partir disso, como pensar na importância da internet para o movimento social de extrema direita para além de uma esfera de cunho

transformador e revolucionário utópico, presente na literatura acerca da internet?
É o que será abordado a seguir.

3.5.2 O uso do espaço digital como propagação discursiva por parte dos movimentos sociais de extrema direita

À grosso modo, o espaço digital foi durante alguns anos em sua literatura visto como componente capaz de incentivar a justiça social com base na horizontalidade desta espacialidade. A discussão iniciada no capítulo anterior ganha projeção ao trazer questionamentos acerca das potencialidades de cada uma destas variáveis (espaço digital e extrema direita através da CPAC) e como podemos transformar o entendimento e função de cada um destes quando se encontram e constroem sentido.

Em primeiro lugar, ao ultrapassar a barreira conceitual inicial que relaciona a extrema direita à dificuldade de cooperação, especialmente no contexto vigente, torna-se possível entender este espectro político como uma mobilização coletiva em prol de uma causa comum – neste caso, a luta contra o ‘globalismo’ – sob múltiplas frentes (Abrahamsen *et al.*, 2024). Tal concepção como uma articulação política híbrida, diante da literatura que correlaciona os movimentos sociais, promessas de justiça social e apelos democráticos do discurso que permeia o espaço digital, encontra barreiras para se entrecruzar propriamente. A importância do espaço digital para a extrema direita como um todo (Fielitz; Thurston, 2018) como para o caso específico da CPAC, introduzem novas variáveis e formas de pensar na correlação entre esses agentes. De que modo, então, o espaço digital e a extrema direita, utilizando a prospecção da *Conservative Political Action Conference (CPAC)*, se unem para a formação deste mosaico que corresponde o discurso de (in)segurança extremista vigente?

Em síntese, será o espaço digital que tornará visível e sensível (Austin, 2019) para a audiência, que varia desde usuários das plataformas digitais, espectadores da CPAC e instituições e figuras políticas que atendem as conferências; o discurso de (in)segurança propagado pela extrema direita. A fim de atingir tal premissa, a extrema direita se apropria das propriedades intrínsecas da espacialidade digital e sua difusão informacional para fazer circular sua narrativa sob frentes ainda não analisadas pela ótica progressista e democrática dos

movimentos sociais na internet. Trata-se do uso da desinformação como instrumento político-estratégico:

3.5.3 Sobre a desinformação da extrema direita

Visando compreender a relevância da desinformação para a extrema direita, será preciso apontar suas divergências em comparação a outras terminologias constantemente aplicadas nesta literatura. É de suma importância compreender desinformação; *misinformation*; *fake news* e teorias da conspiração como nomenclaturas separadas. Ao serem apontadas como sinônimos, reduzem a variabilidade teórica e empírica com relação a construção de narrativas e circulação de informações, especialmente no contexto cibernético (Wardle, 2017, p. 19-20). Nesse debate, o que se aplica ao conceito de *fake news* acabou por adquirir conotações politizadas, em que múltiplos espectros políticos – incluindo a extrema direita – utilizam o termo para desacreditar determinada informação que não convenha à sua própria narrativa já estipulada (Wardle, 2017, p. 15-16). O que se entende por *fake news* já adquiriu certa normalidade no vocabulário cotidiano a depender de sua aplicabilidade política (Monsees, 2023). Além disso, reduzir a questão da desinformação às *fake news* reduz também sua solução para a instauração de mecanismos de *fact-checking* (checagem de fatos), reduzindo o debate para a verificação de veracidade ou não de determinado contexto. As *fake news* como conceito se tornaram, de acordo com Linda Monsees (2020, p. 2) em um “significante flutuante”.

Entende-se por *misinformation* uma informação falsa ocasionada por algum empecilho não deliberado. O termo advém do vocabulário matemático e de sistemas de computação, em que determinado dado computacional não foi propriamente lido pelo sistema e propagado de forma distorcida. Também é interpretado como “pseudo-informação”, ideia contraditória ou que distorce seu real significado, dentre outros. O campo apresenta muitas divergências interpretativas, dentre eles o debate se *misinformation* pode sequer ser considerado como informação verossímil. Tal discussão é reflexo direto de suas origens no campo da computação, em que a informação, nessa ótica, só seria considerada verdadeira ou falsa em uma lógica dualista, assumindo conotação neutra (Zeng; Brennen, 2023, p. 5-6).

O conceito de *misinformation* tem estudos datados desde o ato de distorção de narrativas em histórias contadas oralmente, a guerra discursiva conduzida entre estados atualmente, a partir da 1ª Guerra Mundial. Ganhou força no debate acadêmico a partir da psicologia via estudos que buscam compreender os fatores psicológicos envolvidos no ato de propagar rumores. A partir da chegada do *Web 2.0*, o aumento e efetividade desse modelo de comunicação também fez crescer o número de pesquisas nessa temática (Zeng; Brennen, 2023).

Percebe-se que o conceito de *misinformation* encontra similaridades com o aspecto do estudo das *fake news* da contemporaneidade. Se, por um lado, *misinformation* possui alta influência dos estudos matemáticos da informação que a consideram através da “efetividade de determinada transmissão dos dados para que uma informação tenha seu devido valor” (Zeng; Brennen, 2023, p. 5), o debate em torno das *fake news* acaba por ser reduzir à importância das agências de verificação de fatos (*fact-checking*) no meio midiático e jornalístico (Wardle, 2017). Ambas as literaturas se baseiam em uma lógica dualista da informação, em que pode se apresentar apenas como correta ou incorreta, sem trazer nuances para o debate. É a partir deste panorama que os estudos acerca da desinformação ganham suas primeiras reflexões, através da compreensão do conceito de ‘informação’ para além da lógica dual, em que aspectos culturais e sociais estão intrínsecos ao que se entende como informação, somado ao fato de que a informação para além de um dado de valor neutro, pode obter função social (Zeng; Brennen, 2023, p. 6-7) para além de seu sentido do dicionário.

A desinformação busca avançar as discussões acerca da informação e sua conexão intrínseca ao seu contexto social. O que a diferencia do conceito de *misinformation* – e justamente por isso não podem ser abordadas como sinônimos – está no fator de **intencionalidade**. Ou seja: possui objetivo político e estratégico de deslegitimar uma narrativa ou norma vigente (Zeng; Brennen, 2023, p. 6-8). Logo, a *misinformation* consiste em uma informação falsa conduzida e espalhada de modo não intencional, enquanto a desinformação possui o aspecto intencional de desestruturar a relevância ou legitimidade de determinado alvo (Bennett; Livingston, 2018), em que informações verossímeis e falsas podem coexistir em uma mesma narrativa principal.

Outro aspecto crucial da desinformação reside na existência de uma cadeia de acontecimentos mobilizadas por três atores indispensáveis a fim de concretizar

o processo de desinformação. De acordo com Claire Wardle (2017, p. 22-28) uma desinformação perpassa por um agente (criadores de uma narrativa falsa incentivados por motivações específicas), mensagem (a narrativa criada de cunho deliberadamente falso) e intérprete (audiência, alvos principais a receberem e interpretarem a mensagem). A autora ainda reitera que a desinformação só se conclui com sucesso a partir do papel dos intérpretes, que cumprem a função de não apenas receber a mensagem, mas principalmente de interpretá-la e divulgá-la e incentivar sua circulação.⁶⁰

No contexto da circulação e sua conexão direta com as novas mídias, caberá à audiência transformar a narrativa em um produto midiático que será difundido ativamente nos círculos sociais que são alvo dos agentes da desinformação. A relevância desta difusão de dados para a desinformação reside também na importância da reprodução da mensagem sob novas formas. De acordo com Andrew Chadwick (2017, p. 18) acerca do aspecto de (re)criação cíclica e contínua das novas mídias, a mensagem difundida é constantemente reconstruída, alterada e espalhada novamente sob novos meios por seus intérpretes. As motivações iniciais dos agentes da desinformação, se fundem as novas demandas e artifícios de circulação identificados pela audiência, fato este que resulta em uma redistribuição da desinformação sob inúmeros ciclos que unem motivações variadas (Wardle, 2018, p. 23).

A partir da proposta de Claire Wardle (2017) acerca das fases e agentes principais de uma cadeia de desinformação, percebe-se sua conexão direta com a necessidade de incentivar sua circulação em ciclos instantâneos e repetitivos. A partir das características específicas do espaço digital, é possível compreender a conexão direta da desinformação com a espacialidade digital e suas respectivas potencialidades. Isso porque a desinformação opera através das transformações diretas dos sistemas de mídia e comunicação social através do espaço digital. A próxima seção busca expandir a hibridização da mídia e o poder de atuação da sociedade perante os discursos políticos em vigor no espaço político, entrelaçando esse debate com a extrema direita e a desinformação.

⁶⁰ Ainda de acordo com Claire Wardle (2017, p. 28), a audiência pode assumir uma dentre estas três opções diante de um processo de desinformação: ignorar; compartilhar em forma de apoio ou compartilhar em oposição ao discurso proposto inicialmente pelo agente. A cadeia de desinformação obtém sucesso a partir da segunda opção, respectivamente.

3.5.4 Desinformação e extrema direita no sistema híbrido de mídia

“Trump e sua proposta de reconexão com o patrimônio mítico do passado ocidental não seria possível, paradoxalmente, sem a internet. A internet, se por um lado constituiu o paroxismo da globalização e do desenraizamento do indivíduo, por outro pode tornar-se o instrumento que produz o fim da globalização, pois permite a volta do indivíduo à esfera política e o retorno de ideias e maneiras de pensar que já não tinham nenhum lugar na mídia oficial controlada pelo programa politicamente correto, inclusive o sentimento nacional, o princípio nacional de organização espontânea da sociedade. O mundo do discurso vinha-se transformando em um enorme *dictionnaire des idées reçues* como chamava Flaubert, em um Newspeak como imaginou Orwell. A internet veio para rasgar esse dicionário, recuperar a língua e reabrir o espaço simbólico não controlado pelo estado ou pelas forças políticas oficiais”. (Araujo, 2017, p. 351)

Ampliando o argumento de Chadwick (2017, p. 23), o chamado “sistema híbrido de mídia” está correlacionado às transformações midiáticas motivadas pelas novas interações entre atores sociais e seus reflexos na comunicação. Para além das evoluções tecnológicas em seu aspecto técnico, trata-se de uma disputa entre atores sociais que se refletem nas mídias sociais que perpassam também por suas transformações nesse cenário. O uso do espaço digital por parte da extrema direita exemplifica tal panorama.

A partir disso, Bennett e Livingston (2018) correlacionam as transformações do sistema de mídia com a desconfiança às instituições democráticas e a posterior ascensão da extrema direita. Durante a segunda metade do século XX, a democracia moderna estava em seu auge, a confiança do povo perante as instituições era consideravelmente maior, fato este que possibilita maior controle das informações que eram repassadas ao público através da mídia (Bennett, Livingston, p. 127) e, conseqüentemente, maior aceitação da audiência. Outro aspecto relevante da credibilidade democrática advém da menor quantidade de canais midiáticos em atividade, possibilitando, desse modo, no controle mais efetivo das narrativas que chegavam ao público (Bennett, Livingston, p. 128). Contudo, nações democráticas vivenciam atualmente um panorama marcado por sentimento do povo de uma falta de representatividade eleitoral e partidária, somado ao esvaziamento (*hollowing*) dos partidos políticos, especialmente os de centro, perante seu conteúdo e defesa de

ideais que representam as demandas e problemáticas vivenciadas pela sociedade civil.

Consequentemente, canais de comunicação oficiais dos governos locais, além das mídias tradicionais que reproduzem discursos e declarações oficiais das instituições perdem a credibilidade da sociedade civil, buscando respostas aos problemas vigentes em meios alternativos de comunicação. Tendo as redes sociais e o direcionamento dos algoritmos como principais mecanismos de expansão desses canais alternativos de mídia, criam-se redes de comunicação independentes, produzindo conteúdos voltados ao ‘*clickbait*’ que, ao serem impulsionados pela circulação algorítmica, expandem redes de desinformação que rejeitam normas das instituições democráticas sob o pretexto de explicarem como o contexto contemporâneo assumiu um panorama tão caótico (Bennett, Livingston, p. 128).

Esta demanda por análises da sociedade contemporânea para além das declarações oficiais das instituições locais resultam no crescimento do engajamento da população com movimentos e perspectivas da direita radical. Os canais midiáticos coordenados por esse espectro político utilizam da desinformação para desafiar os princípios da democracia, como também questionar e se opor às normas de tolerância, diversidade e liberdade que são base da democracia liberal, sendo o incentivo ao ódio e embates não-rationais e com narrativas de apelo emocional suas principais ferramentas (Bennett; Livingston, 2018).

É preciso, portanto, um olhar mais elaborado ao discurso dessas contranarrativas que ultrapassam a hostilidade as elites, promovendo descredibilidade às normas democráticas e sentimentos de ódio à diversidade. (Bennett, Livingston, p. 131). A expansão da direita radical, portanto, deve ser abordada como tópico central para análise dessa nova ‘ordem da desinformação’ (Bennett, Livingston, p. 132).

Diante desse panorama, percebe-se como o crescimento da extrema direita perpassa, em parte, diretamente pela hibridização dos sistemas de mídia. Na demanda por interpretações para além das instituições midiáticas tradicionais e representantes das ‘elites’, a extrema direita adentra o contexto de ascensão de discursos dos movimentos sociais através das mídias alternativas. O que a diferencia de movimentos sociais de cunho progressista é não apenas o seu aspecto ideológico, mas também o modo com que usufruem ativamente do espaço digital. Ambos os espectros políticos se beneficiam a partir da chegada de uma

espacialidade em que, em seu discurso, propõe uma criação autônoma de conteúdo que permite dar voz a perspectivas e atores sociais marginalizados socialmente. A distinção principal da extrema direita reside justamente nesse aspecto da desinformação.

A desinformação se conecta diretamente à lógica híbrida das novas mídias digitais. Isso porque, primeiramente, ela depende do ato de alcançar uma audiência que seja receptiva a discursos que não advenham de fontes de informação das mídias tradicionais. Tal aspecto conecta a desinformação, por um lado, como um terreno mais facilitado a ganhar prospecção a partir do uso de mídias alternativas como instrumento de difusão. Nesse debate, Kristoffer Holt (2019, p. 51) aponta que, apesar de apresentarem uma agenda de conteúdo antissistêmica, a literatura que converge a extrema direita ao fenômeno das mídias alternativas segue como um caminho a ser amplamente investigado. A particularidade dessa relação reside a interseção entre a capacidade de atrair uma nova audiência – pouco explorada no espectro da mídia *mainstream* em seu ponto de vista – com uma lógica de difusão narrativa que propõe a circulação ativa do conteúdo a partir do engajamento com a audiência. As mídias alternativas possuem a tendência de se contraporem a narrativas ‘hegemônicas’ ao apontarem a importância do engajamento de sua audiência com as propostas de transformação ali propostas (Rauch, 2016, p. 764).

Considerando a lógica de ciclos de difusão da desinformação que dependem majoritariamente da divulgação de sua audiência para manusear o discurso (Wardle, 2017), a desinformação da extrema direita opera sob um discurso antissistêmico e populista, apontando uma ‘ameaça globalista’ que se difunde de maneira variada, difusa e fluida nas potencialidades do espaço digital. Simultaneamente, o processo de expansão digital da CPAC e seu *website* apontam a conferência como uma mídia alternativa. Essa fusão de elementos propõe uma legitimidade ao discurso da extrema direita propagado na CPAC, apesar da dificuldade em traçar uma ‘ameaça globalista’ evidentemente concreta. Ao difundirem seu conteúdo através de uma conferência com uma presença digital que opera sob a lógica de divulgação de conteúdo de cunho alternativo e antissistema, estabelecem um ‘selo’ de autenticidade ao discurso de (in)segurança baseado em ciclos de desinformação.

É nesse contexto que a difusão da desinformação através do espaço digital assume tamanha importância para a extrema direita na contemporaneidade. A multiplicidade de conteúdos midiáticos possibilita perspectivas mais variadas e com

enfoques no alcance de audiência de características específicas. Enquanto a lógica centralizada da mídia tradicional busca conciliar a audiência mais ampla possível, mídias alternativas e novos polos de emissão permitem a discursos cada vez mais específicos, facilitando a radicalização do discurso como consequência desse processo (Ituassu, 2024). O aspecto da desinformação, que se mostrou essencial para o sucesso eleitoral da extrema direita em países como Estados Unidos, Brasil e Argentina, assume sua relevância no processo de internacionalização do discurso.

A edição de 2024 da CPAC EUA foi marcada pelo *slogan* “*Where globalism goes to die*” incluiu uma gama de representantes da extrema direita do cenário internacional, dentre eles: Santiago Abascal, Nayib Bukele, Eduardo Bolsonaro, Nigel Farage, Javier Milei, dentre outros. No evento, o tema central foi a união dos representantes da extrema direita em um manifesto a favor da soberania de seus respectivos países, somado à rejeição ao multilateralismo e instituições internacionais.⁶¹ O evento ficou marcado pela inauguração de resoluções oficiais através do primeiro Comitê Internacional da CPAC assinadas pelos representantes internacionais, em manifesto compartilhado em luta contra o globalismo. As pautas discutidas no Comitê variam dentre a condenação de ‘líderes comunistas globalistas’ – citando Xi Jin Ping e Lula como exemplo, apoio direto ao retorno futuro de Jair Bolsonaro e Donald Trump, todos alinhados à perspectiva de combate às ‘forças globalistas’ ao redor do globo (CPAC [@CPAC], 2024a).

A conferência conservadora, ao instaurar resoluções compartilhadas via Comitê Internacional, buscam oficializar e legitimar o discurso da extrema direita sob vínculos institucionais. Representantes da extrema direita global se reúnem em uma cúpula internacional da CPAC e validam coletivamente para sua audiência a desinformação acerca da ameaça globalista. Posteriormente, os ciclos de circulação do globalismo como ameaça se difundem através do espaço digital, usufruindo inicialmente do ‘selo’ de autenticidade da CPAC a fim de facilitar a receptividade da narrativa a ser difundida no espaço digital por parte de sua audiência.

Desse modo, o espaço digital opera como meio de intermediação da narrativa globalista da extrema direita, que usufrui da *Conservative Political Action Conference* para legitimar seu discurso, somado ao setor da conferência que se volta

⁶¹ CPAC in DC 2024: Where globalism goes to die. CPAC, 2024. Disponível em <https://www.cpac.org/post/cpac-in-dc-2024-where-globalism-went-to-die> Acesso em 22 jul. 2024.

à produção de conteúdo original, propondo uma autenticidade à conferência para o consumo de informações sob a premissa de serem uma mídia alternativa. Tal intersecção que torna visível a articulação de (in)segurança da extrema direita atual, exemplificados a partir de uma análise da CPAC, possui sua correlação com as transformações dos sistemas de mídia atuais. Trata-se da inauguração de um ecossistema complexo que, começando a partir da CPAC, se transforma em um sistema difuso e multidirecional em que a desinformação se altera e transforma constantemente para manter sua capacidade de circular digitalmente. Em um contexto marcado pela mobilização da CPAC em se tornar ponto de encontro da internacionalização da extrema direita, a lógica da desinformação opera de maneira fundamental a manter a longevidade e apelo social do globalismo em escala internacional. Portanto, a lógica descentralizada do consumo de informações ultrapassa noções de verdade ou mentira, tendo seu aspecto mais importante a capacidade de apelo social (Monsees, 2020).

Vale ressaltar que a relevância do espaço digital da extrema direita no caso aqui analisado não busca deslegitimar a relevância da CPAC fora da esfera digital, vide seu aspecto de poderio financeiro e institucional da conferência, assim como suas edições transnacionais. Muito pelo contrário: o objetivo consistiu em justamente demonstrar a complexidade da composição que reside a difusão da circulação do discurso de (in)segurança da extrema direita que, no caso da CPAC, ganha novas variáveis através da relevância de usufruir da conferência para uma narrativa que será futuramente retroalimentada no espaço digital. Analisar os componentes da articulação de modo conjunto permitem uma análise mais robusta acerca do contexto no qual se insere a extrema direita e como a CPAC, de forma direta quanto indireta, se beneficia da lógica de funcionamento das mídias digitais. As discussões levantadas neste capítulo, devem prosseguir a partir do constante remanejamento do espaço digital a partir da era da plataformização, que introduzem novas variáveis ao seu debate. Tais questionamentos serão discutidos no capítulo a seguir.

4. ARTICULAÇÕES DIGITAIS NA ERA DAS *AFFORDANCES*: A EXTREMA DIREITA ENTRE A INFRAESTRUTURA DIGITAL E SEUS FLUXOS DA INFORMAÇÃO

4.1 Introdução

No capítulo anterior, foi ilustrado de que modo o processo de dupla expansão da CPAC (via edições transnacionais e sua presença nas redes sociais) se correlaciona diretamente com a vinculação das cadeias de desinformação e a popularização da *Web* sob sua forma 2.0. Mais especificamente, foi demonstrado o entrelaçamento entre os discursos que permeiam o espaço digital acerca da sua possibilidade de emancipação, ao benefício dos movimentos sociais. O espectro político da extrema direita participa diretamente desse processo ao usufruir da *internet* para divulgar seus discursos acerca da ameaça globalista de forma mais frequente e próximo de sua audiência, auxiliando um contexto de urgência que se torna frequente e cotidiano.

Tais concepções acerca do ambiente cibernético, apesar de realmente proporem um “espaço de possibilidades” (Berg; Hofmann, 2021), podem produzir efeitos que ultrapassam concepções utópicas acerca das transformações através do acesso popular à internet. O próprio ambiente digital está conectado diretamente à uma série de transformações, disputa entre atores sociais e, portanto, possui suas próprias articulações.

A partir desta observação, torna-se necessário divagar acerca das transformações do ambiente digital: a chamada ‘era da plataformização’, conforme argumento de Anne Helmond (2015), implica alterações com relação ao fluxo de dados e a capacidade de mensurar as implicações da circulação de discursos nessa espacialidade cibernética. A forma como os movimentos sociais se encaixa neste espectro de disputa entre atores no campo da cibernética (Ignatow; Robinson, 2017), dando ênfase às mobilizações de extrema direita, apontam particularidades que incentivam a expandir a literatura acerca das possibilidades e restrições da atuação de movimentos sociais extremistas na contemporaneidade. Isto é: para além da possibilidade de difundir conteúdo de forma autônoma, percebe-se um contexto de ação personalizada dos movimentos sociais no espaço digital (Bennett;

Segerberg, 2012), transformando a relação dos movimentos sociais com a temporalidade (Neumayer; Struthers, 2018, p. 87) e as dinâmicas que teoricamente se restringem às escalas global ou local (Sorce; Dumitrica, 2022).

É possível analisar e enxergar dinâmicas sociais **através** da tecnologia, mas também é possível analisar **a partir** delas. Tal movimento assume a função de expandir o modo como se formula a construção das articulações entre a extrema direita e o espaço digital. O presente capítulo tem como objetivo expandir a análise acerca da composição de (in)segurança que produz e participa a extrema direita (via CPAC) a partir de um olhar mais atento às articulações particulares do espaço digital. Ou seja: o ambiente digital, para além de se inserir como um componente importante nessa composição, também possui suas próprias articulações intrínsecas ao seu processo de transformação. Entender este mosaico de agentes, instituições, plataformas e suas disputas e transformações demonstrará que, se por um lado, a presença digital da CPAC via seu *website* e redes sociais aponte determinadas observações, os fluxos de informação da era da plataformização demonstram como a conferência se beneficia por atuações indiretas de seus apoiadores, espectadores e palestrantes principais.

Será necessário investigar as dinâmicas contemporâneas do espaço digital para além da chegada da era 2.0. Investigar os modos pelo qual o espaço digital realmente opera, para além de analisar os discursos de transformação que giram em torno deste, será o primeiro passo a fim de iniciar a discussão desse capítulo. Essa compreensão irá constatar a demanda por um encontro colaborativo das Relações Internacionais com o campo disciplinar dos Estudos de Ciência e Tecnologia (STS), a fim de entender a internacionalização da extrema direita através do espaço digital não apenas como um ambiente estratégico, como também uma infraestrutura em si mesma (Sandvig, 2013). Por fim, a plataforma X e os perfis de edições previamente selecionadas da CPAC facilitarão uma análise da presença digital da CPAC no cenário após descrição do espaço digital aqui descrito, que permite analisar a atuação de movimentos sociais de extrema direita e seus benefícios de instrumentalizar essas dinâmicas cibernéticas.

4.2 Sobre as transformações do espaço digital: uma infraestrutura de *affordances* e a centralidade das plataformas

A arquitetura da *internet*, conforme argumenta Robert Gehl (2011, p. 1229), ampara a chamada ‘revolução da web’ de seu modelo 1.0 para o 2.0. Trata-se de uma formulação produzida pelas novas mídias que dá ênfase aos usuários e sua produção autônoma e avaliação de conteúdo de seus adjacentes. A partir desse cenário, as redes sociais assumem protagonismo na representação deste modelo 2.0 especialmente no quesito de recursos providenciados aos usuários desta autonomia quanto a produção e consumo de conteúdo. Estes servidores que se baseiam nas conexões sociais *online* e acesso instantâneo à informação camuflam outro aspecto essencial deste modelo: a capacidade de arquivamento de uma grande quantidade de dados. Por esse motivo, a internet é também reconhecida como introdutória da era da *Big Data*, acumulação massiva e exponencial de dados que é primordial para sustentar, paradoxalmente, o imediatismo informacional (Sadowski, 2019).

Compreender o espaço digital a partir destas concepções, entretanto, se demonstram incompletas quando analisamos o contexto contemporâneo, especialmente ao se pensar na relação dos movimentos sociais, a título de exemplo, com o ambiente cibernético. Paolo Gerbaudo (2017, p. 480) disserta sobre um aspecto aparentemente tecno-determinista nessa literatura, em que as concepções do ambiente digital e sua horizontalidade e imediatismo seriam capazes de se tornarem agentes unilaterais da transformação social. Além disso, reduzir o diálogo à relevância das chamadas ‘redes sociais’ para a comunicação política acaba por reduzir o nível de variação e complexidade inerente a cada uma destas separadamente, além de camuflar o contexto aos quais estas fazem parte (Downing, 2023).

As observações de Gerbaudo (2017) são reflexo da necessidade de expandir o estudo desta literatura e sua respectiva relação com o contexto, atores e disputas que operam intrinsecamente no espaço digital. É importante ressaltar que não se pretende negar que a consolidação do modelo *Web 2.0* tornou popular o modo como o espaço digital é utilizado atualmente, revolucionando a acessibilidade das novas tecnologias ao público comum (antes restritas majoritariamente a atores militares e acadêmicos) (Warf, 2018). O objetivo aqui consiste em discutir e atualizar as

transformações e dinâmicas que operam neste espaço, possibilitadas a partir da consolidação deste modelo de arquitetura da internet.

A partir deste contexto, dá-se pontapé para um modelo que ao usufruir dessa acumulação dos dados, as utiliza em prol da circulação cada vez mais concentradas e instantânea e moderada do conteúdo consumido por parte de seus usuários. Trata-se do processo de transformação do que se entende por redes sociais, ou seja, *websites* voltados para a interconexão *online* (*social network sites*) para as chamadas **plataformas** (*social network platforms*). (Helmond, 2015, p. 1, destaque próprio). Em outras palavras, presenciamos aqui um processo que estas plataformas, antes denominadas como ‘redes sociais’ assumem tamanha importância ao ponto de se fundirem inteiramente ao modelo da *Web 2.0*. Essa transição da importância das plataformas também modula outros processos adjacentes, em que outros agentes produzam e acumulam seus dados de modo a serem adeptos ao modelo de infraestrutura das plataformas (Helmond, 2015, p. 4- 5).

O termo ‘plataforma’ advém da sua aplicação por parte de empresas como a Windows, Microsoft, Intel e outras do ramo computacional entre a década de 1990 e meados dos anos 2000 para definirem a si mesmas. Gillespie (2010) ressalta que o uso deste termo possuía certo aspecto estratégico desde o princípio. Ao se definirem como ‘plataformas’, reforçam o discurso já adjunto ao modelo *Web 2.0* de se proporem como um espaço neutro que facilitam a livre expressão e acesso e produção de conteúdo. Tal discurso, reforça o autor, reforça um imaginário que opta deliberadamente por camuflar os aspectos infraestruturais e principalmente suas conexões com modelos de gerenciamento empresariais associados ao regime capitalista contemporâneo.

Na década de 2010, o Google se tornou um dos maiores exemplos da dinâmica da plataforma em suas origens. O mecanismo de buscas foi responsável pela criação do sistema *AdWords*, definido pela fusão do Google ao mercado publicitário e o sistema de anúncios personalizados, em que os dados dos usuários são manipulados por anúncios e plataformas digitais em conjunto para oferecer um feed personalizado e em constante vigilância (Véliz, 2021). Paralelamente, o X/Twitter realizou em 2016 uma transformação da página inicial dos usuários, rompendo com o modelo cronológico do *feed* de notícias para um modelo algorítmico (Bucher; Helmond, 2018, p. 244). Em outras palavras, a

curadoria do feed era personalizada de modo a mostrar primeiro ao usuário – no topo da página, o conteúdo mais relevante. O fim do fluxo linear do tempo das plataformas digitais é um aspecto fundamental da dinâmica da plataformização.

O estudo atento às dinâmicas das plataformas requer empregar e usufruir de campos disciplinares como os Estudos de *Software* e os Estudos de Infraestrutura a fim de compreender as características aparentemente distintas, porém complementares. São tanto estruturas de mercado baseado no acúmulo de dados e sua respectiva circulação; como também estruturas de cunho computacional e tecnológico de compõem a infraestrutura das plataformas (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2019). Desse modo, torna-se possível defini-las como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas (...) através da sistematização da coleção algorítmica de dados e sua respectiva monetização e circulação” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2019, p. 3, tradução própria). Paralelamente, seu respectivo modelo econômico e empresarial é capaz de se adentrar completamente no espaço digital, se transformando no aspecto mais importante da era contemporânea do *Web 2.0*, em que as funcionalidades digitais giram em torno das funcionalidades das plataformas (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2019, p. 5-6).

Considerando a proposta interdisciplinar dos autores mencionados acima, é possível direcionar a atenção à relevância da plataformização para a circulação de dados no contexto vigente. Para além de ‘*assemblages* sociotécnicas’ que reúnem a circulação de dados sob uma infraestrutura (Gillespie, 2018, o. 19), são, principalmente, moderadoras de conteúdo e atividade dos usuários *online*. Isto é: tomam decisões acerca de como ele é (ou não) distribuído para cada um dos usuários (Gillespie, 2018, p. 21). A moderação de conteúdo, segundo Gillespie (2018, p. 13, p. 15), consiste em sua principal característica que, ao ser evidenciada, permite uma análise voltada a suas infraestruturas internas e como deixam “rastros” nas interações e fenômenos sociais. Não se trata de um ambiente neutro que, assim como o espaço digital como um todo, não deve ser visto de modo utópico como um ambiente livre e sem quaisquer mecanismos de poder, moderação e regulação. A escolha de tornar ou não determinado conteúdo visível é um trabalho comandado pela arquitetura dessas plataformas que, ao conduzir os fluxos de informação, também impactam a forma como os usuários interagem e têm acesso ao conteúdo (Gillespie, 2018, p. 179).

O ato de direcionar o olhar às infraestruturas digitais impulsionadas pela plataforma apontam para dinâmicas que personalizam a interação dos usuários através de sistemas de processamento algorítmico, monetização de conteúdo e circulação de dados (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2019, p. 3). O fluxo de dados perpassa pelas plataformas para a formação de comunidades virtuais por intermédio do agrupamento de conteúdo e usuários. A formação de redes, nas quais usuários e perfis com interpretações similares da política convergem e se conectam é conhecido pela literatura como *echo chambers* (Grusauskaite et al., 2023).

As dinâmicas aqui descritas podem ser exemplificadas através de uma análise breve acerca do Youtube. Fundado em junho de 2005, o Youtube foi lançado sob premissa de remover barreiras técnicas para aqueles que desejavam publicar vídeos *online*. Sua interface simplificada e integrada foi singular ao permitir a publicação e consumo de vídeos sem a necessidade de expertise tecnológica específica por meio de seus web browsers sintetizados (Burgess; Green, 2018, p. 13). O Youtube apresentou suas funcionalidades ao mundo da *World Wide Web* com o discurso de “ser uma plataforma de distribuição de conteúdo de conteúdo original” e criar uma comunidade virtual em escala global (Gillespie, 2010, p. 348). Para além de sua proposta inicial, o aspecto da plataforma insere na plataforma a dinâmica dos sistemas algorítmicos de recomendação personalizada⁶². Assim, seus algoritmos impulsionam um mecanismo de *clickbait* dos seus vídeos, aumentando o tempo que o usuário permanece consumindo conteúdo no Youtube (Munger; Phillips, 2022, p. 193), como também incentivando vídeos produzidos por criadores amadores, sendo esta uma lógica *bottom up* de distribuição de conteúdo e incentivo de consumo impulsionado pela plataforma (Burgess; Green, 2018, p. 18).

A partir do exemplo citado anteriormente, percebe-se uma fusão iminente entre o discurso da autonomia e imediatismo informacional da internet com as dinâmicas de moderação, manuseio e monetização dos dados a partir das plataformas digitais. Ao passo que as plataformas continuam a incentivar a produção de conteúdo de forma autônoma e acessível por seus usuários, constrói

⁶² Após consumir determinado conteúdo, o usuário tem a opção de navegar por uma lista de recomendação de vídeos com conteúdo similar ou relativamente próximo ao que assistiu recentemente. Este sistema funciona em modo de “etiquetas” dos vídeos, que categoriza o conteúdo de acordo com seus títulos criados por seus criadores (Munger; Phillips, 2022, p. 192).

uma infraestrutura capaz de acumular e manipular de forma exponencial os dados. Esta dupla dinâmica requer, desse modo, um olhar teórico atento a essa dinâmica em que essa multiplicidade de atores é tanto beneficiada quanto apropriada por essas dinâmicas do espaço digital. A próxima seção busca demonstrar de que modo o conceito de *affordances* pode assumir sua devida utilidade através de sua apropriação para análise das plataformas.

4.2.2 Sobre o conceito de *affordances*: uma proposta para um olhar colaborativo de ressonância

O conceito de *affordances* surgiu nos estudos de Ecologia Social, campo disciplinar e teoria filosófica a partir da primeira teorização do termo por seu criador: James J. Gibson. Na sua obra “*The Theory of Affordances. The Ecological Approach to Visual Perception*”, Gibson (1979, p. 127) descreve a criação das *affordances* tanto como conceito quanto teoria a partir da relação entre seres vivos e meio ambiente em sua simbiose e complementariedade. Com uma ênfase direcionada as potencialidades do ecossistema, o autor define como *affordances* o potencial que ela tem de oferecer (‘*afford*’) e providenciar ao ser vivo em questão, em que as possibilidades do meio ambiente se tornam visíveis através da conexão entre estes dois personagens⁶³. Trata-se de uma espécie de “estrutura relacional multifacetada” (Davis, 2020, p. 24), em que esta interação pode construir condições que podem tanto providenciar quanto restringir as oportunidades de ação e desenvolvimento dos atores.

Analisar como o encontro entre agentes pode possibilitar novas possibilidades e potencialidades de benefício mútuo (ou desvantagem mútua), a teoria de Gibson impactou diretamente nos estudos que se seguiram acerca de atores de cunho antropocêntrico e outras variáveis, incluindo o estudo da tecnologia e suas respectivas mídias digitais, em especial aos estudos de comunicação que perpassam por tecnologias de mediação digital.⁶⁴ Jenny Davis (2020) aponta a possibilidade de

⁶³ Em suas próprias palavras; “*The affordances of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either good or ill. The verb to afford is found in the dictionary, the noun affordance is not. I have made it up. I mean by it something that refer both the environment and the animal in a way that no existing term does. It implies the complementarity of the animal and the environment*” (Gibson, 1979, p. 127; destaque da fonte).

⁶⁴ A importância originária das *affordances* aos estudos dessa área surgiram sobretudo a partir dos estudos de *Design* computacional, em especial no campo de Interação entre Humano e Máquina

estudar dinâmicas da sociedade através da interação entre determinados atores e a tecnologia. A perspectiva das *affordances* assume o papel de “ferramenta conceitual” (Davis, 2020, p. 25), que para além de tornar aparente o estudo da sociedade em uma era que perpassa diretamente pela participação política através do espaço digital, mas um estudo focado nas potencialidades – ou seja, *affordances* – que a tecnologia denota sua utilidade e retenção.

É nesse contexto que a teoria proposta por Gibson (1979) assume relevância para o estudo do espaço digital e suas respectivas interações com a sociedade. Desde tornar visíveis *affordances* como: centralização das dinâmicas políticas; adicionar multiplicidade aos significados, experiências e consequências da comunicação via cibernética (Davis, 2020, p. 98); o espaço digital demonstra seu caráter múltiplo, fluido e dinâmico a partir do ator e referencial analítico ao qual a interação se constrói (p. 99). As condições de possibilidade de tal panorama demandam estudos situados que não busquem por respostas unitárias e definitivas e deterministas, mas observações particulares acerca de cada contexto político e social em questão.

No âmbito dos estudos de plataforma, a relevância do conceito de *affordances* faz-se ainda mais presente a partir das transformações advindas da era da plataformização. No aspecto mais amplo do espaço digital, os meios de comunicação que perpassam pela tecnologia dão visibilidade às transformações quanto à escalabilidade; replicabilidade e acessibilidade dos discursos e da informação (Boyd, 2010); a plataformização demanda também a percepção de *affordances* que aparecem de modo cada vez mais variado, intensificado e dinâmico. A era da *Big Data* traz consigo estruturas de personalização e fluxo de dados que tornam as *affordances* não só mais múltiplas, mas principalmente mais sutis e ampliadas simultaneamente. Taina Bucher e Anne Helmond (2018, p. 240-242) refletem sobre esse aspecto ao enfatizarem como essa via de análise não busca construir uma perspectiva unidirecional e determinista através da tecnologia perante a sociedade, muito pelo contrário:

Os diferentes conceitos descritos acima parecem se concentrar no que a tecnologia faz aos usuários, e não, por exemplo, o contrário. Considerando a ontologia relacional do conceito original de Gibson, parece um tanto surpreendente que a relacionalidade em questão frequentemente pareça ser aplicada de forma bastante unidirecional. A

(HCI – Human Computer Interaction). Visando orientar designer de computadores, buscava-se orientar seus criadores a tornarem visível a acessível as possibilidades – ou seja, o que chamavam de “*perceived affordances*”- aos futuros usuários daqueles sistemas (Bucher; Helmond, 2018, p. 236-237).

questão raramente é o que os usuários podem ou fazem com a tecnologia (não confundir com a questão do que os usuários fazem com a tecnologia), ou o que as plataformas podem oferecer a outros tipos de usuários além dos usuários finais. Para fazer justiça ao conceito de *affordance*, é preciso pensar de forma muito mais relacional e multifacetada sobre o conceito, mantendo um senso de sensibilidade à plataforma, levando em consideração a especificidade do meio das plataformas.

Refletir acerca das transformações – tanto em nível de infraestrutura quanto em questões de sistema de mercado – denotam também o incentivo a (re)considerações acerca da disciplina das Relações Internacionais neste panorama ainda mais complexo. A análise acerca das articulações de (in)segurança da extrema direita, somadas principalmente às articulações próprias advindas do espaço digital, demonstram a proposta de um convite colaborativo interdisciplinar com um campo especializado nas dinâmicas sociais adjuntas aos campos da ciência e tecnologia. A próxima seção busca fundir as propostas de ambas as disciplinas a fim de propor um olhar mais complexo para a atuação da extrema direita na era da plataformização.

4.3 Colaboração entre Relações Internacionais no campo da segurança e os Estudos de Ciência e Tecnologia: os discursos de (in)segurança na infraestrutura digital

Diante de um cenário de análises Estado-cêntricas, elitizadas e de cunho *problem-solving* promovidas por perspectivas tradicionais de segurança, o surgimento do campo dos Estudos Críticos de Segurança advém da necessidade de reconfigurar a agenda de estudos, tanto em sentido de seu alargamento que expandisse as temáticas ali estudadas, como também um movimento de reflexão acerca do modo como se teoriza segurança e quais agentes são identificados e invisibilizados pela palavra. Nesse sentido, compreender de que modo a agenda de estudo e suas contribuições teóricas dialogam com questões contemporâneas de segurança, tal como a novas tecnologias, consiste em um novo desafio para o campo, principalmente na análise quanto ao conjunto de forças, processos políticos e dinâmicas de poder que evoluem o espaço digital e suas redes sociais (Downing, 2023, p. 55).

Temáticas de segurança de cunho contemporâneo, é importante ressaltar, envolvem não apenas a reflexão interna da agenda quanto ao seu modo de pensamento, como também os modos como se conduz as metodologias, métodos de pesquisa e empiria, visto que esses mecanismos definem também o que é visto ou invisibilizado de uma pesquisa no âmbito da segurança. Caso contrário, é possível que o resultado desse movimento de expansão da agenda sem reflexão aprofundada de sua teoria e metodologia pode construir análises homogeneizantes do espaço digital, de modo a descrevê-la como uma “entidade unitária com implicações claras e unidirecionais” (Downing, 2023, p. 2). O resultado desta visão acerca do espaço digital consiste na redução de sua complexidade e variedade de plataformas, mecanismos de comunicação e interação, assim como a redução de seu impacto na formulação de problemas de (in)segurança para além de um mero espaço de interação ou mecanismo de expansão de poder (Bellanova, Jacobsen; Monsees, 2020, p. 90).

A era da *Big Data* torna os dados em um dos principais artefatos de poder e ganho político da atualidade. Desde questões acerca de vigilância, privacidade e proteção de dados, o campo dos estudos de segurança da RI fomentou um debate que questiona o impacto do uso apropriado do digital para produzir a segurança, além das suas respectivas consequências no âmbito civil; político e social (Aradau; Blanke, 2015, p. 1-2). Ainda nesse caminho, Bigo *et al.* (2019, p. 4-7) reiteram como os ‘dados’ (*‘data’*) possuem sua própria sociologia política, no sentido de apontarem arranjos entre atores que despertam a atenção para práticas políticas e sua apropriação para obtenção de poder. Possuem, portanto, um campo próprio de poder e conhecimento de *expertise*, em um espaço de entrelaçamento da política de dados com as transformações sociais a impactarem diretamente a forma como este são manuseados.

Um olhar a partir das Relações Internacionais já possui uma literatura vasta acerca destas implicações, em que o espaço digital apresenta aspectos de poder que se conectam diretamente com os rumos do sistema internacional. Não se pode pensar o espaço digital como desconectado do seu entorno. Além do poder, é preciso pensá-lo como uma espacialidade sujeita a singularidade da vida política e cotidiana. Para além de um instrumento de cunho estratégico, Bellanova; Jacobsen e Monsees (2020, p. 92) relatam acerca de um cenário socio-determinista na disciplina das Relações Internacionais em que:

Contudo, a participação da tecnologia na formação das Relações Internacionais – e no estudo das Ris – foi comumente associada como decorrente do seu papel como instrumento de dinâmica social e política, ou seja, os estudos de RI inclinaram-se para uma leitura da tecnologia, da ciência e do conhecimento como meras ferramentas, capazes, em última análise, de alterar o “equilíbrio de poder” se mobilizados de forma eficaz.

Visando complexificar a análise acerca de questões do internacional impactadas pela tecnologia e suas dinâmicas e participação, os Estudos de Ciência e Tecnologia (STS) adquirem relevância no debate internacionalista. A disciplina busca fugir de uma visão meramente técnica dos sistemas tecnológicos através da identificação das múltiplas dinâmicas de correlação entre tecnologia e sociedade. Ao mesmo tempo, os STS defendem a fuga de uma visão determinista-tecnológica, ao apontarem a necessidade de compor robustez e reciprocidade para o estudo das conexões entre o indivíduo e a tecnologia (Jasanoff; Kim, 2019, p. 2). Este movimento tem como objetivo, portanto, escapar de uma perspectiva que atribua agência ao social ou tecnológico em uma via unidirecional e exclusiva. Estabelecer um diálogo com os Estudos de Ciência e Tecnologia requer ultrapassar fronteiras pré-estabelecidas do que se considera ou não como uma questão de segurança. O propósito reconhecer os “emaranhados múltiplos” (Bellanova; Jacobsen; Monsees, 2020, p. 90) que participam do sistema internacional e contemplar a (in)segurança como uma constituição heterogênea de atores que se articulam entre si em inevitáveis conexões de discursos e materialidade (Bellanova; Jacobsen; Monsees, 2020, p. 91).

A partir deste processo, torna-se possível a relevância do espaço digital e das novas tecnologias e seus sistemas particulares como essenciais para o questionamento e formulação de novos problemas e análises de (in)segurança. A forma como as particularidades intrínsecas ao espaço digital toma formam nas articulações de segurança, de acordo com Bellanova e Fuster (2019, p. 347-348) demandam um olhar anterior à construção e formação de sentido entre os atores sociais e sua imersão no ambiente cibernético, em que suas *affordances* tornam visível a materialidade da vida política.

Ainda nesse debate, os Estudos de Ciência e Tecnologia se fazem presentes ao pensarem a concepção do ambiente digital como uma **infraestrutura**. A partir do conceito trazido por Susan Leigh Star (1999), uma infraestrutura pode ser

compreendida como uma representação de cunho relacional, em que tal conceito só se demonstra aparente a partir da sua relação e constituição com outros aparatos. Dentre suas principais características, destaca-se: Correlação com práticas e vínculos sociais; seu aspecto enraizado à outras múltiplas infraestruturas; capacidade de se reinventar de acordo com o contexto; (Star, 1999, p. 381-382).

A proposta aqui reside em não apenas em considerar a conexão entre o espaço digital e as dinâmicas políticas aqui descritas, como também entender o cibernético como uma infraestrutura em si mesma. Tal posicionamento permitirá compreender de modo mais assíduo as dinâmicas de entrecruzamento que formulam a articulação entre a internet e sociedade em constante coevolução. Nesse debate, o que seria aparentemente invisível nos estudos do espaço digital na composição do internacional devem assumir maior protagonismo, especialmente na contemporaneidade:

A internet, cujos principais componentes físicos são frequentemente invisíveis: incluem sinais sem fio, fios enterrados (por exemplo, linhas de fibra óptica) ou máquinas escondidas em prédios de escritórios indefinidos e trancados (...). No entanto, além de seus componentes materiais, a ideia da internet também é invisível, com páginas da web surgindo como mágica, baseadas em processos totalmente desconhecidos e inquestionáveis pela maioria dos usuários da internet (Sandvig, 2013, p. 96-97).

Retornando ao ponto de partida e conectando a pauta aqui descrita com o estudo das Relações Internacionais no espaço digital, esta seção buscou trazer o campo disciplinar dos Estudos de Ciência e Tecnologia em um convite colaborativo. Analisar o espaço digital como uma infraestrutura detentora de *affordances* que possibilitam a visibilidade de novas dinâmicas, de que modo se analisa o internacional a partir destes ‘ordenamentos complexos’ que questionam os limites e fronteiras do que significa um domínio institucional, social, local e internacional? Os atores do sistema internacional que, ao se apropriarem do manejo do espaço digital, evidenciam as particularidades de personagens que entram em ressonância e se beneficiam mutuamente de um sistema interconectado, transformando a forma como pensamos na constituição dos problemas de segurança (Austin, 2019).

A forma como os atores da composição se complementa e/ou se enfrenta ocasionam disputas da interpretação do sistema internacional que perpassam diretamente pelo espaço digital. Em uma espacialidade em que “o local e o global se juntam em um sistema interconectado de redes” (Sorce; Dumitrica, 2022, p. 159),

a extrema direita usufrui de maneira direta das *affordances* do espaço digital, conforme descrito no capítulo dois, mas também estão inseridas em um largo contexto com sua própria infraestrutura, que manipula dados em escalas que geram consequências nem sempre diretamente causadas a partir da CPAC. A próxima seção irá investigar esta característica a partir de uma retomada à análise da presença digital da CPAC, apresentando outras dinâmicas de circulação de dados que possibilitam o engate à novas reflexões.

4.4. Análise: a presença da CPAC no espaço digital em suas redes sociais

Recapitulando brevemente, o capítulo dois trouxe para a discussão o fortalecimento digital da CPAC através de seu *website* próprio. A configuração e estruturação do *website* conferiu a CPAC à categoria de mídia alternativa, sustentando o discurso da extrema direita através de uma legitimação midiática para sua audiência. A relevância do endereço na *web* para a presença digital da conferência não pode ser deslegitimada. Contudo, deve-se continuar esta discussão a partir da identificação de uma outra parte desta expansão digital: sua presença e atuação nas plataformas digitais.

O recorte de análise dos perfis nas plataformas digitais se atentará às mesmas edições analisadas na etapa de transnacionalização da CPAC, dentre eles: Estados Unidos; Brasil; Hungria; México e Argentina. Os perfis da edição da CPAC referente ao Japão – com edições mencionadas no capítulo anterior - serão desconsiderados, visto que o critério de análise será voltado à perfis com idioma em inglês, português ou espanhol. Cada uma destas edições possui presença em níveis variados nas plataformas digitais, em especial no Instagram e X (antigo Twitter). Direcionar a análise para os perfis do X será outro recorte empregado nessa seção, considerando limitações metodológicas para captação de conteúdo no Instagram, somado ao fato de que o X permite tornar mais visível as dinâmicas das plataformas.

A coleta de dados e análise de conteúdo foi realizada a partir de uma sob uso dos *softwares* MaxQDA e *Twextract*⁶⁵ – ferramentas voltadas à análise de

⁶⁵ *Software* permite a coleta de dados a partir da exportação e download das publicações do perfil desejado.

conteúdo e coleta de dados do X, respectivamente - somado a perambulações etnográficas *online*⁶⁶. Esta seção busca efetivamente expandir a análise acerca da presença digital na CPAC através dos perfis no X.

4.4.1 Sobre os perfis das edições da CPAC e sua presença no X

Com atuação na plataforma desde 2010, o perfil da edição originária da CPAC possui presença de longa data no X. O perfil conta atualmente com 249.000 mil seguidores e em torno de 51.000 publicações.⁶⁷ Possui uma frequência de postagens diária, com 2118 publicações até 1º de setembro de 2024, incluindo tanto postagens originais quanto republicações/*retweets*. As publicações se voltavam especialmente à cobertura dos principais palestrantes e desdobramentos da edição, publicando trechos dos discursos mais recentes de sua programação.

Dentre as publicações que cobrem o evento, aquelas que envolvem o *International Summit* merecem destaque. O Comitê recebeu uma atenção especial do perfil, tanto durante sua realização, quanto após, quando o perfil posta acerca dos principais desdobramentos ali obtidos (CPAC [@CPAC], 2024e). No perfil da CPAC, a conferência publica na íntegra o vídeo contendo as principais afirmações em que entraram em acordo (CPAC [@CPAC], 2024a). Dentre outros presidentes em exercício citados, destacam na primeira resolução a condenação à conduta política à Lula da Silva⁶⁸ e apoio à suposta perseguição de seu opositor de extrema direita, Jair Bolsonaro.

O aspecto evidentemente de cunho ‘anti globalista’ do Comitê é aparente nas próximas resoluções em comum acordo: oposição ao Acordo sobre Pandemias da OMS,⁶⁹ acordo internacional voltado à prevenção e resposta de pandemias. Segundo eles, trata-se de um projeto coordenado por elites globalistas progressistas – em que a organização estaria associada à administração Biden, partido comunista

⁶⁶ LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, v. 42, n. 1, p. 41-65, 2017.

⁶⁷ Dado válido para a data de 14 de agosto de 2025.

⁶⁸ Também foram citados: Xi Jin Ping, Vladimir Putin e Joe Biden.

⁶⁹ O inédito acordo adotado pelos 194 países-membros da OMS prevê o compartilhamento de informações, patentes e patógenos (também conhecido como Sistema de Acesso a Patógenos e Compartilhamento de Benefícios) essenciais ao combate de doenças que serão direcionadas distribuição mundial pela OMS. Proposta busca reduzir a desigualdade sanitária no aspecto de combate à crises sanitárias e o acesso igualitário a mecanismos de prevenção e combate a pandemias (Almeida; Campos, 2021).

da China e a Fundação Gates – que buscam impor um governo globalista supranacional que ameaçam a soberania das nações e a proteção da comunidade global (CPAC Australia, 2024). Por fim, os apoiadores da resolução apoiam quaisquer formas de resistência encontrada para se opor à agenda da OMS, incluindo o encorajamento a retirada da organização (CPAC [@CPAC], 2024a).

“A CPAC é onde a comunidade internacional se encontra para defender a soberania e derrotar a globalização”.⁷⁰ O texto é da publicação que com Patricia Bullrich – Ministra da Segurança da Argentina, Mercedes Schlapp e Matt Schlapp durante o Comitê Internacional da conferência, que atingiu em torno de 105.500 visualizações. este é um exemplo do aspecto de vínculo institucional e político forte do atrelamento da CPAC com a extrema direita. A cobertura e repercussão a partir do perfil na plataforma une dois aspectos que denotam a instrumentalização da CPAC na contemporaneidade. Em outras palavras, enquanto as pautas discutidas entre os membros são discutidas durante o evento, a mensagem é difundida pelas redes e com métricas específicas que identificam seu engajamento. Por engajamento entende-se a análise de forma conjunta dos medidores de interatividade com cada publicação: *retweets* (que também incluem os *quotes* – republicações em forma de comentário), respostas, curtidas e visualizações. O aumento do engajamento também eleva a exposição da mensagem para outros usuários por parte da plataforma, que compreende a relevância da publicação para *feeds* personalizados de outros usuários com interesses similares (Mello; Estre, 2023, p. 138-139).

Recuperando o argumento de Taina Bucher e Annie Helmond (2018, p. 240) as dinâmicas de interação e medição de engajamento das plataformas digitais operam como *affordances* que permitem ao usuário criar uma rede de circulação e formas distintas de engajamento coletivo. Esses mecanismos apontam para o incentivo a práticas de comunicação que se tornam indicadores de popularidade e afinidade discursiva dentre seus usuários em determinado tópico (Mello; Estre, 2023, p. 140).

⁷⁰ CPAC. CPAC is where the international community comes together to defend sovereignty and defeat globalization. Great to have Patricia Bullrich, Minister of Security for Argentina join us at the international summit. @mschlapp @mercedesschlapp @PatoBullrich X: @CPAC Disponível em <https://x.com/CPAC/status/1760502335875207366> Acesso em 11 ago. 2025.

As resoluções anunciadas pela CPAC no *International Summit* desta edição demonstram claramente a cooperação internacional da extrema direita em prol de causas que lhes são comuns, apesar das manifestações em formas distintas em várias regiões. O movimento social anti globalista encontra na CPAC um ponto de encontro para o apoio mútuo entre representantes da extrema direita global que usufruem da conferência conservadora para estabelecerem um selo de legitimidade ainda mais evidente: um comitê internacional com resoluções bem estruturadas. A CPAC opera como uma convergência representativa das pautas da extrema direita que encontram nas edições um local para fundamentarem seus discursos.

Entretanto, considerando a cobertura do perfil no X da *International Summit* e a relevância da identificação destas métricas de engajamento nas plataformas digitais, a publicação com Bullrich e o casal Schlapp é uma das exceções de *tweets* que ultrapassaram a faixa de 100.000 visualizações. A cobertura do Comitê, assim como a edição da CPAC EUA 2024 como um todo, não supera os níveis de repercussão, engajamento e circulação do discurso que seus principais participantes ali presentes. Em seus próprios perfis oficiais, figuras de extrema direita superam as métricas alcançadas pela CPAC em seu próprio representante. A próxima seção busca discutir acerca deste aspecto.

4.4.2 Influencers extrema direita

FIGURA 7 - Captura de tela publicação de Nayib Bukele na CPAC



BUKELE. Nayib. **Full speech @CPAC 2024: Discurso completo @CPAC 2024:.** 23 fev. 2024. X: @nayibbukele. Disponível em: <https://x.com/nayibbukele/status/1761210124515868912> Acesso em: 2 set. 2025.

A captura de tela anterior é um pontapé inicial acerca da discussão intrínseca a um aspecto essencial da extrema direita contemporânea: o manejo das redes sociais por parte deste espectro político possui particularidades especiais que podem associá-los à categoria de influencers. Nenhuma publicação do perfil oficial da CPAC foi capaz de alcançar sequer um terço do engajamento da publicação de Bukele. O presidente de El Salvador usufrui de maneira extensa as potencialidades das plataformas digitais a fim de fortalecer sua figura política.

Considerado o político mais bem avaliado dentre todos os presidentes da América Latina atualmente (Dammert, 2023), Bukele conduz sua política não apenas seguindo uma agenda de extrema direita, mas com uma característica singular no quesito ao seu manejo das plataformas digitais. Sua conduta política depende substancialmente sua repercussão e relevância no espaço digital, o que faz com que o presidente receba dados diários da sua posição perante a opinião pública. Conduzir tal estratégia demanda uma equipe especializada de sua assessoria

dedicada a coleta de dados massivas de usuários online. Mais especificamente, se voltam àqueles que interagem com Bukele em suas redes, traçando suas pegadas digitais e moldando o comportamento do presidente de acordo com as demandas de seu eleitorado. É por esse motivo que Bukele possui uma estratégia política marcada pela fluidez de seu comportamento, variando seu aspecto discursivo e entregando uma espécie de ‘personagem’ vendido ao seu público nas redes sociais (Reyes; Trejo, 2024) (Nayib Bukele [@nayibbukele], 2023).

O modelo Bukele evidencia a importância do espaço digital no que tange ao aspecto de interação entre usuários para a extrema direita, fortalecendo um senso de comunidade. Comparando a diferença massiva de repercussão entre as publicações da CPAC e de Bukele, a CPAC firma sua posição como conferência conservadora em uma cobertura midiática. Já Bukele, assim como outros inúmeros políticos e representantes da extrema direita mundial, compreendem os meios de comunicação com seu público que se adequam à lógica de funcionamento da plataforma: incentivo à circulação.

Políticos influentes que estiveram presentes na CPAC EUA 2024 repercutiram de modo muito mais evidente nas publicações do perfil da conferência, se comparado a publicações voltadas a discussões de agenda. O anúncio da proximidade do horário do discurso de Bukele no evento obteve uma marca de 836.200 visualizações (CPAC [@CPAC], 2024c), enquanto uma publicação com um trecho de sua fala em que aponta George Soros como “ditador da política pública e da lei” alcançou 1 milhão de visualizações (CPAC [@CPAC], 2024d), assim como outra envolvendo um trecho do discurso proferido por Javier Milei (CPAC [@CPAC], 2024b). Já a publicação da fala de Eduardo Bolsonaro e a ameaça de uma ditadura de esquerda no Brasil comandada por Lula e o Supremo Tribunal Federal alcançou uma marca de 207.300 visualizações (CPAC [@CPAC], 2024f).

Nota-se uma confluência de benefícios do uso da imagem dos políticos de extrema direita extremamente popularizada no espaço digital no que diz respeito ao fortalecimento da conferência conservadora. Figuras como Bukele, Eduardo Bolsonaro e Milei obtiveram parte de sua relevância no cenário político através de um discurso antissistêmico, em que se apresentam como marginalizados pela mídia e sociedade, a fim de se posicionarem a favor do ‘povo’. Essa retórica assume uma familiaridade com o ambiente digital, em que o sistema personalizado faz com que

o discurso alcance de forma ainda mais específica as comunidades e usuários a se identificarem com esse discurso. Utilizando da comunicação com seus apoiadores através do espaço digital através de uma linguagem simplificada, sensacionalista e da desinformação, operam a circulação do discurso. Por fim, o sistema de circulação algorítmica permite que a narrativa circule de modo implícito em círculos sociais que não necessariamente consumiam anteriormente. Isto é: pautas como o combate a ideologia de gênero como uma imposição globalista, por exemplo, encontram margem para uma ressonância em nichos como o fundamentalismo religioso, por exemplo, aproximando a narrativa da extrema direita para outros agrupamentos sociais através do espaço digital.

Considerando que a efetividade de uma narrativa nas plataformas depende muito mais da sua capacidade de circulação e ressonância com a sociedade do que sua popularidade em dados brutos, o cenário acaba construindo um movimento que populariza figuras que apoiam narrativas que encontram apoio em uma ampla variedade de grupos sociais. A agenda da extrema direita e a ameaça globalista, a partir das dinâmicas de linguagem aplicadas por essas figuras, amplia seu espectro de apoio a partir da difusão da narrativa globalista na plataforma.

A simplicidade da linguagem, unindo a aspectos de ironia, sarcasmo e o uso da linguagem das redes (memes, emojis e hashtags) facilitam a difusão da mensagem (Winter, 2019) de modo que a publicação da *International Summit* na íntegra não é capaz de atingir. No contexto vigente, aspectos brutos relacionados ao número de seguidores em uma plataforma já se mostram insuficientes para mensurar a relevância de determinado perfil, especialmente com o fim do modelo cronológico dos feeds de notícias. A relevância reside na capacidade de manter suas publicações em constante difusão nas plataformas, o que implica, consequentemente, na fidelidade e compromisso de sua comunidade com seu discurso (Reyes; Trejo, 2024), enquanto sua mensagem continua aparecendo e chegando em suas páginas principais.

Outro elemento importante a ser citado é a questão da linguagem. A direita-alternativa, por ser essencialmente inserida na realidade digital, possui métodos de comunicação completamente singulares. As publicações de seus membros (geralmente feitas em modo anônimo) são repletas de ironia e sarcasmo, sendo esta uma estratégia essencial da cultura da internet para a disseminação de suas ideias com mais efetividade (Winter, 2019). O caráter irônico faz com que uma

manifestação supremacista adquira um tom de brincadeira e jovialidade, não só atraindo a juventude para o movimento, como também banalizando aos poucos as pautas extremistas e reinserindo-as na sociedade. Vale ressaltar que esta metodologia de ação dificulta também que as plataformas online sejam capazes de identificar o extremismo das publicações e a posterior exclusão das mesmas, possibilitando que a *alt-right* permaneça atuando nestes espaços virtuais. A forma como as mensagens radicais são expostas visam o objetivo final de reverter o “tabu cultural” do politicamente incorreto de uma manifestação de ódio (Winter, 2019). Assim, pode-se dizer que os integrantes deste grupo unem esforços para, através das mídias digitais, desconstruir a imagem designada à extrema direita, se afastando da reputação de caráter radical e reacionário do extremismo.

4.5 O “arquivo incompleto” dos movimentos sociais no espaço digital: vantagens para o discurso da extrema direita?

“Muito longe de serem plataformas neutras, as redes sociais possuem suas próprias características, que podem afetar como as pessoas engajam, protestam e resistem” (Mortensen; Neumayer; Poell, 2018, p. 1, tradução própria). Compreender a lógica das mídias digitais, assim como o modelo político-econômico das plataformas torna possível identificar como o encontro dos movimentos sociais com essas dinâmicas afetam diretamente sua mobilização.

Bennett e Segerberg (2012) dissertam sobre uma transformação do movimento social no espaço digital em que a lógica pode assumir duas frentes principais. A lógica de ação coletiva possui herança no modelo institucionalizado e hierárquico de um movimento social, baseado na criação de grupos com um discurso unitário e sistema organizacional definido para cada um de seus agentes, usufruindo do espaço digital para disseminar sua estratégia de ação. Nesse sentido, trata-se da manutenção da estrutura de ação dos movimentos sociais enquanto o espaço digital assume um papel de instrumento para divulgação da pauta coletivamente acordada (p.747-748). O segundo modelo de acordo com os autores refere-se a uma lógica de ação ‘conectada’ – *logic of ‘connective’ action*. Nesse sistema, a distribuição de uma narrativa bem delimitada é a posterior interconexão pessoal por mobilizações coletivas hierárquicas é substituída pela lógica de co-

produção e co-distribuição. Apesar de uma causa que lhes é comum, o conteúdo é divulgado de forma descentralizada e personalizada pelo usuário, ou seja: a produção e distribuição é baseado no interesse personalizado do agente ao invés de uma narrativa de mobilização concordada previamente (Bennett; Segerberg, 2012, p. 752).

Em “*Social media as activist archives*”, Christina Neumayer e David Struthers (2018) dissertam sobre as transformações que a cobertura e transmissão de protestos nas redes sociais impõem na compreensão da agenda dos movimentos sociais contemporâneos. Partindo do argumento introduzido por Bennett e Segerberg (2012), os autores unem esse aspecto personalizado da conduta do usuário perante o discurso propagado pelos movimentos sociais com as materialidades intrínsecas às plataformas digitais. Tomam como base a análise de protestos de movimentos sociais de cunho progressistas, analisando como as pautas defendidas na manifestação não necessariamente possuem as mesmas repercussões de difusão virtual que manifestações individuais personalizadas. O ponto reside na popularidade que determinada causa social atinge na mídia se comparado com fotos individuais publicadas por usuários desassociados, por exemplo.

Manifestações personalizadas perante uma causa de determinado movimento social podem moldar a imagem que este possui no espaço digital. Isso porque a infraestrutura das plataformas não opera do mesmo modo que um *website* de uma manifestação, em que o discurso é fixo e objetivamente apresentado para seus leitores. No espaço digital, a difusão da informação tende a facilitar uma linguagem simplificada, conteúdos com textos curtos e/ou imagens, *hashtags* que resumam o conteúdo da obra, dentre outros (Winter, 2019). Sob essa lógica, a causa pela qual o movimento social se empenha é descontextualizada e desassociada de seu objetivo primário, facilitando cadeias de desinformação acerca do discurso ali proferido (Neumayer; Struthers, 2018, p. 88-90).

Por esse motivo, Neumayer e Struthers (2018) buscam refutar a ideia do espaço digital como um arquivo. Diferente do contexto de seu surgimento do modelo *Web 2.0*, as manifestações sociais são diretamente afetadas por infraestruturas que podem impactar diretamente os fluxos de informação, ultrapassando ‘apenas’ o prospecto de formar comunidades e divulgar discursos de modo autônomo via mídias alternativas. As plataformas operam sob um regime em que se, por um lado, funcionam por intermédio do acúmulo e arquivamento massivo

dos dados, acessar efetivamente tamanha estrutura não opera do mesmo modo para seus usuários. A materialidade toma forma a partir de um sistema que prioriza a produção e posterior armazenamento de dados de um modo essencialmente interativo. Isto é, baseado no imediatismo e interatividade dos mecanismos de difusão e compartilhamento que a plataforma oferece (*afford*) ao usuário, os dados, paradoxalmente, não estabelecem uma posição fixa no espaço digital para seu consumidor. O ato de efetivamente traçar, armazenar e entrar em contato com os dados é restrito às corporativas que comandam o sistema econômico das plataformas, enquanto os usuários são majoritariamente restritos ao conteúdo de cunho personalizado aos seus interesses (Neumayer; Struthers, 2018).

É importante ressaltar que essa discussão não almeja negar as individualidades do sujeito ou a importância do contexto político-social na construção da percepção e consumo de mídia do usuário. O objetivo consiste em apontar de que modo o consumo de conteúdo é mediado por dinâmicas que alteram implicitamente a percepção que o usuário possui de determinado assunto, tomando como base seus próprios interesses e personalizações recomendadas. Em um modelo baseado no incentivo à formação de comunidades virtuais, tanto no sentido direto baseado na produção autônoma de conteúdo e a união de usuários com interesses de nichos específicos o espaço digital, como também o incentivo por parte de fluxos algorítmicos para a formação de *echo chambers* que indiretamente afetam a percepção do usuário diante de determinado contexto (Whittaker *et al.*, 2021).

Se sua opinião se baseia na sua percepção e acesso ao conteúdo de determinado assunto, a bolha virtual (*filter bubble*) em que o indivíduo se encontra acaba por impactar na sua construção de percepção da vida política. Mesmo que o usuário tenha a plena capacidade de ampliar seu acesso ao conteúdo a partir do digital, cria-se a ilusão de autonomia perante a sua acessibilidade à informação enquanto permanece em um contexto que privilegia comunidades reduzidas (Pariser, 2012), em que nem toda narrativa e desdobramentos atrelados a determinado movimento social são capazes de encontrar espaço e ressonância para se infiltrarem. Desse modo, a descontextualização de uma narrativa é um acontecimento frequente no que tange à circulação do discurso dos movimentos sociais no espaço digital.

Diante dessa perspectiva, de que modo esta discussão pode ser trabalhada a partir da adição da lógica de funcionamento do movimento social de extrema direita? A dinâmica aqui descrita impacta de maneira completamente oposta mobilizações coletivas de extrema direita, como no caso da sua vinculação à CPAC. Conforme identificado no capítulo 2, a extrema direita e a desinformação se conectam com a dinâmica de imediatismo e acessibilidade da informação no espaço cibernético, visto que a manutenção da narrativa depende mais de sua capacidade de circulação e difusão do que um aspecto evidentemente “verídico”.

Ao passo que movimentos sociais tendem a ser impactados negativamente pelo aspecto descentralizado dos fluxos de informação no contexto cibernético, a perda de exatidão perante o discurso como um todo de acordo com o acesso de cada usuário perante os fenômenos políticos vai de encontro com o movimento social de extrema direita. O globalismo opera simultaneamente advindo de uma criação intelectual da Nova Direita que, ao ser apropriado pela direita radical, assume um caráter difuso

e de cunho conspiratório (Orellana; Michelsen, 2019).

A chamada “era da pós-verdade” remete à intersecção entre a crise da democracia e a busca por explicações e credibilidade sob novas alternativas, em que as noções duais de verdade ou inveracidade de uma informação importam muito menos que sua capacidade de ressonância e mobilização na sociedade civil (Cosentino, 2020, p. 6). Nesse aspecto, a desinformação da extrema direita opera sob uma conduta política de pós-verdade que encontra similaridades à lógica de fluxos descentralizados da informação no espaço digital.

Diante dessa perspectiva, a constante reimaginação do discurso de acordo com o contexto e variação do espectro de inimigos da extrema direita, enquanto são manuseados pela narrativa da ameaça globalista, demonstra como esse espectro político está muito mais interessado na manutenção das imprecisões da narrativa que efetivamente criarem um discurso uniforme com alvos bem delimitados. A construção de sentido da narrativa da ameaça globalista se dá justamente através desse aspecto impreciso, em que cabe aos receptores da mensagem a ressoarem a mensagem a partir de suas próprias vivências e manter a narrativa em circulação através dos mecanismos de compartilhamento das plataformas digitais.

Constrói-se uma articulação digital de (in)segurança que une discurso operado por políticos de extrema direita, somado à sociedade civil e outros agentes político-sociais que compõem uma narrativa que, mesmo difusa, mantém sua

ressonância em contextos locais particulares sob uma conspiração maior acerca da ameaça global. A internacionalização da extrema direita, nesse sentido, depende da constante reconstituição da narrativa globalista de acordo com particularidades regionais. A CPAC se transforma em ponto de encontro dessas interseções ao unir políticos da extrema direita global que, apesar de falarem de contextos específicos à sua realidade local, operam de forma unitária à narrativa globalista, fortalecendo seu vínculo de cooperação entre si. Causas políticas conectam de modo cada mais intensivos atores internacionais e audiências transnacionais usufruindo da mediação digital.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a variedade de atores e dispositivos político-sociais que permeiam a difusão do discurso de (in)segurança da extrema direita requer um olhar que evidencie a relevância do aspecto digital em um contexto de composição em constante reformulação e transformação. Esta pesquisa buscou identificar de que modo o espaço digital contribui para o processo de expansão internacional da extrema direita contemporânea. A partir de um olhar voltado à *Conservative Political Action Conference (CPAC)* e suas transformações ao ser cooptada pela extrema direita, foi possível construir uma análise que buscou identificá-la como a um ponto de encontro desta articulação da extrema direita contemporânea, que usufrui tanto da conferência como também o espaço digital para difundir sua narrativa de cunho ‘anti-globalista’.

A CPAC é um símbolo do conservadorismo norte americano na sua busca por integrar seu movimento através de uma agenda a ser proferida através do partido Republicano dos EUA. A direita tradicional, a partir de eventos anuais e jantares exclusivos aos seus convidados, construíram gradualmente a perspectiva ideológica seguida pelo partido Republicano entre a década de 1980 até meados de 2010. Tal movimento demandou décadas de diálogo entre as diferentes frentes que compunham o conservadorismo americano, seguindo a proposta de trabalhar em suas divergências internas no movimento em prol de uma integração e maior projeção política. A gestão da *American Conservative Union*, especialmente durante o mandato de David Keene, foi representativa de um movimento social conservador que ditou a forma como a CPAC era estruturada e reconhecida no cenário político estadunidense.

Este panorama passou por transformações a partir de 2014 e a chegada de Matt Schlapp à liderança da ACU Foundation. A CPAC não apenas se alinhou à ascensão de Donald Trump e a extrema direita nos Estados Unidos, mas principalmente foi um aspecto importante para impulsionar a figura de Trump no início de sua carreira política. O fortalecimento de Donald Trump como político perpassou diretamente pela CPAC, além de inaugurar oficialmente o processo de transformação da conferência para o espectro político da extrema direita, incentivando o afastamento do conservadorismo tradicional do evento,

anteriormente tão central para estes eventos. Desde então, o discurso que rejeita o chamado globalismo, representado por instituições multilaterais, figuras políticas, intelectuais, dentre outros; ganhou força e se tornou aparente nas conferências ao longo dos anos. O discurso reforçava uma retórica do inimigo voltado aos ‘globalistas’, fruto de um movimento intelectual inspirado pela Nova Direita, somado ao aspecto conspiratório da desinformação incentivado pela extrema direita a fim de construir um discurso que se adeque a seus próprios interesses.

A cooptação da conferência conservadora por parte da extrema direita se expande em uma nova etapa: sua expansão internacional. Anteriormente restrita a aspectos da política estadunidense, a CPAC inaugurou em 2017 sua primeira edição transnacional sediada no Japão, intitulada na época como J-CPAC. Posteriormente, mais países ganharam suas edições transnacionais fixas, tais como Hungria, Brasil e México. A internacionalização da extrema direita, neste panorama, transforma na CPAC em um ponto de encontro oficial de seus principais representantes ao redor do globo.

O que se demonstrou até aqui foi a relevância da CPAC para atribuir legitimidade ao discurso proferido pela extrema direita contemporânea. De que modo, então, o espaço digital seria um participante deste processo? Esta pesquisa não buscou deslegitimar a relevância de outros atores, patrocinadores e figuras políticas para a expansão global deste movimento. Muito pelo contrário: trata-se de um esforço voltado para trazer o espaço digital para o debate em que, ao tratá-lo em sua centralidade, mostra sua importância localizada em um contexto amplo de uma composição do que significa a complexidade da atuação da extrema direita atual.

A partir destes levantamentos, o segundo capítulo buscou analisar a CPAC em um processo de dupla expansão: além de suas edições transnacionais, sua presença no espaço digital também cresceu consideravelmente. Levando em consideração o contexto que envolve a correlação entre a popularização da internet com a difusão de discursos de movimentos sociais, se demonstrou como a extrema direita se encaixa neste debate ao se colocar como um movimento social que se opõe ao globalismo, usufruindo do espaço digital para criar suas próprias fontes de mídia. A extrema direita, a partir da expansão digital da CPAC na criação de seu *website* e conteúdos midiáticos alternativos, possibilita expandir sua narrativa para sua audiência enquanto utiliza da conferência para certificar sua relevância perante o público. Trazer a extrema direita como um movimento social trouxe para o debate

outras possibilidades de se formular acerca do uso do espaço digital por parte da difusão de discursos alternativos. Nesse contexto, a conexão entre o aspecto da desinformação a sua circulação no espaço digital demonstrou a intencionalidade do discurso da extrema direita no ambiente digital a fim de expandirem sua narrativa de maneiras ainda mais extensas.

Posteriormente, o capítulo final teve o objetivo de trazer para o debate o espaço digital em maior centralidade. Ao enfatizar a multiplicidade que consiste no espaço digital após suas transformações no contexto da plataformização, o aspecto das plataformas digitais foi levantado a fim de demonstrar de que modo a presença da CPAC na plataforma X não seria suficiente para demonstrar a atual conjuntura, em especial as formas que a extrema direita se beneficia da potencialidade de difusão discursiva de modos não convencionais. Isto é: utilizando da análise de publicações no X do evento da CPAC EUA em comparação a de políticos célebres nas plataformas, foi apresentado como a relevância e engajamento que a conferência recebe nas redes advém muito mais da atuação de seus convidados que realizam coberturas características do evento em seus perfis. Trata-se, portanto, de uma potencialidade difusa e benéfica para a extrema direita, que usufrui das plataformas digitais para circular sua narrativa em oposição ao globalismo para além da produção autoral de conteúdo tradicional, mas usufruindo mais ainda do potencial dos fluxos algorítmicos contemporâneos.

É importante salientar que este último capítulo demonstrou com clareza os percalços metodológicos enfrentados nesta dissertação. Engajar metodologicamente com o espaço digital, especialmente em uma vertente que busca evidenciar seu protagonismo, traz consigo consequências no que tange à qualidade e robustez metodológica. Apesar de engajar com uma bibliografia relevante com relação às particularidades do ambiente digital, a pesquisa demonstrou as possibilidades de se engajar com o debate aqui proposto se demonstraram reduzidas. Isso porque uma análise de conteúdo de publicações nas plataformas digitais e conteúdos publicados em seu *website*, por exemplo, não evidenciam de forma ativa e completa o argumento levantado anteriormente. Tal desdobramento ilustra novas possibilidades futuras mediante maior engajamento metodológico com novas perspectivas que tornem possível analisar os tópicos aqui propostas de maneiras ainda mais evidentes para o leitor.

Em retrospecto, foi possível explorar a interconexão entre o espaço digital e a extrema direita global por intermédio de uma conferência conservadora que, apesar de sua relevância política, acaba por se beneficiar e dialogar com o espaço digital. A contribuição do digital para o contexto da internacionalização da extrema direita, através do exemplo da CPAC, resultou em uma análise que atingiu desdobramentos não tão evidentes inicialmente. A extrema direita contemporânea possui uma relação com o contexto do sistema internacional anterior à popularização da internet, e tal aspecto não buscou ser negado. Foi demonstrado como o espaço digital acaba por contribuir a partir de um contexto de constante articulação e ressonância dos atores e artefatos que compõem a articulação da extrema direita global. A necessidade de constante reformulação do discurso da extrema direita perante o contexto contemporâneo é o ponto de partida para uma conexão direta, apesar de não tão aparente inicialmente, da existência de uma articulação digital de (in)segurança.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBATE, Janet. L'histoire de l'Internet au prisme des STS. **Le Temps des Médias**, , p. 170–179, 2012.

ABRAHAMSEN, Rita *et al.* Confronting the International Political Sociology of the New Right. **International Political Sociology**, v. 14, n. 1, p. 94–107, 2020.

_____. **World of the Right: Radical Conservatism and Global Order**. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

ALMEIDA, Celia; CAMPOS, Rodrigo Pires de. Multilateralismo, ordem mundial e Covid-19: questões atuais e desafios futuros para a OMS. **Saúde em Debate**, v. 44, p. 13–39, 2021.

ALTMAN, Alex; MILLER, Zeke J. **CPAC Gives Republicans a 2016 Preview**. 2014. Disponível em: <https://time.com/14825/cpac-republican-presidential-primary-2016/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ANIEVAS, Alexander; AND SAULL, Richard. The far-right in world politics/world politics in the far-right. **Globalizations**, v. 20, n. 5, p. 715–730, 2023.

ARADAU, Claudia; BLANKE, Tobias. The (Big) Data-security assemblage: Knowledge and critique. **Big Data & Society**, p. 1–12, 2015.

ARADAU, Claudia; HUYSMANS, Jef. Assembling credibility: Knowledge, method and critique in times of ‘post-truth’. **Security Dialogue**, v. 50, n. 1, p. 40–58, 2019.

ARAÚJO, Ernesto. Trump e o Ocidente. **Cadernos de política exterior**, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 323–357, 2017.

AUSTIN, Jonathan Luke. Security compositions. **European Journal of International Security**, v. 4, n. 3, p. 249–273, 2019.

BARBER, Michael; POPE, Jeremy C. Conservatism in the Era of Trump. **Perspectives on Politics**, v. 17, n. 3, p. 719–736, 2019.

BARR, Andy. **The complex legacy of David Keene**. 2011. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2011/02/the-complex-legacy-of-david-keene-049445>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BELLANOVA, Rocco; FUSTER, Gloria González. Composting and computing: On digital security compositions. **European Journal of International Security**, v. 4, n. 3, p. 345-365, 2019.

BELLANOVA, Rocco; JACOBSEN, Katja Lindskov; MONSEES, Linda. Taking the trouble: Science, technology and security studies. **Critical Studies on Security**, v. 8, n. 2, p. 87-100, 2020.

BENNETT, W Lance; LIVINGSTON, Steven. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, v. 33, n. 2, p. 122–139, 2018.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action: Digital media and the personalization of contentious politics. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739–768, 2012.

BERG, Sebastian; HOFMANN, Jeanette. Digital democracy. **Internet Policy Review**, v. 10, n. 4, 2021. Disponível em: <https://policyreview.info/articles/analysis/digital-democracy>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BETZ, Hans-Georg. Forty years of radical right-wing populism: An assessment. **GLOBAL RESURGENCE OF THE RIGHT**. Routledge, 2021. p. 7–40.

BIGO, Didier; ISIN, Engin; RUPPERT, Evelyn. **Data politics: Worlds, subjects, rights**. Taylor & Francis, 2019.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. **A NETWORKED SELF**. Routledge, 2010.

BROWNING, Robert X. **Advances in Research Using the C-SPAN Archives**. [S. l.]: Purdue University Press, 2016. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/31635>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BUCHER, Taina; HELMOND, Anne. The Affordances of Social Media Platforms. **THE SAGE HANDBOOK OF SOCIAL MEDIA**. SAGE Publications Ltd, 2018. v. 1, p. 233–253.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a new framework for analysis**. Nachdr.ed. Boulder, Colo.: Rienner, 1998.

CABINET OFFICE OF THE PRIME MINISTER. **Speech by Prime Minister Viktor Orbán at the opening of the CPAC Hungary conference - Orbán Viktor**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://miniszterelnok.hu/en/speech-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-opening-of-the-cpac-hungary-conference/>. Acesso em: 5 maio 2025.

CAIANI, Manuela. Radical right-wing movements: Who, when, how and why?. **Sociopedia**, 2017. Disponível em: <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/RadicalRightMovements.pdf>. Acesso em: 6 maio 2025.

CAIANI, Manuela; CÍSAŘ, Ondřej. Movements, parties, and movement parties of the radical right: Towards a unified approach? **RADICAL RIGHT MOVEMENT PARTIES IN EUROPE**. Routledge, 2018. p. 11–26.

CAMMAERTS, Bart. The abnormalisation of social justice: The ‘anti-woke culture war’ discourse in the UK. **Discourse & Society**, [s. l.], v. 33, n. 6, p. 730–743, 2022.



CASTELLI GATTINARA, Pietro; PIRRO, Andrea L. P. The far right as social movement. **European Societies**, v. 21, n. 4, p. 447–462, 2019.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**, p. 17–30, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Zahar, 2013.

COSENTINO, Gabriele. **Social Media and the Post-Truth World Order: The Global Dynamics of Disinformation**. Cham: Springer International Publishing, 2020.

CPAC AUSTRALIA. **CPAC International Summit 2024 | CPAC Australia**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.cpac.network/cpac-international-summit-2024>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CPAC [@CPAC].   **WATCH: Chairman @mschlapp Announces Historic Resolutions At @CPAC's FIRST-EVER International Summit!** <https://t.co/UwueXY0dZd>. [S. l.], 2024a. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1761235132252344711>. Acesso em: 11 ago. 2025.

CPAC [@CPAC]. **Argentina's President @JMilei: "We will not surrender until we Make Argentina Great Again!"** <https://t.co/MnjaLEpJVP>. [S. l.], 2024b. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1761507026465656861>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CPAC [@CPAC]. **Exciting news! President @nayibbukele is set to speak** 

tonight at 6:15pm at @CPAC. Don't miss out! Go to <http://CPAC.org/DC> to buy tickets and <http://CPAC.org/Live> to watch the livestream. <https://t.co/yZJ4knX3jV>. [S. l.], 2024c. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1760729863579947241>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CPAC [@CPAC]. **JUST NOW - President @nayibbukele: "Who elected Soros to dictate public policy and laws? Why does he feel entitled to impose this agenda? Soros and his cronies hit a brick wall in El Salvador... El Salvadorians are now immune to his influence. No one believes his lies anymore."** <https://t.co/bL2ZgG1RYY>. [S. l.], 2024d. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1760818385971978309>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CPAC [@CPAC]. **Our International Summit last night was a huge success! We look forward to hearing from more international conservative leaders throughout the week on the best practices to beat socialism, marxism and globalism. #CPAC #WhereGlobalismGoesToDie @mschlapp**

@mercedesschlapp <https://t.co/CUHGPc8egj>. [S. l.], 2024e. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1760663800372494610>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CPAC [@CPAC]. **WATCH: @BolsonaroSP's dire warning about the current state of Brazil under the RADICAL Lula regime** <https://t.co/oUduATe0TM>. [S. l.], 2024f. Tweet. Disponível em: <https://x.com/CPAC/status/1761523682751488449>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DAMMERT. O «modelo Bukele» e os desafios latino-americanos | **Nueva Sociedad**. 2023. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/308-modelo-bukele-desafios-latinoamericanos/pt/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DAVIS, Jenny L. **How Artifacts Afford: The Power and Politics of Everyday Things**. MIT Press, 2020.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. Introduction: The Field of Social Movement Studies. *In*: THE OXFORD HANDBOOK OF SOCIAL MOVEMENTS. [S. l.: s. n.], 2015. p. 1–31.

DIAMOND, Jeremy. **CPAC changes aimed at returning power to the people** | **CNN Politics**. 2015. Disponível em: <https://www.cnn.com/2015/02/24/politics/cpac-2015-changes-matt-schlapp/index.html>. Acesso em: 8 abr. 2025.

DOWNING, Joseph. Social Media, Digital Methods and Critical Security Studies. *In*: DOWNING, Joseph (org.). **Critical Security Studies in the Digital Age: Social Media and Security**. Cham: Springer International Publishing, 2023. (New Security Challenges). p. 71–108.

DROLET, Jean-François; WILLIAMS, Michael C. America first: paleoconservatism and the ideological struggle for the American right. **Journal of Political Ideologies**, 2020.

_____. From critique to reaction: The new right, critical theory and international relations. **Journal of International Political Theory**, v. 18, n. 1, p. 23–45, 2022.

_____. Radical conservatism and global order: international theory and the new right. **International Theory**, v. 10, n. 3, p. 285–313, 2018.

DURHAM, M.; POWER, Margaret. **New Perspectives on the Transnational Right**. Springer, 2016.

FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick. **Post-Digital Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US**. transcript Verlag, 2018.

FORTI, Steven. Extreme Rights 2.0, A Big Global Family: From Spain's Vox to Argentina's Javier Milei, the forces of the new far right don't resurrect historical fascism. But they are the greatest threat to democracy today. **NACLA Report on the Americas**, v. 56, n. 1, p. 20–27, 2024.

FUNAG. Discurso do Ministro Ernesto Araújo na CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora) Brasil 2019. **FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO - FUNAG**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-cpac-conferencia-de-acao-politica-conservadora-brasil-2019>. Acesso em: 17 ago. 2025.

GERBAUDO, Paolo. From cyber-autonomism to cyber-populism: An ideological history of digital activism. **TripleC: Communication, capitalism & critique**, v. 15, n. 2, p. 477-489, 2017.

_____. Social media and populism: an elective affinity?. **Media, Culture & Society**, v. 40, n. 5, p. 745–753, 2018.

GIBSON, James J. The Theory of Affordances. **THE THEORY OF AFFORDANCES: THE ECOLOGICAL APPROACH TO VISUAL PERCEPTION**. Lawrence Erlbaum Associates, 1979. p. 127–137.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media**. [S. l.: s. n.], 2018. p. 288

GIMÉNEZ, María Julia. Hunting Dracula, Hatching Monsters: Transnational networks of liberal-conservative think tanks have helped propel the rise of the far right. The Fundación Internacional para la Libertad is at the forefront. **NACLA Report on the Americas**, v. 56, n. 1, p. 85–91, 2024.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**, v. 1, n. 2, p. 75–91, 2004.

GPAHE. “Wokebusters” Begins Operations. **GLOBAL PROJECT AGAINST HATE AND EXTREMISM**. 7 out. 2024. Disponível em: <https://globalextremism.org/post/wokebusters/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá; SILVA, Irma Dutra de Oliveira. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro’s ultra-conservatism and the new politics of alignment. **International Affairs**, v. 97, n. 2, p. 345–363, 2021.

HALL, Jeffrey James. New religious movements and conservative politics in Japan Affairs, view of electoral and non-electoral political activities of happy science and the happiness realization party. **神田外語大学日本研究所紀要**, n. 15, p. 274–260, 2023.

HALLOW, Ralph Z. **In CPAC speech, Trump hints of White House bid**. 2011. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2011/feb/10/weighing-presidential-run-trump-make-cpac-debut/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

HARBOR, Louise Callaghan, National. **Trump rallies jubilant Cpac with jibe at ‘the globalists’**. Disponível em: <https://www.thetimes.com/us/american-politics/article/trump-rallies-jubilant-cpac-with-jibe-at-the-globalists-2t69xxwvx>. Acesso em: 17 ago. 2025.

HEILBRUNN, Jacob. **I Was Banned From Entering CPAC Hungary’s ‘Woke Free Zone’**. 2023. Disponível em: <https://www.politico.com/news/magazine/2023/05/06/cpac-hungary-woke-free-zone-00095576>. Acesso em: 18 ago. 2025.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 1–10, 2015.

HERZ, Monica; SUMMA, Giancarlo. A nova cruzada: Direita radical vs. democracia, direitos, ONU e cooperação internacional. **Multilateralismo na mira: A direita radical no Brasil e na América Latina**. Editora PUC-Rio, 2024, p. 27-70.

HOLT, Kristoffer. **Right-wing alternative media**. Routledge, 2019.

HUYSMANS, Jef. What's in an act? On security speech acts and little security nothings. **Security Dialogue**, v. 42, n. 4–5, p. 371–383, 2011.

IGNATOW, Gabe; ROBINSON, Laura. Pierre Bourdieu: theorizing the digital. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 7, p. 950–966, 2017.

ILTEN, Carla; MCINERNEY, Paul-Brian. Social Movements and Digital Technology: A Research Agenda. **DIGITALSTS: A FIELD GUIDE FOR SCIENCE & TECHNOLOGY STUDIES**. Princeton University Press, 2019. p. 198–220.

INFLUENCEWATCH. **American Conservative Union (ACU) Foundation**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.influencewatch.org/non-profit/american-conservative-union-acu-foundation/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ISAAC, David. Host of CPAC Hungary: Globalists determined to topple 3 pillars of Western civilization. *In*: JNS.ORG. 30 maio 2025. Disponível em: <https://www.jns.org/host-of-cpac-hungary-globalists-determined-to-topple-3-pillars-of-western-civilization/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

ITUASSU, Arthur. As mídias digitais e a democracia no Brasil contemporâneo. **INTERESSE NACIONAL**. 26 jun. 2024. Disponível em: <https://interessenacional.com.br/as-midias-digitais-e-a-democracia-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

IZQUIERDO, Laureano Pérez. **Soledad Cedro: “Nunca se vio en Argentina un evento político del calibre internacional que tendrá la CPAC”**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.infobae.com/estados-unidos/2024/10/29/soledad-cedro-nunca-se-vio-en-argentina-un-evento-politico-del-calibre-internacional-que-tendra-la-cpac/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

JASANOFF, Sheila; KIM, Sang-Hyun (Ed.). **Dreamscapes of modernity: Sociotechnical imaginaries and the fabrication of power**. University of Chicago Press, 2019.

KEENE, David. Keeping CPAC a big tent. **THE HILL**. 8 fev. 2011. Disponível em: <https://thehill.com/opinion/columnists/david-keene/142593-keeping-cpac-a-big-tent/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

KELLERMAN, Aharon. **Geographic Interpretations of the Internet**. Cham: Springer International Publishing, 2016.

KISIĆ-MERINO, Pasko. The role of right-wing enjoyment in the normalisation of the far right. **Review of International Studies**, p. 1–23, 2025.

LESSIG, Lawrence. The zones of cyberspace. **Stanford Law Review**, v. 48, n. 5, p. 1403–1411, 1995.

LOUREIRO, Felipe Pereira. Conspiracy Theory and the Foreign Policy of the Far Right: The Case of Jair Bolsonaro's Brazil (2019-2021). **Contexto Internacional**, v. 45, p. 1–20, 2023.

MELLO, Anna Carolina Raposo de; ESTRE, Felipe. Populism and Anti-Globalism on Twitter: Similarities of Conspiratorial Discourse and Content Diffusion on Social Networks in Brazil, Spain, Latin America, and Italy. **RIGHT-WING POPULISM IN LATIN AMERICA AND BEYOND**. Routledge, 2023.

MILLER, Jake. **Which Republican has the most to prove at CPAC 2015? - CBS News**. 2015. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/which-2016-republican-has-the-most-to-prove-at-cpac-2015/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MONSEES, Linda. 'A war against truth' - understanding the fake news controversy. **Critical Studies on Security**, v. 8, n. 2, p. 116–129, 2020.

_____. Information disorder, fake news and the future of democracy. **Globalizations**, v. 20, n. 1, p. 153–168, 2023.

MORTENSEN, Mette; NEUMAYER, Christina; POELL, Thomas (org.). **Social Media Materialities and Protest: Critical Reflections**. London: Routledge, 2018.

MUDDE, Cas. **The far right today**. John Wiley & Sons, 2019.

MUNGER, Kevin; PHILLIPS, Joseph. Right-Wing YouTube: A Supply and Demand Perspective. **The International Journal of Press/Politics**, v. 27, n. 1, p. 186–219, 2022.

MUSHARBASH, Yassin. The globalization of far-right extremism: An investigative report. **CTC Sentinel**, v. 14, n. 6, p. 39–47, 2021.

NAYIB BUKELE [@NAYIBBUKELE]. **Que sepan todas las ONGs de “derechos humanos”, que vamos a arrasar con estos malditos asesinos y sus colaboradores, los meteremos en prisión y no saldrán jamás. No nos importan sus reportajes lastimeros, sus periodistas prepago, sus políticos marionetas, ni su famosa “comunidad.** [S. l.], 2023. Tweet. Disponível em: <https://x.com/nayibbukele/status/1658608915683201030>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NEUMAYER, Christina; STRUTHERS, David M. Social media as activist archives. **SOCIAL MEDIA MATERIALITIES AND PROTEST**. Routledge, 2018.

NEWTON, Creed. **Why Is CPAC Traveling to Illiberal Hungary?**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.splcenter.org/resources/hatewatch/why-cpac-traveling-illiberal-hungary/>. Acesso em: 5 maio 2025.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

OGDEN, Jessica; SUMMERS, Edward; WALKER, Shawn. Know (ing) Infrastructure: The Wayback Machine as object and instrument of digital research. **Convergence**, v. 30, n. 1, p. 167-189, 2024.

ORELLANA, Pablo de; MICHELSEN, Nicholas. Reactionary Internationalism: the philosophy of the New Right. **Review of International Studies**, v. 45, n. 5, p. 748–767, 2019.

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual sphere 2.0: The internet, the public sphere, and beyond. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF INTERNET POLITICS**. Routledge, 2008.

_____. The virtual sphere: The internet as a public sphere. **New Media & Society**, v. 4, n. 1, p. 9–27, 2002.

PARISER, Eli. **The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You**. Penguin Books, 2012.

PARKER, Daniel. **CPAC: THE ORIGINS AND ROLE OF THE CONFERENCE IN THE EXPANSION AND CONSOLIDATION OF THE CONSERVATIVE MOVEMENT, 1974-1980**. Dissertation, 2015.

PHILLIPS, Tom; IGLESIA, Facundo. Maga on the River Plate as global populist right descends on Argentina. **The Guardian**, 10 dez. 2024. US news. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/dec/10/cpac-argentina-milei-maga-trump-musk>. Acesso em: 18 ago. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Platformisation. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, 2019.

RAUCH, Jennifer. Are There Still Alternatives? Relationships Between Alternative Media and Mainstream Media in a Converged Environment. **Sociology Compass**, v. 10, n. 9, p. 756–767, 2016.

REYES, Daniel; TREJO. **El arma digital de @NayibBukele**. 2024. Disponível em: <https://elfaro.net/tuits/el-arma-digital/?v=1704726786>. Acesso em: 28 out. 2024.

RODRIGUEZ, J. Luis; AND THORNTON, Christy. The liberal international order and the global south: a view from Latin America. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 35, n. 5, p. 626–638, 2022.

SADOWSKI, Jathan. When data is capital: Datafication, accumulation, and extraction. **Big Data & Society**, v. 6, n. 1, p. 1–12, 2019.

SANAHUJA, José Antonio; BURIAN, Camilo López. 1. Las “nuevas derechas” y la ultraderecha neopatriota: conceptos, teoría y debates en el cruce. **Extremas derechas y democracia**, p. 1, 2023.

SANDERS, Rebecca; JENKINS, Laura Dudley. Patriarchal Populism: The Conservative Political Action Coalition (CPAC) and the Transnational Politics of Authoritarian Anti-Feminism. **The International Spectator**, v. 58, n. 3, p. 1–19, 2023.

SANDVIG, Christian. The Internet as Infrastructure. DUTTON, William H. (org.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford University Press, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, p. 109–130, 2006.

SCHMITT, Carl. **The Concept of the Political: Expanded Edition**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2007.

SIVEK, Susan Currie. Editing Conservatism: How National Review Magazine Framed and Mobilized a Political Movement. **Mass Communication and Society**, v. 11, n. 3, p. 248–274, 2008.

SMITH, David. Trump is elephant in the room at CPAC as Republicans admit they’re “scared”. **The Guardian**, 3 mar. 2016. US news. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2016/mar/03/donald-trump-cpac-conservative-conference-maryland-us-election-2016>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SORCE, Giuliana; DUMITRICA, Delia. Transnational dimensions in digital activism and protest. **Review of Communication**, v. 22, n. 3, p. 157–174, 2022.

STAFF, Forbes. Primer CPAC Latino llega a Miami, la “meca” de los hispanos de derecha. **FORBES MÉXICO**. 25 jun. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.mx/primer-cpac-latino-llega-a-miami-la-meca-de-los-hispanos-de-derecha/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

STANLEY, Jason. **How Fascism Works: The politics of us and them**. 1. ed. [S. l.]: Random House New York, 2018.

STAR, Susan Leigh. The Ethnography of Infrastructure. **American Behavioral Scientist**, [s. l.], v. 43, n. 3, p. 377–391, 1999.

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha?: Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio)**. Siglo XXI Editores, 2021.

TARROW, Sidney. **The New Transnational Activism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

THE WHITE HOUSE ARCHIVES. **Remarks by President Trump at the Conservative Political Action Conference – The White House**. [S. l.], 2017.

Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-conservative-political-action-conference/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 133–160, 2010.

TOGO, Kazuhiko. The Assertive Conservative Right in Japan: Their Formation and Perspective. **SAIS Review of International Affairs**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 77–89, 2010.

TOURAINÉ, Alain. On the Frontier of Social Movements. **Current Sociology**, v. 52, n. 4, p. 717–725, 2004.

VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. **Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories**. Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.routledge.com/Far-Right-Revisionism-and-the-End-of-History-AltHistories/Valencia-Garcia/p/book/9781032172835>. Acesso em: 21 jun. 2024.

VASCONCELLOS, Hygino. **Jornalistas são hostilizados em evento com Bolsonaro e Milei em SC**. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/07/balneario-camboriu-reporter-da-cnn-e-hostilizada-em-congresso-conservador.htm>.

Acess

o em: 18 ago. 2025.

VÉLIZ, Carissa. **Privacidade é poder**. Contracorrente, 2021.

VENTURINI, Tommaso. From fake to junk news: The data politics of online virality. **Data politics**. Routledge, 2019. p. 123-144.

WARDLE, Claire. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**, 2017. Disponível em: <https://policycommons.net/artifacts/421935/information-disorder/1392979/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

WARF, Barney. **The SAGE Encyclopedia of the Internet**. SAGE Publications Ltd, 2018.

WHITTAKER, Joe *et al.* Recommender systems and the amplification of extremist content. **Internet Policy Review**, v. 10, n. 2, 2021.

WILLIAMSON, Elizabeth. Meet the Schlapps, Washington's Trump-Era 'It Couple'. **The New York Times**, 30 abr. 2018. U.S. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/04/30/us/politics/schlapp-trump.html>. Acesso em: 8 abr. 2025.

WINTER, Aaron. Online Hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right' and from the Margins to the Mainstream. *In*: LUMSDEN, Karen; HARMER, Emily (org.). **Online Othering: Exploring Digital Violence and Discrimination on the Web**. Cham: Springer International Publishing, 2019.

WOJCZEWSKI, Thorsten. 'Enemies of the people': Populism and the politics of (in)security. **European Journal of International Security**, v. 5, n. 1, p. 5–24, 2020.

ZANINI. **Ministro de El Salvador diz que crime caiu porque Bukele mandou Suprema Corte "al carajo"**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/07/ministro-de-el-salvador-diz-que-crime-caiu-porque-bukele-mandou-suprema-corte-al-carajo.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2025.

ZENG, Jing; BRENNEN, Scott Babwah. Misinformation. **Internet Policy Review**, v. 12, n. 4, 2023. Disponível em: <https://policyreview.info/articles/analysis/misinformation>. Acesso em: 4 mar. 2024.